



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
CAMPUS DE GOIABEIRAS – VITÓRIA/ES

LOACYR CLAUDIO MARTINS FERNANDES

AUTOBIOGRAFIA DOCENTE: relatos da
persistência e da resistência de um professor de
educação física na educação básica

VITÓRIA – ES
2024



LOACYR CLAUDIO MARTINS FERNANDES

AUTOBIOGRAFIA DOCENTE: relatos da persistência e da resistência de um professor de educação física na educação básica

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Quintão de Almeida.

VITÓRIA – ES
2024



Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

F363a Fernandes, Loacyr Claudio Martins, 1966-
Autobiografia docente: relatos da persistência e da
resistência de um professor de educação física na educação básica
/ Loacyr Claudio Martins Fernandes. - 2024.
175 f.

Orientador: Felipe Quintão de Almeida.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Autobiografia. 2. Educação básica. 3. Educação física (Ensino fundamental). 4. Formação profissional. 5. Persistência.
I. Almeida, Felipe Quintão de. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU: 796

LOACYR CLAUDIO MARTINS FERNANDES

AUTOBIOGRAFIA DOCENTE: relatos da
persistência e da resistência de um professor de
educação física na educação básica

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Quintão de Almeida.

Data da defesa: 02/08/2024

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Felipe Quintão de Almeida
Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Titular: Prof. Dr. Alberto Moreno Doña
Universidad de Valparaíso

Membro Titular: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago
Universidade Federal de Minas Gerais

Local: Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação Física e Desporto
UFES – Campus Goiabeiras

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me mantido em vida até este momento.

Aos meus pais, seu Loadyr e dona Zilda (*in memoriam*).

A todos meus irmãos e familiares pela torcida por mim.

À minha esposa, Ruth.

À minha turma 3 de 2022 do PROEF.

Aos professores do PROEF.

Ao meu orientador, Felipe.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

A caminhada é longa e só chega no destino quem tem coragem de continuar mesmo com os desafios! (MORENO, Marianna)

FERNANDES, Loacyr Claudio Martins. **Autobiografia docente**: relatos da persistência e da resistência de um professor de educação física na educação básica. Orientador: Felipe Quintão de Almeida. 2024. 1 volume, 175 folhas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024.

RESUMO

Neste trabalho autobiográfico, exploro minha jornada desde a infância, em um bairro periférico de Vila Velha, até minha trajetória como educador e professor de Educação Física. Com uma carreira de cinquenta e um três anos no ambiente escolar, sendo trinta e três quatro deles dedicados ao magistério, analiso as influências familiares, acadêmicas e esportivas que moldaram minha escolha pela Educação Física. Esta narrativa não apenas descreve eventos significativos, mas reflete sobre a complexidade da prática pedagógica e os desafios enfrentados ao longo do tempo. Utilizando uma abordagem qualitativa e autobiográfica, baseada em minha memória e em fontes documentais, como registros escolares e fotografias, este trabalho busca compreender como as experiências influenciaram minha formação como educador. Minha pesquisa se insere no contexto da pesquisa educacional contemporânea, explorando como as trajetórias de vida dos professores se entrelaçam com suas práticas pedagógicas e refletem as transformações na Educação Física e na Educação ao longo do tempo. A jornada culmina na conquista do ingresso no mestrado Profissional em Educação Física, destacando a persistência e o comprometimento com a formação contínua. Este estudo contribui para a compreensão das trajetórias dos professores e sua evolução profissional no contexto educacional.

Palavras-chave: Autobiografia educacional. Educação Física. Formação docente. Prática pedagógica. Pesquisa qualitativa.

FERNANDES, Loacyr Claudio Martins. **Teacher autobiography**: accounts of persistence and resistance of a physical education teacher in basic education. Advisor: Felipe Quintão de Almeida. 2024. 1 volume, 175 pages. Dissertation (Professional Master's in Physical Education - ProEF) – Center for Physical Education and Sports, Federal University of Espírito Santo, Vitória, 2024. 2024.

ABSTRACT

In this autobiographical essay I explore my journey from childhood in a neighborhood of Vila Velha City to my trajectory as an educator and a physical education teacher with a 53-year career in the school environment and thirty-four years dedicated to teaching. Here I analyze all the familiar, academical and sportive influences which guided my choice of physical education. This essay not only describes significant events but also reflects on the complexity of pedagogical practice and challenges faced over the years. Using a qualitative and autobiographical approach based on my memories and documental sources such as photographs and school registers, it aims to understand how these experiences have influenced my development as an educator. My studies are inserted in a contemporaneous educational research context, exploring how teachers' life trajectories interlace to their pedagogical practices and reflect the changes in physical education as well as in Education over the time. The Journey culminates in my achievement of master's degree in physical education, outstanding for persistence and commitment to continuing education. This study contributes to understanding the teachers' trajectories and their professional evolution in the educational context.

Keywords: Educational autobiography. Physical Education. Teachers schooling. Pedagogical practice. Qualitative research.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Ensino Fundamental I na Escola “Ferro e Aço”, 4ª série, ano de 1976	31
Fotografia 2 – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Prof. José Leão Nunes”, mais conhecida como “Polivalente”, atualmente denominada “Escola de Tempo Integral”	32
Fotografia 3 – Amigos para sempre da 8ª série do Ginásio: Colégio Polivalente ou Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Prof. José Leão Nunes”, atual Escola de Tempo Integral	39
Fotografia 4 – Minha carteira de atleta da <i>Desportiva Ferroviária – Vale do Rio Doce</i>	43
Fotografia 5 – Carteira estudantil do 2º Grau, atual Ensino Médio	44
Fotografia 6 – Cartão de identificação (vestibular de 1987).....	50
Fotografia 7 – Jornal <i>A Gazeta</i> com a divulgação dos aprovados na UFES no concurso do vestibular (1987).....	54
Fotografia 8 – Relação dos alunos aprovados no vestibular da UFES (1987).....	55
Fotografia 9 – <i>Ticket</i> para o nosso almoço no Restaurante Universitário (1990).....	59
Fotografia 10 – Histórico escolar (1987-1990).....	62
Fotografia 11 – Crachá de identificação dos Jogos Universitários em João Pessoa/PB (1988)	63
Fotografia 12 – Crachá de identificação do atleta para os Jogos Universitários em Florianópolis/SC (1990)	64
Fotografia 13 – Súmula dos Jogos Universitários do Espírito Santo (1988).....	65
Fotografia 14 – Súmula dos Jogos Universitários do Espírito Santo (1988).....	66
Fotografia 15 – Nossa turma da aula de Ginástica Olímpica do 1º período (1987).....	69

Fotografia 16 – Nossa sala de aula de Ginástica Olímpica do 1º período (1987).....	69
Fotografia 17 – Nossa turma de futebol de todas as sextas-feiras às 7h	70
Fotografia 18 – Nossa turma de futebol.....	71
Fotografia 19 – Caderno do Centro de Educação Física e Desportos/UFES (anos 1980)	78
Fotografia 20 – A nova escola Jardim Botânico.....	86
Fotografia 21 – Campo de futebol da Escola Jardim Botânico	90
Fotografia 22 – Desfile realizado no bairro da escola.....	96
Fotografia 23 – Entrada principal dos alunos da nova escola.....	97
Fotografia 24 – As primeiras caminhadas apenas com alunos do 6º ano. Aquecimento	99
Fotografia 25 – Aquecimento. Os alunos gostavam muito desses momentos.....	99
Fotografia 26 – Parada na área de Mata Atlântica, para explanação da professora Adriana, de Geografia (à direita da foto, de perfil blusa preta); de costas, professor Loacyr (de camisa grená).....	100
Fotografia 27 – Rua que dá acesso à parte de cima do bairro	100
Fotografia 28 – Treino da seleção australiana em preparação para Copa do Mundo de futebol masculino FIFA em 2014. Estádio de futebol da Desportiva Ferroviária em Cariacica – ES	107
Fotografia 29 – Treino da seleção australiana para a Copa do Mundo de futebol masculino FIFA em 2014. Alunos da escola EMEF Iracy Gobbi assistem ao evento da arquibancada do Estádio da Desportiva Ferroviária em Cariacica – ES	108
Fotografia 30 – Cesta de café da manhã recebida em minha residência, como presente da escola Jardim Botânico, após minha aposentadoria durante a reunião via <i>Google Meet</i>	111
Fotografia 31 – Placa recebida das mãos do Prefeito Helder Salomão na inauguração da quadra poliesportiva da escola Maria Augusta Tavares	112

Fotografia 32 – Homenagem recebida na Câmara Municipal de Vereadores do Município de Cariacica – ES.....	113
Fotografia 33 – Reforma da quadra poliesportiva da escola durante a pandemia de COVID-19.....	114
Fotografia 34 – Alunos da escola durante a referida homenagem.....	115
Fotografia 35 – O diretor da escola, à esquerda, com a fala ao microfone. Eu, como sempre, com uma camisa de algum clube esportivo, sentado à esquerda do diretor.....	116
Fotografia 36 – Recebimento da placa de homenagem das mãos do diretor da escola.....	117
Fotografia 37 – Placa de homenagem.....	117
Fotografia 38 – Momento da abertura oficial da quadra “Professor Loacyr Claudio Martins Fernandes (Cica)”.....	118
Fotografia 39 – Placa da quadra poliesportiva, agora denominada “Professor Loacyr Claudio Martins Fernandes”.....	118
Fotografia 40 – Exposição de troféus da Escola Juiz Jairo De Mattos, em sua maioria conquistados pelas equipes de handebol masculino e feminino	128
Fotografia 41 – Apresentação, na escola, para os professores acerca do Congresso “Conhecer” de 2009	135
Fotografia 42 – Apresentação do resumo de todos os Congressos “Conhecer” de que havia participado. Ao lado esquerdo da foto, sentado na cadeira, o professor de Informática, Fabrício	136
Fotografia 43 – Calendário do <i>Museu Vale</i> , em que há uma aluna da escola no recorte da foto. Exposição “Seu Sami”, 2007.....	138
Fotografia 44 – Calendário do <i>Museu Vale</i> , em que se observam nossos alunos e alunas. Exposição “Seu Sami”, 2007	138
Fotografia 45 – Palestras sobre história das Copas na escola Juiz Jairo de Mattos Pereira. Dando início ao projeto Copa do Mundo.....	146
Fotografia 46 – Sorteios das turmas. Trabalho realizado pela professora Mariana, de Educação Física	147

Fotografia 47 – Porta da sala da Turma do 6º ano D, que representou o Marrocos, seleção o 4º lugar na Copa realizada no Qatar em 2022	148
Fotografia 48 – 3º momento. Evento esportivo. Jogo de queimada mista	149
Fotografia 49 – 3º momento. Alunos sentados em volta da quadra, representando a seleção do Irã.....	150
Fotografia 50 – Momento de preparação do local onde os alunos realizaram as apresentações culturais	151
Fotografia 51 – 4º momento. Evento no pátio com apresentação de atividade referente à cultura ou curiosidades de algum país	151
Fotografia 52 – Mostra cultural e eventos esportivos. Alunos participando do torneio de eliminatória simples de futebol virtual com jogadores lendários	152
Fotografia 53 – Palestra para os alunos da EJA da escola Juiz Jairo de Mattos Pereira. Ao meu lado direito, sentada e de blusa verde, está a pedagoga Roberta.....	154
Fotografia 54 – Produção de atividades dos alunos da EJA após o evento. Essa noite foi reservada pela pedagoga somente para a palestra e as atividades. Muito emocionante!	155
Fotografia 55 – Alguns foram fazer pesquisa sobre o tema na sala de informática.....	156
Fotografia 56 – Produto das atividades dos alunos da EJA referentes ao tema Copa do Mundo.....	156
Fotografia 57 – Formação continuada para professores de Educação Física da rede municipal de Vila Velha, turno matutino.....	158
Fotografia 58 – Turno vespertino	159
Fotografia 59 – Palestra. Formação para os professores, professora de Educação Especial e pedagogos da EJA do 1º e 2º segmentos. <i>Biblioteca Municipal Titanic</i> , em Vila Velha/ES.....	160
Fotografia 60 – Auditório da <i>Biblioteca Municipal Titanic</i> durante formação em serviço	160

LISTA DE SIGLAS

CEF	Conselho Federal de Educação
CEFD	Centro de Educação Física e Desportos
Cepe	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
Cipa	Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica
Enefd	Escola Nacional de Educação Física e Desportos
JUBs	Jogos Universitários Brasileiros
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ProEF	Programa de Pós-Graduação em Educação Física
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
Usais	<i>United States Agency of International Development</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	METODOLOGIA.....	20
3	CAMINHOS DE SAUDADE: UMA SINFONIA DE VIVÊNCIAS	23
4	PRIMEIROS PASSOS: A EDUCAÇÃO INFANTIL E AS LEIS DOS ANOS 70	28
5	JOGOS E MEMÓRIAS: A ESCOLA FERRO E AÇO NOS ANOS 70	29
6	DO KICHUTE AOS TÊNIS RAINHA: O LEGADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DE OUTRORA.....	32
7	O TEMPO DO 2º GRAU: ESPORTES E APRENDIZADO NO COTIDIANO ESCOLAR	44
8	ENTRE DECISÕES E INFLUÊNCIAS: A JORNADA RUMO À EDUCAÇÃO FÍSICA	47
9	TESTES E CELEBRAÇÃO: A HISTÓRIA DE UM INGRESSO NA EDUCAÇÃO FÍSICA NA UFES.....	50
10	PERCALÇOS E CONQUISTAS: MINHA TRAJETÓRIA NA GRADUAÇÃO (1987-1990)	57
11	ENTRE BARRACÕES E CÉUS: UMA JORNADA PELA ESCOLA NO JARDIM BOTÂNICO	79
12	HARMONIA E ESFORÇOS: UNINDO FORÇAS NOS JOGOS E DESFILES DA ESCOLA	95
13	DIALOGANDO COM GEOGRAFIA DO BAIRRO.....	98
14	FUTEBOL NAS VEIAS: MEMÓRIAS DE UM EDUCADOR EM TEMPOS DE COPA	105
15	ENTRE NOTAS E EMOÇÕES: DESPEDIDA DE UM EDUCADOR	109
16	HOMENAGENS EM CADA LINHA: A JORNADA DE UM EDUCADOR ..	112

17	HARMONIA NO PÁTIO: VIDA E APRENDIZADO NA “EMEF CONSTANTINO JOSÉ VIEIRA”	120
18	ALÉM DAS TRAVES: IMPROVISOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA	125
19	REFLEXÕES DE UM EDUCADOR NA “UMEF JUIZ JAIRO DE MATTOS PEREIRA”	127
20	ENTRE PALAVRAS E GESTOS: ESTRATÉGIAS PARA O RECONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO	134
21	DA EXCLUSÃO À PARTICIPAÇÃO: RESSIGNIFICANDO OS JOGOS INTERCLASSES	140
22	JOGOS, CULTURAS E EDUCAÇÃO: A COPA DO MUNDO NA ESCOLA.....	143
23	ESTAÇÕES DE CONHECIMENTO: ALUNOS DA EJA E AS HISTÓRIAS DAS COPAS	153
24	DESPERTANDO SABERES: O DESAFIO DA FORMAÇÃO EM VILA VELHA	157
25	DA ESPERANÇA À REALIDADE: MINHA VONTADE DE CURSAR A PÓS-GRADUAÇÃO	161
26	CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
	REFERÊNCIAS.....	170

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, empreendi uma jornada autobiográfica que se inicia em meu nascimento, em um bairro periférico de Vila Velha, no Espírito Santo. Esta narrativa pretende explorar e analisar a minha caminhada de vida profissional, destacando meu desenvolvimento como pessoa, filho, aluno e, principalmente, como profissional inserido no contexto da Educação e da Educação Física Escolar.

Segundo Nóvoa (1992), é fundamental compreender que o professor não se limita a ser apenas um profissional; ele é, antes de tudo, uma pessoa. Essa perspectiva enfatiza a importância de reconectar as dimensões pessoais e profissionais, possibilitando que os professores integrem seus processos de formação à narrativa de suas próprias histórias de vida.

Ao longo de cinco décadas, vivenciei uma rica e multifacetada experiência no ambiente escolar, perfazendo um total de cinquenta e um (51) anos de imersão nesse universo. Desse período, trinta e três (33) anos foram dedicados ao exercício do magistério como professor. Conforme enfatiza Rodrigues Júnior (2016, p. 15), ao conceber todo indivíduo no mundo como sujeito em constante construção, o exercício narrativo também desvela aquilo que ele projeta para si, o que gostaria de ser como pessoa e profissional. Dessa forma, a presente trajetória autobiográfica não apenas revelou os eventos e momentos significativos em minha vida, mas também explorou minha contínua busca por crescimento pessoal e profissional.

O objetivo deste relato autobiográfico é desvelar os momentos importantes de minha carreira ao longo dos anos e, para tanto, aborda não apenas minha vida profissional, mas também lança luz sobre minha vida familiar e os caminhos que percorri em direção à construção de uma identidade como educador. Através dessa jornada, busquei oferecer uma perspectiva sobre a complexidade das vivências e desafios enfrentados ao longo de minha trajetória pessoal e profissional, bem como a transformação da minha prática pedagógica.

Meu propósito era mergulhar no passado, explorando as interações entre minha experiência pessoal e as transformações mais amplas que ocorreram no campo da Educação Física e da Educação em geral. Nessa jornada, compartilhei não apenas as conquistas e sucessos, mas também as dificuldades e os obstáculos superados ao longo de mais de meio século dedicado à Educação.

Esta narrativa autobiográfica é mais do que uma mera descrição cronológica de eventos; é uma análise reflexiva das influências, das escolhas e dos aprendizados que moldaram minha jornada como educador. Através dessa pesquisa pessoal, busquei contribuir para a compreensão das trajetórias de vida dos professores e da maneira elas estão intrinsecamente relacionadas às suas práticas pedagógicas. Assim, esta dissertação se insere no contexto da pesquisa educacional, oferecendo conhecimentos valiosos sobre a evolução do papel do professor ao longo do tempo, com base em minha própria experiência e na reflexão sobre essa jornada.

Na Educação Física e na Educação, nos últimos anos, pôde-se verificar um aumento de publicações com foco nas histórias de vida, nas biografias docentes, como os trabalhos de Almeida e Fensterseifer (2007), Batista (2020), Borges (1998), Figueiredo (2004), Machado (2012), Nóvoa (1992) e Rodrigues Júnior (2016). Nesses estudos, os autores pesquisam as trajetórias de vida escolar e a carreira do magistério, explorando como cada um tomou a decisão e optou pelo curso de graduação e licenciatura em Educação Física. Em suas pesquisas, os autores trazem à tona como tomaram tais decisões e como as experiências, as motivações e os saberes reverberaram em suas práticas.

Portanto, para Paixão (1998), o caminho percorrido evidencia a adesão a uma perspectiva de qualificação da formação do professor que incorpora resultados de pesquisas no âmbito das Ciências Sociais e mostra a complexidade de tais processos, o que reforça a importância de compreender as trajetórias de vida e as escolhas dos professores.

Neste segmento, compartilhei minhas experiências com a Educação Física na Educação Básica, desde o pré-primário (atual Educação Infantil) até as séries iniciais (de 1ª a 4ª séries) do Ensino Fundamental. Na transição para o ginásio (atual Ensino Fundamental II), descrevi meus primeiros contatos com a Educação Física e posteriormente minha vivência no 2º Grau (atual Ensino Médio), em que predominaram as práticas esportivas. Além disso, abordei minha relação com os professores de Educação Física, com ênfase em um deles, que se tornou uma influência significativa em minha decisão de ingressar nessa área.

Todos esses caminhos, de alguma forma, inicialmente me direcionaram para a busca de um curso superior, uma ideia firme do meu pai. Por outro lado, a minha relação com o esporte, em especial com o futebol, tornou-se um fator que se somou a todos os elementos anteriores e contribuiu na escolha pelo curso de Educação Física. Essa influência do esporte na escolha acadêmica é um fenômeno destacado por Figueiredo (2004) na pesquisa em que a autora relata experiências sociocorporais não escolares e a formação inicial.

Minha aprovação na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) foi motivo de grande felicidade para meus irmãos, meus amigos e, especialmente, para meu pai. Portanto, minha vida pode ser dividida em duas fases distintas: antes e depois da minha aprovação no curso superior em Educação Física.

Portanto, vou abordar minha trajetória durante a graduação nos anos 1980, mais precisamente no período de 1987 a 1990. Em um currículo tradicional esportivo (Betti; Betti, 1996), explorei ao máximo as oportunidades, principalmente nas disciplinas práticas, atuando como atleta representante da UFES em inúmeros eventos esportivos no âmbito regional e no nacional. Durante esse período, também

testemunhei as primeiras tensões surgidas no movimento de renovação da Educação Física impulsionado por alguns professores.¹

Após explorar aspectos da minha formação inicial, meu enfoque se voltou para narrar minhas experiências como professor de Educação Física em três escolas em que atuei: escola Jardim Botânico, em Cariacica, de 1991 a 2021, seguida pela escola Constantino José Vieira, no município de Viana, de 1993 a 2004, e, posteriormente, de 2004 a 2024, na escola Juiz Jairo de Mattos Pereira, em Vila Velha. Escolhi essas três instituições pois foram nelas em que trabalhei por mais tempo. Depois disso, comentei minhas experiências atuando como formador de professores na rede municipal de Vila Velha. Na sequência, antes das considerações finais, apresentei meus esforços para entrar em um curso de pós-graduação *stricto-sensu*.

¹ Machado (2012) identificou e descreveu esse fenômeno como o Movimento Renovador da Educação Física, que teve suas origens na década de 1980 e no início de 1990. Esse grupo de professores originou tensões que indicavam as mudanças significativas que estavam por vir no campo da Educação Física.

2 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, utilizei uma abordagem qualitativa, como destacado por Minayo (2007, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2007, p. 21).

Como meu trabalho é autorreferenciado, utilizei a abordagem “autobiográfica” para analisar a trajetória de um professor de Educação Física. Minha principal fonte de dados foi a minha memória, que, de acordo com Rodrigues Júnior (2016, p. 25), resulta de uma conexão entre o passado e o presente, refletindo a percepção e a representação atual que tenho das experiências. Para entender melhor essa relação entre memória e experiência, é importante considerar:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1990, p. 423).

Esta memória servirá de base para as minhas narrativas autobiográficas. Conforme destacado por Daolio, citado por Rodrigues Júnior (2016), o método de narrativa autobiográfica permite aos professores refletirem sobre suas experiências de vida, desde a infância até a formação universitária, abrangendo relações familiares e experiências como alunos na educação básica. Essas narrativas possibilitam que os professores deem sentido às suas práticas profissionais e compreendam como suas vidas pessoais se entrelaçam com suas carreiras.

De acordo com Paixão (*apud* Borges, 1998), o caminho percorrido evidencia a adesão a uma perspectiva de qualificação da formação do professor que incorpora resultados de pesquisas no âmbito das Ciências Sociais e mostra a complexidade de tais processos.

O movimento autobiográfico, quando abordado de maneira linear, tem suas raízes nas primeiras obras que começaram a explorar as complexidades das narrativas de vida, um fenômeno que ganhou destaque a partir da década de 1980. À medida em que avançamos para os anos 1990, o referido movimento entrou em um período de afirmação, consolidando-se como uma abordagem significativa na pesquisa educacional. A virada do século apresentou um desenvolvimento notável dessa perspectiva, com o início do novo milênio marcando uma fase de crescimento diferenciado.

Neste contexto, em 2004, surgiu o marco do Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica (Cipa), que reuniu acadêmicos e pesquisadores interessados em explorar o potencial das narrativas autobiográficas como ferramenta de pesquisa. Quatro anos depois, em 2008, testemunhamos a criação da Associação Brasileira de Pesquisa Autobiográfica, evidenciando o compromisso crescente com essa abordagem no cenário acadêmico brasileiro. Finalmente, em 2016, foi lançada a *Revista Brasileira de Pesquisa Autobiográfica*, consolidando ainda mais o papel vital dessa perspectiva na pesquisa educacional contemporânea.

Utilizei registros escolares, fotografias, jornais, crachás, certificados e mantive conversas com familiares e ex-colegas, conduzidas por meio de mensagens de texto no *WhatsApp*, entre outros elementos que compõem minha trajetória. Essa abordagem me permitiu explorar não apenas eventos e marcos significativos da minha carreira, mas também experiências subjetivas e reflexivas que contribuíram para a formação da minha identidade como educador.

Para complementar, realizei uma revisão da literatura existente sobre autobiografias docentes e estudos de trajetórias de vida na Educação Física, o que, ao contextualizar minha história dentro do campo mais amplo da pesquisa educacional, enriqueceu minha análise.

Com base em minha experiência pessoal e nas reflexões proporcionadas por minha narrativa autobiográfica, busquei contribuir para uma maior compreensão das trajetórias de vida dos professores e como essas trajetórias estão intrinsecamente relacionadas às suas práticas pedagógicas.

No momento atual, encontro-me imerso em uma jornada permeada por mudanças significativas, impulsionada por um desejo de aprimorar minha prática pedagógica. Essa paixão foi reacendida com minha inserção no curso de formação continuada, o mestrado profissional em Educação Física do ProEF. Além de compartilhar minha própria trajetória, acredito que meu relato pessoal pode oferecer perspectivas para a pesquisa em Educação Física e Educação em um contexto mais amplo.

3 CAMINHOS DE SAUDADE: UMA SINFONIA DE VIVÊNCIAS

Sou de uma família de negros composta por seis irmãos. Quando completei os cinco anos e cinco meses, nasceu meu irmão, ocupando o lugar e os privilégios de caçula. Aliás, eu sou o único a assumir o segundo nome de meu pai e, junto com meu irmão mais novo, o sobrenome de minha mãe. Os outros quatro irmãos ficaram somente com o sobrenome paterno. Portanto, eu sou filho de Loadyr Claudio Fernandes e Zilda Martins Fernandes, ficando assim o meu nome: Loacyr Claudio Martins Fernandes. Nascido no dia 26 de janeiro do ano de 1966, em Vitória, capital do estado do Espírito Santo, na Maternidade do doutor Arnaldo, nunca tive residência fixa na cidade, embora tenha nela nascido.

Meus pais foram grandes incentivadores para que nós, além de estudar e ter uma profissão, aprendêssemos a manejar algum instrumento musical, pois ambos eram excelentes cantores. Em nossa casa, sempre ouvíamos muita música, inclusive vendo-os cantar em igrejas, em dupla ou mesmo meu pai fazendo solo musical – ele tinha uma voz muito bonita.

Resultado: minhas irmãs, a primogênita com sete anos, aprenderam a tocar acordeão e cantam em um grupo musical até hoje. Meus irmãos, um pouco mais velhos que eu, também seguiram caminhos musicais, sendo que um deles chegou a ser percussionista de banda musical, enquanto o outro tem um gosto peculiar por música, especialmente o gênero internacional. Meu irmão caçula é músico profissional da Banda da Polícia Militar do Espírito Santo e professor/maestro regente da Banda Júnior da Polícia Militar do Espírito Santo.

Quanto a mim, ganhei um violão de aniversário, presente de meu pai, que guardo e dedilho até hoje. Aprendi a tocar o instrumento com o professor Durval Denadai e, posteriormente, um órgão eletrônico para aprimorar meus conhecimentos em música com o professor Sebastião Isídio.

Entre os três e os quatro anos de idade, com a chegada da televisão em

minha casa, eu gostava muito de assistir à propaganda do extrato de tomate Elefante da marca *Cica*. De qualquer lugar em que eu estivesse, na casa ou no quintal, quando o comercial era apresentado na televisão, eu era chamado para assistir e, muitas vezes, dançava em frente da televisão. Com o passar do tempo, todas as vezes em que a propaganda era exibida, meus irmãos, pai ou mãe já “gritavam” em bom tom: “Cica! Cica!”. Então eu, que já sabia prontamente que era o anúncio publicitário do extrato de tomate, corria apressadamente para a frente do aparelho televisor.

Com o passar do tempo, “Cica” ficou associado à minha pessoa e tornou-se uma alcunha muito forte, marcante e carinhosa, que suplanta, muitas vezes, meu próprio nome e pessoa.

A alcunha enquanto instrumento de referência tem um importante papel na interação comunitária, facilitando a comunicação. Como elemento qualificativo ou caracterizador surge a partir de uma característica que se destaca, permitindo distinguir uma pessoa (mas também, um animal, objeto ou lugar) de forma rápida, fácil e inequívoca, na comunidade (NUNES, 2016, p. 1).

Para dimensionar a extensão do meu apelido, certa feita, no ano de 1991, a Secretaria de Educação ligou para minha casa para informar a respeito da minha chamada para trabalhar como professor contratado. Minha mãe, ao atender o telefone, quando perguntada se Loacyr Claudio Martins Fernandes era residente, respondeu que não. Embora a pessoa do outro lado da linha insistisse, minha mãe continuou afirmando que não morava ninguém com esse nome e, então, a ligação encerrou ali. Perguntei à minha mãe quem era e ela respondeu que era “uma tal de Secretaria da Educação procurando por Loacyr Claudio Martins Fernandes e que ligaria depois”. Então, disse: “Mãe, Loacyr sou eu”. Pedindo-me desculpas, ela disse que não devia estar bem. Posteriormente, ligaram-me e tudo ficou certo.

Em outra ocasião, ao assumir minha cadeira na Prefeitura de Vila Velha, a secretária da escola veio me perguntar se meu nome era Cica. Eu disse que não, que meu nome era Loacyr. Então ela me mostrou o livro de ponto do mês que o

coordenador da escola acabara de atualizar e lá estava escrito: professor de Educação Física – Cica. Ela me disse: “Ainda bem que te perguntei, pois imagine se a fiscalização passa aqui para olhar o livro de ponto”. É claro que tiveram que fazer a correção. Esse é um exemplo que mostra que a alcunha passa a apelido quando é usada como nome identificador de todos os elementos de uma família porque a comunidade conhece os indivíduos pelos seus atributos, desconhecendo os nomes oficiais (Nunes, 2016). Portanto, até hoje, eu sou muito mais conhecido como “Cica” do que como Loacyr. Sobre esse assunto, destaca Rodrigues Júnior (2016, p. 13-14):

É sabido que toda a demanda necessária à formação do indivíduo, as diferentes etapas desde o nascimento e os primeiros contatos com familiares diretos, a formação do círculo de amizade fora e dentro da família, fora e dentro da escola, a interação com amigos e professores, a conclusão do Ensino Fundamental e Médio geram uma carga de experiências fundamentais na estruturação de valores, de opiniões, na compreensão de fatos relacionados à vida e é decisiva na realização de escolhas, compondo determinada visão de mundo que vai abarcar posicionamentos que são assumidos frente à opinião dos outros, a compreensão deles, seus diferentes posicionamentos e ensinamentos (RODRIGUES JÚNIOR, 2016, p. 13-14).

Morei até 1968 no morro da Esso, atualmente conhecido como “Sagrada Família” (o nome “morro da Esso” fazia referência à empresa Esso – hoje desativada –, cujos tubos passavam próximos à localidade). Esse morro pertencia ao extenso bairro de São Torquato, situado em Vila Velha. Posteriormente, minha família mudou-se para o bairro Cobilândia, no mesmo município, onde permanecemos até maio de 1970. Em seguida, transferimo-nos para o município de Cariacica, mais precisamente para o bairro Vale Esperança, que foi construído pela Companhia de Habitação Popular (Cohab/ES). Esse conjunto habitacional era habitado inicialmente por muitos trabalhadores da Companhia Ferro e Aço de Vitória (Cofavi), local onde meu pai trabalhou até sua aposentadoria. Inicialmente, ele atuava como torneiro mecânico e depois ascendeu à função de encarregado de oficina, encerrando sua carreira como membro da direção do Sindicato dos Metalúrgicos do Espírito Santo.

As primeiras lembranças que tenho do bairro em que vivi remontam à Copa

do Mundo de Futebol de 1970, realizada no México. Nesse período, minha família decidiu assistir à final do campeonato na casa de uma amiga de minha mãe, dona Arlinda. Curiosamente, minha principal recordação desse evento não se relaciona ao jogo em si, mas ao que aconteceu após a partida final, entre Brasil e Itália, quando pude observar uma quantidade impressionante de balões cruzando os céus. Esse momento ficou marcado em minha memória.

A partir desse acontecimento, minha paixão pelo futebol foi intensificada e nunca mais deixei de acompanhar as edições subsequentes das Copas do Mundo. Acredito que esse evento marcou o início de uma relação muito significativa entre mim e o futebol e com as histórias e os acontecimentos relacionados aos campeonatos mundiais. Para Rodrigues Júnior (2016, p. 13), a reconstrução dos eventos acontecidos no passado a partir da perspectiva que tem o sujeito no presente é o exercício proporcionado pela ação de tratar de sua própria história de vida. Nesse sentido, a Copa do Mundo de 1970 se tornou um marco em minha vida, influenciando positivamente minha relação com o futebol e alimentando o fascínio pelas histórias épicas desse megaevento esportivo de relevância mundial.

Vivi a infância, a adolescência e a juventude nesse bairro, experienciando também as diferentes etapas motoras e atividades culturais, organizadas ou informais: nadei no rio usando o estilo popularmente conhecido como “cachorrinho” e costumava confeccionar minha própria vara de pescar e utilizar anzóis mosquitinhos para a prática.

Além disso, escalava barreiras e árvores, saltava de barrancos cima de valas e até aprendi a realizar saltos mortais. Empinar pipas e rodar pião também estavam entre as brincadeiras habituais, dentre as quais se destacavam os jogos de pular cela, polícia e ladrão, pique salvo, pique lata, bem como o jogo de malha. Além disso, chegava a montar armadilhas para capturar passarinhos. Quanta maldade!

Em momentos festivos, participei de danças como quadrilha e *twist* – um

estilo popular dos anos 60 –, roda de capoeira, concurso de calouro e peça teatral. Outra atividade que me traz lembranças hilariantes e perigosas é a descida da ladeira em carrinhos de rolimã, brincadeira da qual, volta e meia, alguém saía com a coxa ralada ou com o calção rasgado. E, claro, não poderia faltar o futebol, que era uma paixão compartilhada entre meus amigos. As memórias dessa época me trazem saudades.

Recordo-me do poeta Bastos Tigre (1882-1957), leitura feita quando cursava a 8ª série, quando dizia que a saudade é “[...] ventura ausente, / Um bem que longe se vê, / Uma dor que o peito sente / Sem saber como e porquê”.

4 PRIMEIROS PASSOS: A EDUCAÇÃO INFANTIL E AS LEIS DOS ANOS 70

Matriculado aos cinco anos, em 1971, ingressei no pré-primário (hoje Educação Infantil). Estudei dois anos no pré-primário e, posteriormente, ingressei, com sete anos, na 1ª série (atual Ensino Fundamental I).

De acordo com o artigo 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, vigente na época como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação (Brasil, 1961), a prática da Educação Física era obrigatória nos cursos primários (Educação pré-primária e Ensino Primário) e médio (Ginásio e Colégio) para alunos com idade até dezoito anos. Não tínhamos professor de Educação Física, mas, como, segundo a lei, a disciplina era obrigatória, nossa professora separava alguns dias da semana e realizava conosco atividades recreativas e brincadeiras de roda.

Em 1º de novembro de 1971, entrou em vigor o Decreto nº 69.450, que caracterizava os objetivos da Educação Física no ensino primário no seu art. 3º:

Art. 3º. [...]

Inciso I - [...] atividades físicas de caráter recreativo, de preferência as que favoreçam a consolidação de hábitos higiênicos, o desenvolvimento corporal e mental harmônico, a melhoria da aptidão física, o despertar do espírito comunitário da criatividade, do senso moral e cívico, além de outras que concorram para completar a formação integral da personalidade (BRASIL, 1971, art. 3º, inciso I).

Portanto, estava sendo regido por essa lei a partir do meu último ano do ensino primário. Para Impolcetto e Darido (2020, p. 16), bastava a atividade para se caracterizar como Educação Física.

O termo atividade empregado no texto legal, remete à ideia de que a Educação Física estava relacionada a um fazer prático que não precisava de uma reflexão teórica, pois a área não se configurava como um campo de conhecimento dotado de um saber próprio, apenas uma experiência limitada em si mesma (IMPOLCETTO; DARIDO, 2020, p. 16).

5 JOGOS E MEMÓRIAS: A ESCOLA FERRO E AÇO NOS ANOS 70

Terminados os dois anos de pré-primário, em 1973, ingressei na escola de 1º Grau Ferro e Aço (hoje Ensino Fundamental I). Nessa escola, estudei do 1º ao 4º ano primário. No início, os uniformes eram camisas brancas com gravatas azuis e, por cima da gravata, no sentido horizontal, uma pequena listra branca indicando o ano em que nós estudávamos. Se aluno do 1º ano, uma listra branca; quem era da turma do 2º ano tinha duas listras brancas e assim sucessivamente. Os *shorts* eram de cor azul marinho, meias brancas e Kichute. Já no 4º ano primário, as listras indicando o ano em que estudávamos, bem como as gravatas, deixaram de fazer parte do uniforme.

Novamente estava sem professor de Educação Física no ensino primário, mas me lembro de que, na parte de baixo da escola, havia um terraço (terreno baldio) em que nós, antes das aulas, jogávamos futebol. A professora que lecionava as disciplinas em sala, da mesma forma que a professora do pré-primário, fazia conosco algumas atividades recreativas. Lembro-me muito das cantigas de roda e de alguns jogos de estafetas. As cantigas de roda eram mais marcantes, pois as meninas sempre faziam rodas antes da entrada e na hora do recreio. Havia também a brincadeira do gato e do rato, além de cabra cega. Nós fazíamos atividades juntos com meninas; reboávamos com a música “Alface já nasceu”; abraçávamos as meninas com uma canção que falava: “Maria, tem dó de mim, Maria, me dá um abraço”. Então a gente tinha que abraçar alguém e, quando esse ficasse sozinho, a gente pedia a bênção do vovô ou da vovó. Os meninos costumavam escolher dar abraços nas meninas e vice-versa. Portanto, as brincadeiras e as atividades que compartilhei eram uma parte de nossa experiência escolar. Elas também se alinhavam com os principais objetivos

[...] para o Ensino de 1º Grau (até a 4ª série) que estavam relacionados à consolidação de hábitos higiênicos, ao desenvolvimento corporal e mental harmônico e à melhoria da aptidão física, sendo que os conteúdos indicados para atingir tais objetivos eram as atividades físicas de caráter recreativo (IMPOLCETTO; DARIDO, 2020, p.17).

Durante a minha época de escola, muitos de nós tirávamos fotos como recordação e os fotógrafos frequentemente nos faziam a oferta sem compromisso, porém pegavam nosso endereço e entregavam pessoalmente em nossa casa, oferecendo as fotos à venda. Comovidos pela imagem de suas proles, muitos pais acabavam comprando. Esses momentos fotográficos, agora preciosos registros de nossa infância, são uma ilustração vívida de como a memória se entrelaça com o passado e com o presente. Como destacado por Rodrigues Júnior (2016, p. 30), a memória, especialmente quando revirada intencionalmente através de narrativas autobiográficas ou imagens, é fundamental para a compreensão de eventos específicos vividos durante a Educação Básica.

Estes momentos fotográficos da infância evocam uma parte da minha trajetória na Educação Básica e há todo um contexto envolvendo essas fotos. Ao observar a imagem, noto detalhes que acrescentam significado. À esquerda da foto, um telefone, um objeto raro na década de 1970, especialmente para uma família de operários. À direita, a bandeira do Brasil. Na parte frontal da foto, o nome da escola: “Escola de 1º grau Ferro e Aço”, construída principalmente para atender os filhos dos funcionários da empresa local, que tinha o mesmo nome. Além de manter esses estudantes próximos de suas residências, a empresa possuía um clube denominado “Ferro e Aço Esporte Clube” para que os funcionários e suas famílias desfrutassem de momentos de lazer. Todos esses elementos são peças para compreender um pouco da história e o momento que estava vivendo na minha época da Educação Básica.

Portanto, a memória pessoal do momento retratado literalmente pelas lentes de uma câmera fotográfica está vinculada à história de uma escola em que eu estudava, a qual foi criada por uma estatal, a Companhia Ferro e Aço de Vitória, que, embora localizada no município de Cariacica, carregava o nome da capital Vitória, tendo sido criada em 1942, no início do processo de industrialização do estado do Espírito Santo. Dessa maneira, as lembranças e as memórias não são estanques da minha história de vida, de uma sociedade, de um tempo, de um local

etc. Halbwachs argumenta que não devemos distinguir rigidamente entre memória pessoal e memória histórica, pois elas estão interligadas. Portanto,

[...] lembranças de nossa infância, vale mais não distinguir uma memória pessoal, que reproduziria tal como nossas impressões de outrora, que não nos faria sair do círculo estreito de nossa família, da escola e de nossos amigos; e uma outra memória que chamaríamos de histórica, onde não estariam compreendidos senão os acontecimentos nacionais que não pudemos conhecer então; tão bem que por uma penetraríamos num meio no qual nossa vida já se desenrolava, sem disso nos apercebermos, enquanto a outra nos colocaria em contato com nós mesmos ou com um eu alargado realmente até os limites do grupo que comporta o mundo da criança. Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia a nossa memória. Por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e datas, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto (HALBWACHS, 1990, p. 60).

Fotografia 1 – Ensino Fundamental I na Escola “Ferro e Aço”, 4ª série, ano de 1976

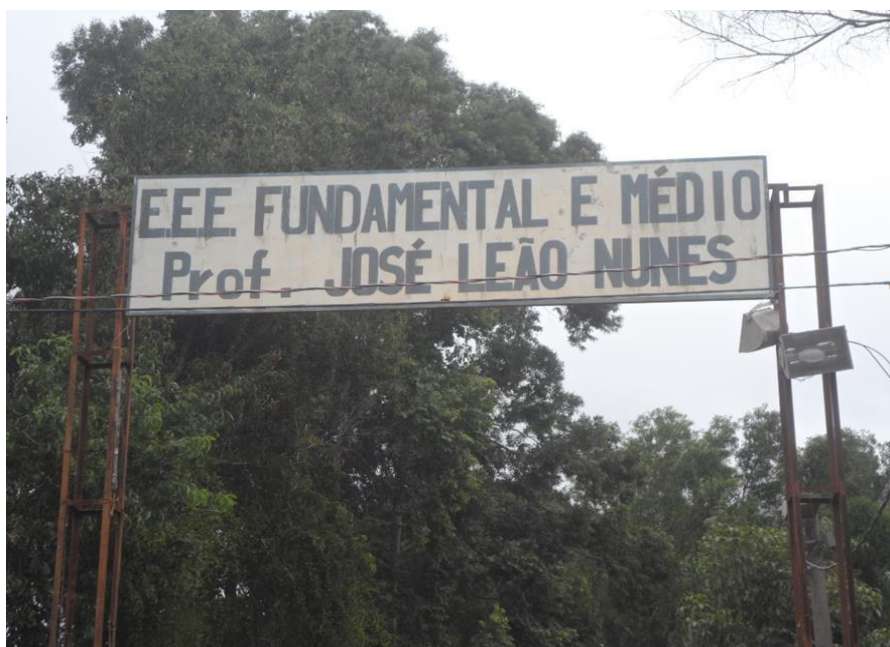


Fonte: Acervo do autor (1976)

6 DO KICHUTE AOS TÊNIS RAINHA: O LEGADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DE OUTRORA

Finalizado o ensino primário (Ensino Fundamental I) em 1977, era hora de ir para o Ginásio – hoje conhecido como Ensino Fundamental II –, que ia da 5ª à 8ª série. Então continuei a estudar nesse mesmo bairro, no colégio referenciado como “Polivalente² de Ferro e Aço”, pois os muros da escola faziam divisa com a companhia de mesmo nome. Era a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Prof. José Leão Nunes”, hoje escola de tempo integral.

Fotografia 2 – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Prof. José Leão Nunes”, mais conhecida como “Polivalente”, atualmente denominada “Escola de Tempo Integral”



Fonte: Acervo do autor (2016)

Nesta escola, houve o meu primeiro contato com professor de Educação Física. Meus irmãos mais velhos, que já haviam ingressado no Polivalente, falaram-me sobre as aulas da disciplina, as quais eram ministradas pelo professor Romildo, sempre no contraturno, já que eu estudava de manhã e as aulas eram na parte da

² As escolas polivalentes surgiram em meio ao momento de difusão da vertente pedagógica tecnicista, a qual foi constituída com base nos acordos entre o Brasil e os Estados Unidos, por meio das ações entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e *United States Agency of International Development* (Usaid) (LIMA, 2018).

tarde.

Enquanto recordo vividamente os primeiros dias de cada ano letivo, quando o coordenador enviava os horários das aulas de Educação Física para os pais, também não posso deixar de notar como o nosso uniforme escolar era estritamente regulado. Usávamos Kichute³, meias brancas, calção preto e camiseta Hering branca. Sem esse uniforme, não nos era permitido participar das aulas de Educação Física e, em vez disso, retornávamos para casa com uma ocorrência que nossos pais deveriam assinar. Essas aulas eram intensas, focando em atividades físicas de resistência e uma série de exercícios.

À medida em que avançávamos para a 5ª série e posteriormente para o 2º Grau, os objetivos educacionais passavam por uma transformação. Agora, o foco estava no desenvolvimento das nossas potencialidades físicas, morais e psicológicas, na promoção da saúde e na instauração de hábitos saudáveis. Nesse contexto, os conteúdos educacionais foram direcionados para as atividades de iniciação esportiva, como enfatizado por Impolcetto e Darido (2020). Essa mudança na programação das aulas de Educação Física se alinhava com o Decreto nº 69.450/1971, que estipulava que, a partir da quinta série de escolarização, a iniciação desportiva deveria ser incluída na programação de atividades escolares (Brasil, 1971, art. 3º, § 2º).

Havia aulas duas vezes por semana, tanto para turmas masculinas quanto para as femininas. As aulas de Educação Física para a turma feminina eram ministradas pela professora Iara. Era algo muito novo para nós e eu gostava muito. A conversa entre nós, à noite, nas ruas ou em outro lugar após as aulas de

³ Kichute era um calçado, misto de tênis e chuteira, produzido no Brasil desde a década de 1970 pela Alpargatas. Com o slogan “Kichute, calce esta força”, teve seu ápice entre os anos de 1978 e 1985, quando suas vendas ultrapassaram nove milhões de pares anuais. Feito de lona e solado com cravos de borracha, todo ele preto, virou mania entre os meninos, pois era usado tanto para ir à escola quanto para a prática do futebol, ainda mais depois da conquista do Brasil da Copa do Mundo de 1970. Devido ao seu grande cadarço, era comum entrelaçá-lo na canela antes de amarrá-lo, ou mesmo dar voltas nele próprio, passando pelo solado. (WIKIPEDIA. Kichute. Disponível em: <https://bit.ly/3uHkGt2>. Acesso em: 17 jun. 2024)

Educação Física do dia, era: “hoje a aula de Educação Física foi muito boa, estou todo “quebrado”. Para nós, aula boa era aquela em que você, à noite, estava com o corpo doído.

Durante essas aulas, éramos submetidos a uma série de exercícios vigorosos, incluindo agachamentos, flexões, extensões, apoio de frente com um número determinado de repetições, abdominais e polichinelos. Além disso, praticávamos exercícios em duplas e realizávamos muitas subidas e descidas nas largas escadas que conectavam a parte inferior, na qual estava localizada a quadra poliesportiva, com a parte superior do colégio, onde se encontravam as salas de aula.

Essas atividades eram direcionadas por uma orientação normativa presente no Decreto nº 69.450, de 1º de novembro de 1971, que estabelecia no art. 3º:

§ 1º A aptidão física constitui a referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da educação física, desportiva e recreativa, no nível dos estabelecimentos de ensino. (BRASIL, 1971, art. 3º, § 1º).

Esta regulamentação evidencia a importância dada à aptidão física como guia para a Educação Física nas escolas. De acordo com Sousa e Vago (1997), essa abordagem enfatizava uma visão do ser humano reduzida à sua dimensão biológica, em que a aptidão física era vista como o principal indicador do sucesso na Educação Física.

No ano seguinte, em 1978, quando cursava a 6ª série, as aulas de Educação Física passaram a ser realizadas no mesmo horário das outras disciplinas do currículo escolar.

Não tive mais aulas com o professor Romildo e se seguiram vários outros educadores. Não nessa ordem exatamente, mas tivemos aulas de Educação Física com os professores Márcio, Rogério, Diorges, Aylton e João Mattedi. Esses

momentos sempre começavam ou terminavam com a chamada. Depois, a “ordem unida” com os alunos dispostos em colunas, estando o mais alto no início da fila e o mais baixo no fim da fila. Eu sempre ficava no meio, com a mão no ombro do colega da frente para o afastamento frontal e, em seguida, abríamos os braços para o afastamento lateral.

Posteriormente, tínhamos um aquecimento que poderia ser umas doze (12) voltas ao redor da quadra ou subidas e descidas na escada correndo três vezes; aquecimento em posição estática, com alongamentos de braços e pernas; em duplas, tipo gangorra, carrinho de mão, polichinelos e outros. Depois, íamos para o esporte do dia. Fizemos basquetebol, handebol, voleibol e futebol de salão (atual Futsal).

Nosso professor, certa feita, convocou-nos para que fôssemos disputar um campeonato de futebol de salão realizado no Colégio Salesiano, que fica próximo ao terminal de ônibus Dom Bosco em Vitória. Chegando lá, a quadra era de madeira e encerada. Nossa equipe, advinda de um bairro de menor poder aquisitivo, onde a quadra era de cimento, nunca havia visto uma quadra tão limpa e encerada.

Nossa turma ia com tênis chamado bamba, pois era vetado jogar de Kichute, pois a borracha preta desse tênis estragava a quadra, segundo os organizadores, enquanto a equipe adversária estava de tênis “Rainha”, que era o último modelo para prática de futebol de salão nos anos 80: tênis pretos com o bico branco e muito caros.

Resultado: nossa equipe, utilizando tênis com os solados gastos em contato com a madeira encerada, não parava em pé na quadra, cujo tamanho era oficial. A bola passava perto da gente, mas, como nossos tênis não tinham aderência, não conseguíamos alcançá-la. Por 8 a 0, perdemos o jogo, que foi desleal em todos os aspectos, principalmente nos referentes às questões sociais e econômicas. Saímos de uma escola formada basicamente por filhos de operários para jogar, fora do

nosso nicho, com a nata de Vitória.

Lembro-me que o nosso professor de Educação Física, João Mattedi, ensinava-nos, na parte de trás da quadra, o atletismo. Ele mesmo construiu, com enxada e picareta, uma caixa de areia para salto em distância. Em um dia, para os jogos interclasses, ele projetou, ao lado da quadra, uma pista de atletismo com cerca de seis raias marcadas por cal. A pista era praticamente oval devido ao espaço. Na corrida de 100 metros rasos, como não havia espaço suficiente em extensão nem construção de raias para cada competidor, nós perfilávamos uns ao lado dos outros e o professor marcava a largada do ponto “A” com chegada ao ponto “B”. Era notável, já nessa época, que eu era bem veloz, um corredor nato, o que só veio a se destacar na graduação muitos anos depois.

Minha relação com a Educação Física nesse período do Ginásio era muito prazerosa, pois eu gostava profundamente de realizar as aulas e atividades propostas. Era um participante ativo, tanto nos exercícios quanto nos jogos interclasses, participando como titular em todas as modalidades de minha turma e participando da equipe escolar de futebol de salão. Portanto,

[...] naquele contexto, o esporte se apresentava para a Educação Física como um fenômeno que aliava elementos do tipo: ser uma prática prazerosa e que despertava o interesse dos envolvidos; bem como por conferir à Educação Física (aos professores da disciplina) certo reconhecimento social – particularmente, na cultura escolar (MACHADO, 2012, p. 54).

Por um breve período, o professor João Mattedi nos orientou sobre atividades de rolamento no pátio da escola, utilizando colchões que originalmente eram destinados às meninas, os quais, embora não fossem especialmente espessos para essa finalidade, mostraram-se úteis para nossos exercícios. Além disso, mesmo quando tínhamos colegas com sobrepeso ou pouca coordenação, tanto o professor quanto nós, alunos, esforçávamo-nos para ajudá-los a realizar os rolamentos.

A participação nas aulas de Educação Física era uma característica marcante no meu tempo de aluno e raramente ocorriam dispensas, apesar de a lei permitir algumas exceções, conforme previsto:

[...] no artigo 7º da Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971, que tornou a Educação Física obrigatória em todos os níveis de ensino. Isso incluía casos em que os alunos trabalhassem mais de seis horas por dia e estudassem à noite, tivessem mais de 30 anos de idade, prestassem serviço militar ou fossem fisicamente incapacitados (IMPOLCETTO; DARIDO, 2020, p. 15-16).

Observava-se um quantitativo pequeno de alunos afastados das aulas de Educação Física e de estudantes defasados que, com 14 anos, cursavam a 5ª série ou, com 15, frequentavam a turma de 6ª série. Portanto,

[...] o limite de idade por turma deveria ser de, no máximo, 12 anos para a 5ª série; 13 anos para a 6ª série; 14 anos para a 7ª série e 15 anos para a 8ª série. O objetivo era alcançar uma distribuição etária mais homogênea dos alunos, ressaltando-se os ajustamentos temporários de um a dois anos acima desses limites em escolas situadas em áreas menos populosas. Ao fim de dois anos de funcionamento, todas as escolas polivalentes deveriam ter esses limites. Também, nesses casos, os alunos em idade adequada teriam prioridade de matrícula sobre aqueles com idades acima dos limites estabelecidos. Os alunos que não se enquadrassem nessas idades deveriam formar turmas especiais no horário noturno ou ser encaminhados a outras escolas públicas que não pertencessem à rede de Ginásios Polivalentes (GPEs) (PEDROSA; BITTENCOURT JÚNIOR, 2015, p. 21).

Desta forma, aos que extrapolassem essa resolução, as escolas polivalentes estariam à disposição no turno da noite para as turmas de recuperação, para as classes especiais e para alunos com idade acima das convenções, bem como para turnos de colégios e classes de educação de adultos (PEDROSA; BITTENCOURT JÚNIOR, 2015, p. 21).

Experimentei a sutileza da discriminação racial⁴ velada quando me voluntariei para participar de uma peça teatral em comemoração ao Dia das Mães, cuja história era sobre um menino que se desgarrou de sua mãe em meio a uma multidão e saía

⁴ Hoje, os tempos são outros, principalmente após a promulgação da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que determinou a obrigatoriedade, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira (BRASIL, 2003, art. 1º).

a procurá-la, perguntando pelas ruas da cidade por sua progenitora e encontrando o guarda de trânsito, o policial, o padeiro, o comerciante e o malandro. Sempre perguntava “Você viu a minha mãe?” e todos diziam que não, pois o menino dizia que a mãe dele era a mulher mais linda do mundo. Finalizando a história, passa uma mulher idosa, marcada pelo tempo, e o menino diz “Essa é minha mãe, pois a beleza não está na aparência e sim no coração”

Fui bem no pré-teste para compor o elenco da peça teatral do Dia das Mães. Os personagens foram definidos, a saber: a mãe, o filho, o guarda de trânsito, o policial, o padeiro, o comerciante e o malandro. Pergunto: alguém saberia me responder para qual personagem eu fui escolhido? Resposta correta: malandro.

Foi notável que alguns dos personagens, em sua maioria de cor branca, tinham suas indumentárias, pois, na escola polivalente, havia aulas de atividades domésticas em que aprendíamos a costurar, cozinhar e desenvolver outras habilidades. Portanto, para o teatro do Dia das Mães, o padeiro usava um avental, o comerciante vestia uma roupa longa, a mãe tinha um lenço na cabeça, e havia o personagem do filho da mãe, que usava o uniforme da escola. Eu, que nem queria ser o personagem principal, mas o policial ou o guarda de trânsito, pois eles tinham um revólver de plástico, acabei sendo escolhido para ser o malandro.

A professora, olhando para mim, disse: “Você pode vir com a sua roupa mesmo”. Em casa, relatei à minha mãe, com muita alegria e inocência, que iria participar de um teatro no Dia das Mães na escola e que ela deveria estar lá. Disse também que a professora havia dito para eu ir com minha própria roupa. Minha mãe, sem que eu soubesse, foi até a capital, na loja *Huddersfield*, comprou um macacão *jeans*, uma blusa azul e uma bota na loja de calçados e me entregou, dizendo: “Você vai bem bonito para fazer o teatro”. Ela deve ter gastado um bom dinheiro para adquirir aquela roupa para mim.

A apresentação foi no contraturno, às 15h, e, ao chegar todo arrumado na

escola para interpretar o malandro, notei que o queixo da professora “caiu”. Então, ela disse: “Esse malandro está muito bonito”. A solução que ela arranhou naquele momento foi pedir que eu abaixasse uma das alças do meu macacão. Portanto,

[...] as crianças negras são submetidas desde cedo a essa exposição. O negro é mostrado às crianças na história oficial veiculada na maioria dos livros escolares e na mídia em posições subalternas com relação ao branco. a desigualdade e a hierarquia permanecem mascaradas na cultura moderna que valoriza a igualdade e o indivíduo e assim se confundem as ideias de igualdade e de identidade, ou seja, para ser igual tem de ser idêntico. Essas ideias agregam-se para construir a subjetividade infantil, em que o branco aparece como superior ao negro pela cor da pele (ARAÚJO; MOLINA NETO, 2008, p. 209-210).

Fotografia 3 – Amigos para sempre da 8ª série do Ginásio: Colégio Polivalente ou Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Prof. José Leão Nunes”, atual Escola de Tempo Integral⁵



Fonte: Acervo do autor (1981)

No ano de 1981, ainda no período ginásial, eu e Dioclecio de Oliveira Neto⁶ – meu amigo de clube e de profissão nas prefeituras municipais de Viana, Vila Velha e Cariacica, também professor de Educação Física – jogamos futebol pela *Associação Desportiva Ferroviária*, clube vinculado à *Companhia Vale do Rio Doce* (CVRD)⁷ e

⁵ Nossa sala de aula, ao fundo. A escola Polivalente, onde estudei, tinha esse formato de tijolos. “Amigos para sempre” porque até hoje nos reunimos.

⁶ Nascido em 11 de janeiro de 1967 e falecido em 4 de dezembro de 2020, vítima da COVID-19.

⁷ A *Companhia Vale do Rio Doce* S.A. (CVRD) foi criada pelo Decreto-lei nº 4352, de 1 de junho de

que desempenhou um papel significativo em nossas vidas. A história marcante “[...] da *Desportiva Ferroviária* começou no dia 17 de junho de 1963. Cinco times de funcionários da *Companhia Vale do Rio Doce* (CVRD), hoje *Vale*, se uniram para formar um dos maiores clubes de futebol do Espírito Santo”, conforme menciona Marques (2009, p. 27).

Como atleta de futebol nos anos de 1980/81, participei da famosa *Copa A Gazetinha*, que, segundo o *slogan*, é a maior competição infanto-juvenil do Brasil. Durante essa experiência marcante em minha carreira esportiva, tive a oportunidade de vivenciar a importância do referido torneio, que

[...] é uma competição esportiva a nível regional e estadual, criada e organizada pelo jornalista José Antônio Nunes do Couto, mais conhecido como Janc, com parceria e apoio da Rede Gazeta, utilizando o esporte como meio de integração das comunidades e municípios do Espírito Santo. Esta competição foi criada em 1975, atendendo um público entre 9 e 15 anos, matriculados nas escolas públicas e privadas da rede estadual e municipal (BRUM, 2019, p. 18).

Fui destaque da competição no ano de 1980, sendo artilheiro da minha equipe e um dos artilheiros da competição. Concorri ao prêmio revelação do torneio, mas, com nossa desclassificação na fase final, os prêmios de revelação e artilharia ficaram com Nena, da equipe do *Racing*, e Welington, da equipe do *Flamenguinho*, atletas das equipes que ocuparam o primeiro e o segundo lugar do torneio, respectivamente.

Mesmo assim, minhas atuações na competição e em jogos preliminares da equipe de futebol profissional da *Desportiva* renderam fotos e manchetes no jornal, além de uma entrevista exclusiva para *Rede Gazeta de Televisão/ES* (afiliada à *Rede Globo/RJ*) no Programa do Milson Henrique, com o nome “A Gazetinha”. A partir daí, recebi convites pessoais para jogar nas equipes *Gama* (DF), *Atlético Mineiro* (MG) e *Vasco da Gama* (RJ).

1942, destinando-se a exploração, comércio, transporte e exportação do minério de ferro das minas de Itabira e exploração do tráfego da Estrada de Ferro Vitória-Minas, no contexto dos Acordos de Washington.

O pai do jogador de futebol Geovani Silva era meu treinador. Geovani⁸, com 18 anos, já havia sido transferido da *Desportiva*, clube em que jogávamos, para o *Vasco da Gama* (RJ). Assim como aconteceu com ele, responsáveis pelo referido time foram à minha casa propor que eu saísse do Estado, mas meus pais recusaram a oferta.

Depois de aqueles três homens que foram conversar com meus pais irem embora, meu pai me chamou e disse: “Nego, pois, dos seis irmãos, eu tinha o tom de pele bem mais escuro que os outros. Tudo que você quiser ser estudando papai banca. Eu posso andar com uma calça rasgada na bunda, mas estude para não passar pelo que eu passei na vida. Não vai atrás de futebol não. Futebol não dá camisa a ninguém”. Essa história, conforme relatei, soube bem depois, quando já estava na juventude, mas a frase do meu pai rendeu muitos anos de interrogações. Eu me perguntava: o que de tão ruim meu pai passou na vida?

Morávamos em uma casa boa no bairro da COHAB-ES (conjunto habitacional chamado Vale Esperança) e meu pai era funcionário da *Companhia Ferro e Aço de Vitória*, sendo praticamente estável no emprego, embora não tivesse alta remuneração.

Ao longo da vida, adulto, casado e após várias conversas com meu pai, entendi o que ele falou, lá nos anos 1980, com aquelas frases, que tiveram vários impactos na minha vida como pessoa. Dois deles foram fundamentais: em primeiro lugar, passei a estudar um pouco mais, pois, no Ensino Fundamental, era um aluno com notas médias para baixas; o segundo impacto era o medo de passar pelo que meu pai passou, embora eu não soubesse o que era, pelo tom que ele deu a essas

⁸ Fomos colegas de clube de futebol na Desportiva Ferroviária/ES. Participamos da Copa Gazetinha. Geovani, por ter 2 anos de diferença em relação a mim, nunca fez parte da mesma categoria de base no futebol. Além disso, ele se destacou muito cedo e, com apenas 16 anos, já havia sido promovido à equipe de profissionais. Posteriormente, foi vendido pela Desportiva e atuou no Vasco da Gama (RJ), na Seleção Brasileira, no Bologna da Itália e, após sua aposentadoria no futebol, foi Deputado Estadual aqui no ES.

palavras, cujo significado eu conheci depois – meu pai se referia às relações socioeconômicas e aos preconceitos em relação a pessoas negras, pobres e com pouco estudo, pois ele só estudou, a duras penas, até a 4ª série primária, pois não lhe foi dado o direito de prosseguir seus estudos e, conseqüentemente, permanecer na escola.

Minha mãe nem teve o direito de ingressar no sistema educacional, mas, paradoxalmente, tinha uma memória excelente para decorar textos, encenar peças teatrais, cantar em corais e se comunicava muito bem. Era sábia. Era uma excelente vendedora autônoma e fazia alguns cálculos matemáticos simples e rápidos quando ia às compras – ela passava os olhos nos preços e fazia o cálculo dos valores dos produtos enquanto nós tínhamos que pensar ou escrever no papel para depois calcular o resultado. De vez em quando, ela nos indagava: “Vocês não sabem somar ainda? O que vocês estão fazendo na escola?”.

Com essas frases incorporadas, meu raciocínio era este: “vou estudar da maneira que meu pai falou para ver o que vai dar”. Esse pensamento não queria confrontá-lo e sim verificar se, afinal, o que ele dizia iria dar certo ou surtir algum efeito na minha vida secular, pois, segundo meus irmãos e amigos diziam e ainda dizem, eu sou uma pessoa muito sensível e tranquila, embora eu pense que sou ansioso. Isso ocorre porque temos nossa própria visão de nós mesmos, enquanto os outros têm sua percepção de quem somos.

Com a idade de 16 anos, ao sair da equipe da *Desportiva Ferroviária*, comecei a deixar aos poucos de praticar o futebol. Ao chegar aos meus 19 anos de idade, já estava bem envolvido com os estudos e parei de praticar futebol assiduamente. É importante destacar que outros fatores influenciaram na minha decisão.

Fotografia 4 – Minha carteira de atleta da *Desportiva Ferroviária – Vale do Rio Doce*

Fonte: Acervo do autor (1982)

7 O TEMPO DO 2º GRAU: ESPORTES E APRENDIZADO NO COTIDIANO ESCOLAR

Em 1982, era o momento de cursar o 2º Grau. Nesse período, estudei em um colégio particular localizado embaixo das arquibancadas do estádio de futebol da *Desportiva Ferroviária*, em Jardim América, município de Cariacica, a saber, Colégio “Eng. Eliezer Batista da Silva”.

Fotografia 5 – Carteira estudantil do 2º Grau, atual Ensino Médio



Fonte: Acervo do autor (1982)

Tivemos esportes na Educação Física, como o voleibol, futsal, futebol, futevôlei e atletismo (corridas, saltos e arremessos), mas não estudamos

basquetebol e handebol, pois, de 1982 a 1984, não havia quadra na escola. Nossas aulas aconteciam em um campo de futebol de sete, dentro dos muros da escola.

O voleibol era jogado com a rede posta entre dois mastros de madeira, cimentados no solo do pátio formado por piso de bloquete sextavado, enquanto o atletismo era praticado em um espaço de terra ao lado do campo de futebol. O professor também fez a pista de corrida para o salto em distância e triplo e a caixa de areia para aterrissagem. No próprio campo de futebol, o educador nos ensinava corrida de velocidade, revezamento e corrida com obstáculos. No terceiro bimestre, ele fazia uma pista de atletismo com cinco raias marcadas com cal no solo para competição de atletismo.

Jogávamos o futevôlei com a bola de voleibol, ao lado do campo de futebol, em um espaço de terra. Quanto ao futsal, quando podíamos, usávamos a quadra da *Associação Desportiva Ferroviária*. As turmas eram sempre masculinas e femininas. Meu professor de Educação Física era o mesmo dos anos finais do ginásio (Ensino Fundamental II), o professor João Mattedi.

Concluí o curso de técnico em contabilidade, mas nunca pensei em exercer a profissão, pois havia poucas escolhas de curso no 2º Grau no colégio “Eng. Eliezer Batista”: as ofertas eram para os cursos de Secretariado, de Desenho Mecânico e de Contabilidade.

Fui um excelente aluno no 2º Grau. Se não fui o melhor da escola, estava entre os melhores. Somente em Biologia que eu passei com a nota 7,0, ainda no 1º ano do curso de Contabilidade, mas, nas outras disciplinas, minhas notas eram todas de 8,0 para cima. Começava ali as minhas primeiras monitorias em sala de aula. Como era excelente aluno na área de Exatas, principalmente em Matemática, era o primeiro a terminar os exercícios em sala e sempre algum ou alguns colegas sentavam do meu lado e pediam ajuda na resolução da atividade.

Quando a agenda enchia, eu marcava para estudar em minha casa no turno vespertino. Posteriormente, passei a lecionar aulas de violão e depois dei aula também de órgão eletrônico, sempre voluntariamente.

Nesse momento da minha trajetória, a fala de meu pai já começava a incorporar meu modo de vida: “Estude para não passar o que eu passei na vida”. Essa orientação paterna enfatizava a importância do estudo e do cumprimento das normas relativas a eles, pois

[...] o não cumprimento dessas normas poderia gerar a compreensão de não proporcionarem o desenvolvimento adequado aos filhos. Isso prejudicaria suas respectivas inserções sociais, desencadeando reprodução e experimentação das mesmas dificuldades vividas pelos pais (RODRIGUES JÚNIOR, 2016, p. 53)

É quase impossível, nesse momento em que escrevo, conter as lágrimas. Nessa esteira, retomo as palavras de Rodrigues Júnior (2016, p. 14), que usou de toda a sua sensibilidade ao dizer:

A tarefa de falar sobre a própria vida não é exercício simples porque lembranças são remexidas, contextos interativos suscitados, amizades valorizadas retomam forma, professores de quem constituímos respeito e consideração são lembrados, lembranças sobre eventos negativos voltam à tona, por isso, é iniciativa bastante desafiadora para o sujeito que a faz (RODRIGUES JÚNIOR, 2016, p. 14).

8 ENTRE DECISÕES E INFLUÊNCIAS: A JORNADA RUMO À EDUCAÇÃO FÍSICA

Concluído o 2º Grau, no ano de 1984, o primeiro pensamento era: onde eu iria trabalhar? Qual seria a minha profissão? Embora tivesse me formado como técnico em Contabilidade, sendo um excelente aluno, eu sabia exatamente o que eu não queria: ser metalúrgico, assim como meu pai; vendedor autônomo, assim como minha mãe; ou exercer a profissão de contador.

Da carreira de jogador de futebol já havia desistido após a fala do meu pai e graças a outros fatores, embora, até hoje, meus irmãos mais velhos digam que eu daria certo na carreira futebolística, pois eles passaram por clubes de futebol capixaba⁹. Um jogou no juvenil do extinto *Santo Antônio*, clube que acumulou seis títulos estaduais nos anos de 1931, 1953, 1954, 1955, 1960 e 1961 (Marques, 2009, p. 19), mas nunca se profissionalizou; o outro foi profissional nos anos 1980 no *Vitória Futebol Clube*, time localizado na capital do Espírito Santo e que atualmente disputa a série D do futebol brasileiro.

Desta forma, vivi o ano de 1985 estudando música (órgão eletrônico) e em busca de algum emprego ou estágio em qualquer área, exceto as citadas anteriormente. Enquanto o ano passava, eu observava a minha irmã, que era professora de Português e trabalhava perto de casa, no colégio Polivalente, onde eu estudei. Podia notar que ela saía todos os dias um pouco antes de 7h e retornava para casa às 11h40, quando almoçava e descansava para retornar, às 12h50, para a escola, onde ficava até 17h40. Não trabalhava igual a meu pai, aos sábados, domingos e feriados. Em julho, tinha férias, assim como nos trinta e um dias de janeiro. A partir de então, eu pensei: “acho que é isso que eu quero”.

Ledo engano. Entrei para o magistério e descobri que não era assim. Ao discorrer sobre a narrativa de vida de professores de Educação Física, Rodrigues Júnior (2016, p. 47) discorre sobre o fato de que

⁹ Espírito-santense, natural ou habitante do Estado do Espírito Santo (FERREIRA, 2000, p. 289).

[...] o modelo de Educação Familiar experimentado pelos professores, caracterizado por ações intencionais que buscaram transmitir ensinamentos relacionados ao convívio com os mais velhos e aos iguais do contexto familiar e não familiar, além da incorporação de hábitos da rotina do contexto de casa e também relacionados ao fazer escolar. Elementos biográficos reconhecidos pelos professores como influenciadores de suas respectivas ações como sujeitos e profissionais (RODRIGUES JÚNIOR, 2016, p. 47).

No ano de 1986, eu ingressei no curso preparatório para o concurso vestibular no Colégio *Nacional* em Vitória. Na escolha pela profissão em que iria trabalhar, somando a essas questões citadas anteriormente, dialogava com os colegas de curso preparatório – alguns já haviam escolhido seus cursos, pois estavam ali pela segunda ou terceira vez – e com amigos de infância – alguns já haviam ingressado no mercado de trabalho. Além disso, havia também a minha breve carreira futebolística.

Minha escolha se agregou a uma intervenção muito significativa de meu irmão de leite¹⁰, Moisés Júnior, que cursava Educação Física na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Em um encontro casual com ele, no mesmo ano em que fazia o curso de preparação para o vestibular, Moisés me perguntou qual curso eu iria fazer. Respondi que tentaria o curso de Direito, pois meu pai desejava que um de seus filhos se tornasse doutor em Medicina ou Direito, resposta que reflete o fato de que

[...] a primeira lógica manifesta-se na situação em que os alunos realizam tentativas de inserir-se em profissões comuns e tradicionalmente aceitas pela família. Pode-se dizer também que é uma ação na qual os alunos, a partir das relações familiares e sociais, tentam realizar expectativas de outrem (FIGUEIREDO, 2004, p. 108)

Moisés Júnior olhou para mim e disse: “Cica, faça Educação Física, que é melhor”. Até aquele momento, eu não tinha considerado a possibilidade de cursar

¹⁰ Aquele que, em relação a outrem, foi amamentado pela mesma pessoa, sendo filho de pai e mãe diferentes; irmão colação. MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/irmao#remissao-2>. Acesso em: 09 ago. 2024.

Educação Física; no entanto, o convite implícito na forma imperativa do verbo “fazer” despertou meu interesse para explorar essa área acadêmica.

Além disso, a influência significativa do professor João Mattedi na minha decisão de prestar o vestibular para Educação Física ecoa até os dias atuais, devido à frase impactante que ele compartilhou comigo durante esse processo: “Cica, você não será rico, mas você terá sua casinha e seu carrinho” apontando para casa em que ele morava. “E você nunca ficará desempregado”¹¹. Olhei para aquela habitação. Era uma residência no mesmo bairro onde eu morava (Vale Esperança). O imóvel, que valia uma fortuna, possuía dois andares, com tudo de bom e do melhor, com um *Fiat Spazio* (1984) na garagem, o qual ele adquiriu novo, e uma motocicleta *Honda CG*.

Então, eu pensei comigo: “Quando vou adquirir uma casa dessa que seja minha?” Meu pensamento era somente esse. Não queria nem carro, nem moto, somente uma casinha, bem pequena, mas que fosse minha.

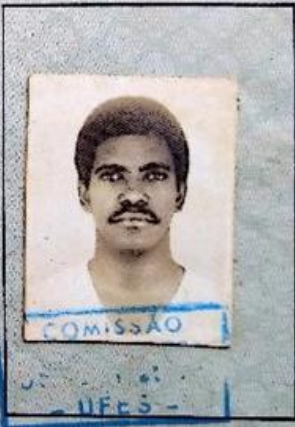
Essa passagem reflete a importância das influências e das perspectivas de carreira na tomada de decisão, como destacado por Borges (1998), que observou que as escolhas profissionais são moldadas por uma variedade de fatores, incluindo as condições materiais de existência. Nesse contexto, as palavras inspiradoras de João Mattedi sobre a estabilidade e a conquista da casa própria serviram como um farol orientador em minha jornada.

¹¹ Essa frase deixou uma impressão duradoura em minha vida profissional, servindo de orientação e inspiração para minha carreira. Portanto, fiz questão de descrever em minha dissertação, destacando a relevância do Professor João Mattedi em minha trajetória de vida pessoal e profissional.

9 TESTES E CELEBRAÇÃO: A HISTÓRIA DE UM INGRESSO NA EDUCAÇÃO FÍSICA NA UFES

Em 1987, eu ingressei na graduação na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Fotografia 6 – Cartão de identificação (vestibular de 1987)

U.F.E.S./S.R.A./C.C.V.		PROTOCOLO 20198
CARTÃO DE IDENTIFICAÇÃO		
CONCURSO VESTIBULAR: 1987		
N.º DE INSCRIÇÃO 15518 - 7		
OPÇÕES DE CURSO	1.ª ED FÍSICA MASCULINO	
	2.ª BIBLIOTECNOMIA	
OPÇÃO LÍNGUA ESTRANGEIRA		INGLES
LOCAL DE PROVA		CARIACICA
DOCUMENTO DE IDENTIDADE		
NÚMERO	ORGÃO EXP	EST. EMISSOR
681266	SP	ES
NOME LOACYR CLAUDIO M FERNANDES		

Fonte: Acervo do autor (1987)

O processo seletivo para uma vaga no curso de Educação Física na UFES era condicionado a dois dias de testes de aptidão física, os quais eram: nadar 25 metros; correr 2.400 metros; saltar no mínimo 4,50 metros; saltar 80 centímetros partindo da posição estática; fazer flexões de braços na barra fixa; realizar teste de reflexo com três faixas paralelas colocadas no solo a uma distância de 80 centímetros umas das outras, com o aluno se colocando no centro e tendo que passar 8 vezes de uma extremidade a outra sem pisar nas faixas, isso em três tentativas. O teste de reflexo era realizado com um bastão, que media aproximadamente uns 30 centímetros, dividido em três partes com cores alternadas: azul, branca e azul. O candidato deveria posicionar sua mão em forma de pinça na cor branca e, quando o bastão era solto, tentar pegá-lo antes que caísse no chão.

Quem conduzia essa atividade era o docente Chicon, que, nesse período, atuava como professor contratado da UFES – atualmente, é professor do Departamento de Ginástica do Centro de Educação Física e Desportos da instituição.

Os que não conseguissem êxito nos testes de aptidão física eram excluídos do concurso para o curso de Educação Física, devendo realizar a segunda opção de escolha. Segundo Camões (1988), os testes de aptidão física consistiam em uma bateria de exercícios físicos que serviam como meios para selecionar os candidatos ao curso de Educação Física que apresentavam maior potencial para a aprendizagem, sucesso acadêmico e boa formação profissional na área. De acordo com Oliveira (1991), esses testes ocorreram desde a abertura da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (Enefd) da Universidade do Brasil, em 1939, até o início dos anos de 1990.

Tive o desconforto de conhecer um colega de profissão que, na primeira tentativa para o curso de Educação Física, ficou reprovado nos testes de aptidão física. Isso me fez refletir sobre as mudanças significativas que ocorreram na formação de professores de Educação Física ao longo dos anos, especialmente com a implementação da Resolução nº 3, de 16 de junho de 1987, do Conselho Federal de Educação (CFE) (Brasil, 1987) e a atuação do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD). Essa resolução, incorporada pelo CEFD, foi implantada em 1991 e suscitou uma reforma curricular que visava à formação de um professor de Educação Física capaz de se tornar um verdadeiro educador, conforme anexo da Resolução nº 69, de 12 de dezembro de 2007, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) (Universidade Federal do Espírito Santo, 2007a, 2007b). Essas transformações refletem a importância de uma formação mais abrangente e qualificada para os professores de Educação Física, a fim de atender às necessidades da profissão e garantir a qualidade do ensino.

O vestibular de 1987 foi realizado nos primeiros dias letivos do mês de janeiro, em quatro dias seguidos, de domingo a quarta-feira, com as provas

começando às 8h e terminando ao meio-dia. Após a realização do vestibular, o resultado era anunciado nos meios de comunicação – rádio e televisão –, enquanto o jornal impresso publicava os nomes dos aprovados. No dia do anúncio dos aprovados, emissoras de radiodifusão e TV dedicavam boa parte de suas programações locais para anunciar os nomes dos aprovados no vestibular da UFES. Quem quisesse também poderia ir até a Universidade para verificar sua classificação afixada na parede do Centro de Educação Física e Desportos.

Na tarde do dia 28 de janeiro desse mesmo ano, estava chegando em casa, vindo da capital, quando minha irmã me recebeu e disse: “Estão anunciando no rádio os nomes dos aprovados na UFES”. Corri para perto do aparelho, sentei-me no chão e passei a ouvir. Lembro-me que demorou para chegar o anúncio do curso de Educação Física. Enquanto falavam dos aprovados em Medicina, Direito, virava a sintonia para outra emissora, mas minha irmã dizia para ficar sintonizado em uma única rádio.

Depois de umas duas horas, por volta das 16h, o locutor anunciou os aprovados para o curso de Educação Física Masculino do 1º semestre. Havia muita ansiedade. Ao término do anúncio de ingressantes para o 1º semestre, constatei que meu nome não constava na lista de aprovados. Pensei: “Se não for aprovado, o que eu vou fazer de hoje em diante?”. Nesse intervalo de tempo, passaram muitas coisas em minha mente.

Então o locutor começou novamente. “Aprovados para o 2º semestre do curso de Educação Física Masculino”. E lá foi o radialista descrevendo os nomes dos aprovados. Quando chegou na letra “J”, meu coração disparou. Então vieram os nomes com a letra “L”. O locutor aparentava ter feito de propósito ao narrar meu nome bem compassado: “Loacyr Claudio...” e, com uma pausa na voz, continua... “M Fernandes”. A primeira palavra que saiu da minha boca foi: “Passei!” E repeti “Passei!” Comecei a gritar que tinha passado. Foi um grande alívio para mim. Nesse momento, minha mãe chegava em casa e me deu um abraço, dizendo: “Telefona

para seu pai e sua irmã”, a qual morava em Porto Alegre. “Fala com a sua professora do ensino primário”, que morava no mesmo bairro. Não liguei para ninguém, mas esperei ansioso meu pai chegar para dar-lhe a notícia. Meu pai, embora introvertido, depois da minha aprovação, mostrava-se mais expansivo: eu deixei de ser somente o filho dele. Agora, sempre que ele me apresentava para alguém, dizia: “Esse é meu filho!” e acrescentava: “que passou na UFES”. Então, uma das minhas irmãs me alertou: “vai na UFES e verifica se há desistência de algum aluno aprovado para o 1º semestre e faz um pedido por escrito para você preencher essa vaga”. Pronto e feito, ingressei na turma do 1º semestre de 1987 de Educação Física masculino da UFES.

A conexão entre as trajetórias da minha carreira e a de outros profissionais, como a de Batista (2020), é evidente, uma vez que elas apresentam afinidades, como se fossem fotocópias, pois habitamos o mesmo estado e frequentamos os mesmos espaços desde a infância, inclusive cursado o mesmo programa acadêmico na UFES, embora, paradoxalmente, nunca tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente até o momento em que tive acesso à sua dissertação. De igual maneira, nossas trajetórias foram radicalmente distintas no que diz respeito a nossa relação com o conhecimento científico.

Embora, para Borges (1998, p. 75), desvendar os caminhos trilhados durante esse percurso é revelar uma trajetória singular dentro da universalidade que constitui o vir-a-ser professor, encontrei muitas similaridades entre a minha trajetória e a de Batista (2020) e outros profissionais. É claro que o contrário também é verdadeiro, fato sobre o qual discorrerei em minha dissertação, abordando minhas singularidades.

Batista (2020, p. 33) descreve um momento marcante em sua jornada rumo ao curso de Educação Física, quando

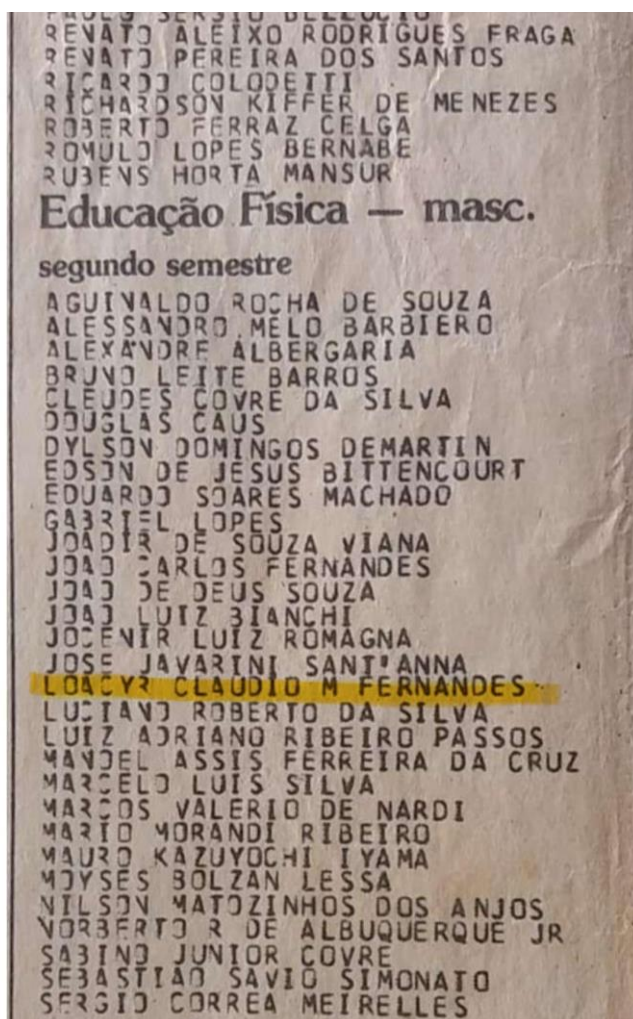
[...] o rádio de pilha anunciava os candidatos aprovados no vestibular. Enfim, o curso de Educação Física! Acompanhávamos, atentamente, a

narração, e, prevendo o anúncio do meu nome, de acordo, é claro, com a ordem alfabética, falei para meu eterno amigo Fernando: Agora sou eu. Dito e feito meu nome foi pronunciado, e em poucos minutos corria na direção da rua de casa gritando com plena força dos meus pulmões: Passei, passei, passei... (BATISTA, 2020, p. 33).

Fotografia 7 – Jornal A Gazeta com a divulgação dos aprovados na UFES no concurso do vestibular (1987)



Fonte: Acervo de Francisco de Assis (1987)

Fotografia 8 – Relação dos alunos aprovados no vestibular da UFES (1987)¹²

Fonte: Acervo de Francisco de Assis (1987)

No início de fevereiro de 1987, antes que as aulas do curso de Educação Física começassem, recebi proposta de emprego com carteira assinada por intermédio de meu professor, João Mattedi, para trabalharmos juntos no Colégio “Eng. Eliezer Batista da Silva”, escola cobiçada por muitos profissionais. Depois de conversa com meu pai, fui à escola, agradei ao professor João e relatei que meu pai havia dito para agradecer a oportunidade, mas sugeri que concluísse o curso antes de trabalhar. Novamente, outra frase ou quase um pedido de meu pai: “Filho, não trabalha agora não, senão você vai se acostumar com dinheiro e não vai

¹² Como relatado, meu nome está na turma do segundo semestre.

trabalhar, nem estudar, nem terminar esse curso. Estude primeiro, adiante esse curso o máximo que puder e, quando der um chute na ‘miséria’, dê de uma vez só”.

Meu pai, embora não fosse tão falante, sempre tinha frases que carregavam um sentimento de quem teve uma vida difícil e, portanto, não queria o mesmo para os filhos. Então, via nos estudos uma válvula de escape para a ascensão social e econômica de sua prole. Gostava de ler muito e se informar. Conversei várias vezes com ele depois de formado, perguntei se ele queria estudar para fazer um curso superior, que o ajudaria e estudaria com ele, mas ele sempre me dizia que estava velho para estudar. Sem ironia, ainda bem que essa frase dele eu não interiorizei, pois chego aos 57 anos ao curso de Mestrado Profissional em Educação Física do ProEF.

10 PERCALÇOS E CONQUISTAS: MINHA TRAJETÓRIA NA GRADUAÇÃO (1987-1990)

Júlio Mardegan de Albiás foi a primeira pessoa com quem encontrei no corredor do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), no primeiro dia de aula, antes das 7h, pois ambos estávamos perdidos procurando o local em que aconteceria a aula de Anatomia Humana, nossa primeira aula do curso. Ficamos ali um pouco, até o momento em que alguém nos avisou que a aula não seria no Centro de Educação Física, mas em Maruípe, em Vitória, no Centro Biomédico. Pegamos o ônibus e corremos até o local. A Professora Erineusa, hoje docente do Centro de Educação Física, fazia a monitoria dessa disciplina. Posteriormente, lecionamos em escolas diferentes, mas nas mesmas prefeituras municipais – Viana e Cariacica. Atualmente, fui seu aluno no mestrado profissional do ProEF. O nosso professor da disciplina de Anatomia era o Musso. Infelizmente, tranquei a disciplina, conseguindo concluí-la no 2º período do curso. Eu e Júlio nos tornamos grandes amigos e o somos até hoje. Trabalhamos juntos na prefeitura municipal de Cariacica por 30 anos.

Os primeiros impactos ao entrar na universidade foram as questões sociais. Notei, nas primeiras semanas, que os alunos do curso foram formando seus grupos dentro da turma e do centro de Educação Física. Geralmente, esses grupos eram unidos por classes sociais, situação econômica, cor, afinidade ou localidade. Lembro-me de uma aula em que colocamos nossos nomes completos e endereços em uma folha para a realização de um trabalho em grupo. Eu morava em Cariacica, município da Região Metropolitana da Grande Vitória - ES, no bairro Vale Esperança. Resultado: não estava em nenhum grupo. Aquilo me causou estranheza. Como eles pouco se conheciam e já haviam fechado seus grupos? Será que meu nome, sobrenome e endereço influenciaram na minha escolha para participar de um grupo?

Outra questão ocorreu na aula de Rítmica. Por tocar instrumento como órgão eletrônico e entender um pouco de música, dialogava com a professora Olga sobre

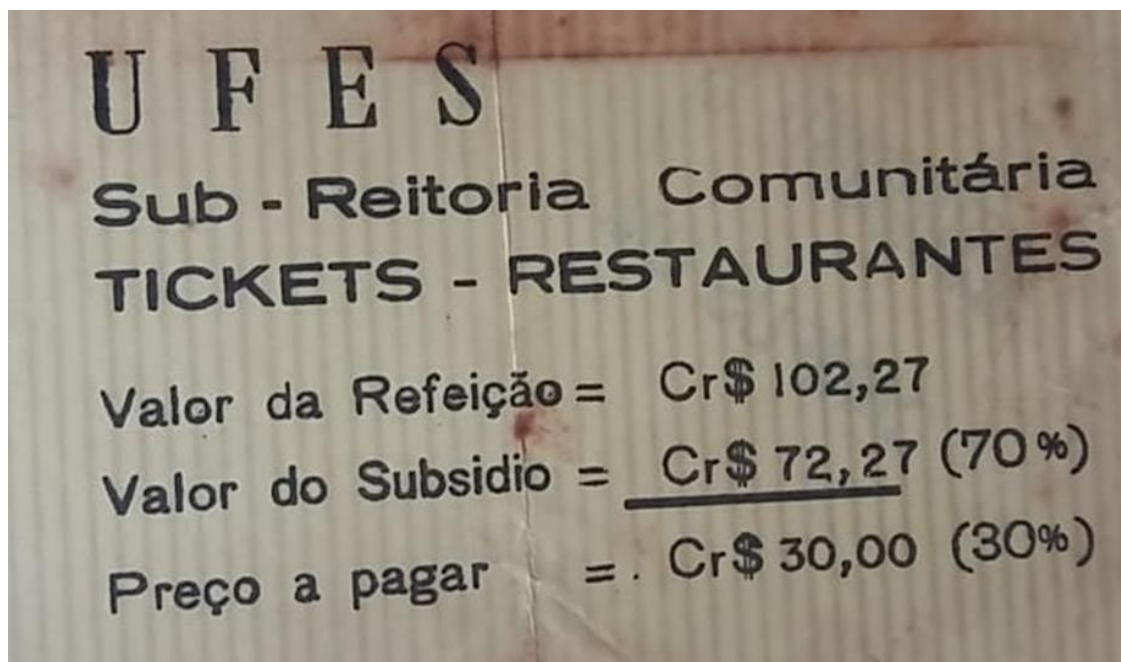
timbres e vozes. Até que um aluno perguntou: “Loacyr, você toca qual instrumento? Você toca pandeiro?”. Disse-lhe que não. Ele continuou: “Então você toca cavaquinho”. E respondi novamente que não. Então ele disse exatamente esta frase: “Vou discriminar legal! Não vai me dizer que você toca piano”. Em seguida, respondi que tocava órgão eletrônico e teclados.

Essa experiência ilustra a presença de preconceitos arraigados e estereotipados que, como Araújo e Molina Neto (2008) destacam, são direcionados a grupos sociais, como afro-brasileiros, e envolvem crenças infundadas, superstições e juízos de valor, frequentemente associados a predisposições emocionais negativas em relação a diversas características, incluindo habilidades e interesses diversos.

Alguns dias depois, um colega de sala, conversando comigo, disse: “Loacyr, pode se preparar que você vai ser discriminado na graduação e na vida profissional”. Recebi essa palavra meio assustado. Pensava internamente: “O que fiz para ser discriminado”.

Manoel, amigo de curso e negro como eu, era minha companhia na ida ao restaurante universitário para almoçar juntos. Várias vezes trocávamos olhares e sorrisos. Manoel dizia: “Loacyr, o que é que a gente está fazendo aqui? Esse lugar não é para nós não!” Ele dizia que foi um acidente a gente ingressar no curso superior e estar ali. Percebia-se que a fala dele tinha um pouco de tudo: ironia, provocação, reflexão, intenção e realidade.

Fotografia 9 – *Ticket* para o nosso almoço no Restaurante Universitário (1990)¹³



Fonte: Acervo de Francisco de Assis (1990)

Gomez (2017, p. 85) afirma que:

[...] o Movimento Negro construiu um importante aprendizado para si mesmo. Ele compreendeu algumas alianças antirracistas no Brasil – país do racismo ambíguo. Do mito da democracia racial e das desigualdades raciais – se mantêm válidas até o momento em que os negros e as negras, ao lutarem por seus direitos, ousam e conseguem ocupar espaços e lugares de poder, de conhecimento e de decisão antes negados. Desvelando que o discurso do ‘mérito’ e da ‘competência’, muito usado nas argumentações contrárias à implementação das ações afirmativas e das cotas raciais, na realidade são formas perversas de perpetuar a exclusão histórica de muitos e manter os privilégios de poucos (GOMEZ, 2017, p. 35).

Essa citação reflete a ideia de que a presença de negros em espaços de poder e conhecimento desafia a narrativa tradicional de mérito e competência, alinhando-se com a percepção de meu amigo sobre a improbabilidade de nossa presença no curso superior. Negros e negras são produtores de conhecimento e têm o direito de estar nesses lugares. Se esses espaços têm sido historicamente negados, cabe ao Estado intervir afirmativamente na sociedade, no Jurídico, na

¹³ “Cruzeiro” era a moeda corrente do Brasil.

Academia e no Estado brasileiro (Gomez, 2017, p. 89).

Deste modo, aquele momento reverbera uma realidade na qual a presença de estudantes negros em um curso superior pode ser vista como uma quebra dos padrões estabelecidos, desafiando a noção de que tais espaços são reservados apenas para uma elite “competente”.

Por conseguinte, a questão racial continua presente em minha trajetória de vida em sociedade, exemplificada e aflorando em casos como namorar e casar com uma mulher de pele branca. Em um dos primeiros momentos dessa união, foi duro ouvir pessoas dizerem à minha esposa: “Você vai namorar um negro? Como você vai deslizar as mãos sobre os seus cabelos? Você é muito corajosa”. Ou, quando a apresento a alguém, escutar: “Ela é bonita!” A minha vontade é responder que ela não é bonita, mas sim branca. Para Gomez (2017, p. 80 apud Sousa Santos, 2004),

[...] a formação da monocultura do corpo e do gosto estético. Esta diz respeito às representações, ideologias e formas de conceber os padrões de beleza e fealdade que acabam por eleger um determinado padrão estético e corporal como superior, belo e aceitável. No contexto da relação Norte-Sul e, tomando as relações raciais no Brasil como um exemplo, esse padrão é o branco europeu. (GOMEZ, 2017, p. 80 apud SOUSA SANTOS, 2004).

A reflexão de Gomez e Sousa Santos ressoa com minhas experiências pessoais, em que a aceitação e o valor estético são frequentemente atribuídos a características brancas, marginalizando e exotizando a beleza negra. A constante surpresa e resistência encontradas em meu relacionamento com uma mulher de pele branca, e não loira, ilustram como essas monoculturas do corpo e do gosto estético se manifestam na vida cotidiana, perpetuando a ideia de que o padrão de beleza aceitável é o branco.

Em outro caso, isso aconteceu na aquisição de um apartamento em uma área nobre, desde sua fundação, há poucos metros da praia, quando fui erroneamente identificado como não proprietário e inicialmente impedido de ingressar no prédio. Somente após aguardar alguns minutos na portaria e apresentar minha identificação

consegui acesso ao imóvel. Notavelmente, observei que outros moradores, em sua maioria de etnia branca, não enfrentavam as mesmas dificuldades de acesso, sendo o portão aberto sem necessidade de identificação.

Desta forma, entende-se que a presença de um negro em um espaço predominantemente branco, conforme argumenta Gomez (2017), desafia as forças conservadoras, os grupos de poder e o mercado de trabalho que frequentemente excluem minorias. Segundo ela, essas posições de emprego e liderança são muitas vezes vistas como privilégios de poucos, ao invés de direitos sociais de todos.

Além disso, o racismo, não satisfeito em tentar me impedir de entrar na minha própria residência, foi me instigar dentro dela. Quando recebi a visita de um amigo de meu amigo, ambos brancos, desfrutamos de um dia repleto de conversas enriquecedoras, música ao som de violão – instrumento que dedilho – e passeios na orla. No momento da despedida, o amigo do meu amigo me deu um abraço e disse: “Cica, que bom te conhecer, você é um preto/branco”. Ou seja, o racismo não só transforma a branquidade em uma característica moral a ser atingida, mas também em um padrão estético a ser almejado (Gomez, 2017, p. 81).

Paradoxalmente, essas questões raciais perdem centralidade em minha descrição da trajetória profissional. Isso não significa negá-las ou sugerir que não existam, pois, como aponta Gomez (2017, p. 51), o Brasil construiu, historicamente, um tipo de racismo insidioso, ambíguo, que se afirma via sua própria negação e que está cristalizado na estrutura da nossa sociedade. O que posso ressaltar é que minha personalidade, minha forma de ser e de estar e o trato com cada pessoa que compõe o ambiente escolar foram fatores que me trouxeram benefícios na convivência com os colegas.

Diante desses relatos e reflexões, busquei a minha integração ao curso e para me sentir aceito pelo grupo, a saber, a turma do 1º período do ano de 1987/1 e aos alunos dos outros períodos.

Fotografia 10 – Histórico escolar (1987-1990)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO		HISTÓRICO ESCOLAR	
SUB-REITORIA ACADÊMICA DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS ACADÊMICOS			
871254264		LEACYR CLAUDIO M FERNANDES	
EDUCAÇÃO FÍSICA		MASCULINO	
681266 SP FS		26/01/66	
LEACYR CLAUDIO FERNANDES		ZILDA MARTINS FERNANDES	
06/04/92		25/08	
03.868		30/01/61	
VESTIBULAR 1987		MATEMÁTICA - FÍSICA XXX	
		OSPB - GEOGRAFIA - HISTÓRIA XXX	
		QUÍMICA - BIOLOGIA XXX	
		REDAÇÃO XXX	
		L.PORT.-L.ESTR.-L.BRAS. XXX	
		DISCURSIVA XXX	

PROVA	PROF.	NOTA DE PROVA	TEOR.	PRÁT.	PROVA	PROF.	NOTA DE PROVA	TEOR.	PRÁT.	PROVA	PROF.	NOTA DE PROVA	TEOR.	PRÁT.
87/1	EBR0330	EST DE PROB BRASILEIROS I	02	030	7.5	A	88/2	DES0853	NATAÇÃO III MASCULINA	01	030	7.0	A	A
	GIN0508	ÁTICA	01	030	7.0	A		GIN0858	GINASTICA OLIMPICA II MAS	01	030	7.0	A	A
	DES0827	ATLETISMO I MASCULINO	01	030	8.5	A	89/1	ADE0002	ESTRUT FUNC ENSINO I 2 GRAUS	04	040	6.0	A	A
	DES0851	NATAÇÃO I MASCULINA	02	045	8.0	A		ES10157	FISIOLOGIA EDUCACAO FISICA	02	030	7.0	A	A
	LEI11365	LINGUA PORTUGUESA	04	075	7.0	A		GIN0493	GINASTICA MASCULINA IV	02	060	7.5	A	A
87/2	BIO0735	BIOLOGIA EDUCACAO FISICA	02	030	7.5	A		GIN0510	RECREACAO II	02	030	7.0	A	A
	HOF0136	ANATOMIA EDUCACAO FISICA	03	060	7.5	A		ME50716	FISIOTERAPIA	02	030	7.0	A	A
	DES0225	FUTEBOL I	01	030	7.0	A		DES0836	HANDEBOL II MASCULINO	01	030	6.5	A	A
	GIN0490	GINASTICA MASCULINA I	02	060	8.5	A		GIN0859	GINASTICA OLIMPICA III MAS	01	030	6.5	A	A
	PSI0770	PSICOLOGIA DA EDUCACAO A I	04	060	8.0	A	89/2	GIN0494	GINASTICA MASCULINA V	01	030	10.0	A	A
	DES0828	ATLETISMO II MASCULINO	01	030	7.5	A		MS00729	HIGIENE EF	02	030	6.5	A	A
	DES0847	VOLEIBOL I MASCULINO	01	030	7.0	A		MS00730	GEOMETRIA	01	030	7.0	A	A
88/1	EBR0337	EST DE PROB BRASILEIROS II	02	030	7.5	A		DES0837	HANDEBOL III MASCULINO	01	030	7.0	A	A
	GIN0491	GINASTICA MASCULINA II	02	060	9.0	A		GIN0860	GINASTICA OLIMPICA IV MAS	02	040	10.0	A	A
	PSI0771	PSICOLOGIA DA EDUCACAO A II	04	060	8.5	A		DID2501	DIDATICA B IV	04	060	8.0	A	A
	DES0829	ATLETISMO III MASCULINO	01	030	7.5	A	90/1	DES0215	JUDO I	01	030	7.5	A	A
	DES0848	VOLEIBOL II MASCULINO	01	030	8.0	A		DID0264	PRATICA DE ENSINO I	04	100	6.0	A	A
	DES0852	NATAÇÃO II MASCULINA	02	045	7.0	A		ME50717	SOCORROS DE URGENCIA	02	040	7.5	A	A
	GIN0857	GINASTICA OLIMPICA I MASC	01	030	8.5	A		DES0843	BASQUETEBO III MASCULINO	02	040	7.5	A	A
88/2	EST0138	CINESTOLOGIA	02	030	6.0	A		GIN0861	GINASTICA OLIMPICA V MASCULINA	02	040	8.5	A	A
	DES0226	FUTEBOL I	01	030	8.0	A	90/2	DES0216	JUDO II	01	030	7.5	A	A
	GIN0492	GINASTICA MASCULINA III	02	060	7.5	A		DES0227	FUTEBOL III	01	030	7.0	A	A
	GIN0509	RECREACAO I	02	060	7.5	A		DES0228	ORGANIZ ED FISICA DESPORTOS	03	060	7.0	A	A
	DES0830	ATLETISMO IV MASCULINO	01	030	7.5	A		DID0265	PRATICA DE ENSINO II	04	100	8.0	A	A
	DES0835	HANDEBOL I MASCULINO	01	030	8.0	A								
	DES0841	BASQUETEBO I MASCULINO	02	045	8.0	A								
LEGENDA														
CRED - CREDITOS														
CHS - CARGA HORARIA SEMESTRAL														
SIT - SITUACAO FINAL														
A - APROVADO POR MEDIA														
E - ATIVIDADE OBRIGATORIA CUMPRIDA														
C - APROVEITAMENTO DE ESTUDOS														

TOTAL DE CREDITOS ACUMULADOS	98
TOTAL DE CARGA HORARIA ACUMULADA	2.205

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS ACADÊMICOS
SUB-REITORIA ACADÊMICA

ELISABETH LASSA RAMOS DOMINGOS
Chefe de Divisão de Admissão e Matrícula
em Exercício
DAA/SRA/UFES

Fonte: Acervo do autor (1990)

Deste modo, ingressei na equipe de atletismo como corredor de 100m, 200m e revezamento 4x100m do Centro de Educação Física e Desportos, pois era um bom velocista. Apesar de jogar futebol, a ideia de abandoná-lo, desde que ouvi as palavras de meu pai, já estava incorporada. Ademais, havia uma equipe de futebol formada pelos acadêmicos, em sua maioria, do 8º período, e outros alunos/atletas eram bem conhecidos no futebol do Espírito Santo. Como calouro, busquei meu espaço na equipe de atletismo.

Participei dos XXXIX Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) em João Pessoa – Paraíba, em 1988, e dos jogos XLI (JUBs) em Florianópolis – Santa Catarina, em 1990.

Fotografia 11 – Crachá de identificação dos Jogos Universitários em João Pessoa/PB (1988)

JUBS

**XXXIX JOGOS
UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS**
20 A 31 DE JULHO • JOÃO PESSOA-PB.

COMISSÃO DE CONTROLE DEPORTES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Nome: Ioacyr C. M. Fernandes

Função: 200 metros - Atlet.

Estado: Espírito Santo

Comissão de Controle

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
BANCO DO BRASIL

APOIO: PETROBRÁS

Fonte: Acervo do autor (1988)

Fotografia 12 – Crachá de identificação do atleta para os Jogos Universitários em Florianópolis/SC (1990)

CBDU

CAMPEONATO BRASILEIRO UNIVERSITÁRIO

N.º 3107

Nome: **Loacyr Claudio Martins de Fernandes**

Função: **ATLETA** Data de Nasc. **26 / 01 / 66**

Federação: **FUEC** Estado: **ESPIRITO SANTO**

Modalidade: **ATLETISMO** **55 SET 1990**

Comissão de Controle

Fonte: Acervo do autor (1990)

Participei dos jogos internos do Centro de Educação Física e Desportos, dos jogos universitários capixabas e de campeonatos estaduais de atletismo pela UFES. Nosso treinador e professor da disciplina de atletismo era Carlos Fernando Furtado

de Oliveira, conhecido como “Cacique”. Posteriormente, Luiz Claudio Locatelli, ainda graduando, assumiu a equipe, sempre com supervisão de um professor.

Fotografia 13 – Súmula dos Jogos Universitários do Espírito Santo (1988)¹⁴

FEDERAÇÃO DE ATLETISMO DO ESPÍRITO SANTO
— F A E S —
Fundada em 08/04/81
Rua João Carlos de Souza — CEP 29.000
Edifício Linhares — Praia do Canto
Vitória - ES

COMPETIÇÃO: JOGOS UNIVERSITÁRIOS DO ESPÍRITO SANTO - 1988.

LOCAL: E.T.F.E.S e U.F.E.S.
DATA: 11 e 12 de junho de 1988

RESULTADOS OFICIAIS

PROVA: 100 metros rasos - Feminino.

1º - Rosângela Lima Barcellos	C.E.F.D.	15.1 seg.
2º - Ivonete Lima de Almeida	C.E.F.D.	15.9 seg.
3º - Lucia Borges	C.E.F.D.	16.6 seg.

PROVA: 100 metros rasos - Masculino.

1º - Edson Pessanha Junior	C.E.F.D.	11.5 seg.
2º - Luiz Paulo Junger	C.T.	12.3 seg.
3º - Márcio dos Santos Silva	C.E.F.D.	12.5 seg.
4º - Marcos Antônio Dal Piaz	C.T.	13.0 seg.

PROVA: 200 metros rasos - Feminino.

1º - Rosângela Lima Barcellos	C.E.F.D.	31.9 seg.
2º - Ivonete Lima de Almeida	C.E.F.D.	32.1 seg.

PROVA: 200 metros rasos - Masculino.

1º - Loacir Fernandes	C.E.F.D.	24.3 seg.
2º - Sérgio Ricardo Barbosa	C.E.G.	24.7 seg.
3º - Palmiro Dal Col Filho	C.E.F.D.	25.1 seg.
4º - German Eduardo F. Bogarim	C.T.	32.7 seg.
5º - Luiz Roberto Castro	C.T.	34.2 seg.

PROVA: 400 metros rasos - Feminino.

1º - Renata Cristina Dalmaso	C.T.	1:20.6 min.
------------------------------	------	-------------

Fonte: Federação de Atletismo do Espírito Santo

¹⁴ Resultado da minha classificação na prova dos 200 metros rasos masculinos.

Fotografia 14 – Súmula dos Jogos Universitários do Espírito Santo (1988)¹⁵

FEDERAÇÃO DE ATLETISMO DO ESPÍRITO SANTO
— F A E S —
Fundada em 08/04/81
Rua João Carlos de Souza — CEP 29.000
Edifício Linhares — Praia do Canto
Vitória - ES

PROVA: 400 metros rasos - Masculino.

1º - Nilson Matozinhos dos Anjos	C.E.F.D.	57.3 seg.
2º - Marcio Santos da Silva	C.E.F.D.	59.4 seg.

PROVA: 800 metros rasos - Masculino.

1º - Rossini de Castro Teixeira	C.E.F.D.	2:12.4 min.
2º - Daniel Teixeira Rodrigues	C.E.F.D.	2:14.6 min.
3º - Juscelino Alves Santos	C.T.	2:26.2 min.

PROVA: 1.500 metros rasos - Masculino.

1º - Julio M. Abiaais	C.E.F.D.	4:47.0 min.
2º - Aleksandro Zaslawski	C.T.	4.59.7 min.

PROVA: 5.000 metros rasos - Masculino.

1º - Aleksandro Zaslawski	C.T.	19:41.8 min.
2º - Laurení Araujo França	C.C.J.E.	19:45.4 min.
3º - Marcos Lyra Quintaes	C.B.M.	25:10.1 min.

PROVA: Revezamento 4 X 100 metros - Feminino.

1º - Ivonete/Maura/Rosângela/Lucia	C.E.F.D.	1:03.7 min.
------------------------------------	----------	-------------

PROVA: Revezamento 4 X 100 metros - Masculino.

1º - Sarmento/Marcio/Loacir/Pessanha	C.E.F.D. 1	49.5 seg.
2º - Fernando/Otoniel/Nilson/Ney	C.E.F.D. 2	50.2 seg.

PROVA: Salto em Altura - Masculino.

1º - Luiz Paulo Junger	C.T.	1,75 m.
2º - German Eduardo F. Bogarini	C.T.	1,75 m.
3º - Nilson Matozinhos dos Anjos	C.E.F.D.	1,65 m.
4º - Fábio Galvão	C.E.F.D.	1,65 m.

Fonte: Federação de Atletismo do Espírito Santo

¹⁵ Resultado de classificação da nossa equipe de atletismo do Centro de Educação Física no revezamento 4x100 metros rasos.

Fui aluno de médio para bom na graduação, pois tinha muitas dificuldades nas disciplinas de Biometria, Fisiologia e Anatomia Humana, porém, paradoxalmente, na disciplina de Biologia, fui aprovado com nota 9,5. Muitos alunos não conseguiam aprovação nessa disciplina, pois em todas as aulas havia uma avaliação, com exceção da aula inaugural e da última, com a entrega das notas finais. Eram 30 horas-aulas e 28 avaliações, pois a professora Lélia, nos primeiros cinco minutos de aula, sempre nos avaliava com duas ou três questões dissertativas referentes à aula anterior. Nas outras disciplinas, chamadas práticas, era bom aluno.

Quanto ao atletismo, aproveitei bem as aulas, pois, além disso, treinava. Não era nenhum Bolt, mas, no Centro de Educação Física e Desportos, nos Jogos internos e no campeonato capixaba, sempre fui classificado nas primeiras posições e recebia medalhas. O JUBs exigia uma maior performance e um nível mais alto de competição. Mesmo assim, no de João Pessoa, fui classificado entre os dezesseis melhores corredores dos 100 metros rasos. Isso porque, quando o árbitro deu o tiro de largada nas semifinais, o atleta de São Paulo cuspiu em quem estava ao seu lado. Como larguei ao lado dele e era inexperiente, levei uma cusparada, mas já era tarde. Perdi milésimos de segundos na largada.

Nas aulas de atletismo, aprendi as técnicas de salto, arremesso, lançamento, saída de blocos para os 100 metros e passagem de bastão no revezamento, além da aproximação e transposição de barreiras nos 110 metros.

No que diz respeito à natação, fui aprovado no vestibular da UFES sem saber nadar os estilos convencionais; eu era um nadador de rio. Aprendi os quatro estilos com o professor Euro Suzano. Lembro-me de que, para me ensinar o nado de costas, ele colocou uma corda de uma extremidade a outra na piscina para que eu pudesse segurar e puxar.

Em relação à Ginástica Olímpica, eu era bem flexível, ágil, novo e acostumado, no meu bairro, a saltar valas, barreiras e a dar saltos mortais. Apesar de não ter muita força nos membros superiores, era um bom acrobata. Nosso professor era Cúrcio. Ainda tinha a moda da Ginástica Aeróbica, quando Marron, ainda graduando, reunia alunos em uma das salas do Centro de Educação Física e lá soltava a música e o pessoal entrava no ritmo. Eu nem tanto, mas estava lá, pois as aulas me ajudaram nos primeiros anos de atuação em sala de aula.

As aulas de recreação me auxiliaram muito no início da minha carreira docente. A maioria das nossas aulas da disciplina de Prática de Ensino, atualmente Estágio Supervisionado, eram realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental que funciona dentro da UFES. Preparávamos nossos planos de aula e posteriormente, na aula seguinte, entregávamos os planos à professora e relatávamos como foi a aula. Até hoje, quando reunimos os amigos dessa época, é narrada uma experiência dessa disciplina.

Em uma das aulas, um dos nossos colegas foi para uma escola na região da Grande Vitória. A aula tinha como objetivo trabalhar o equilíbrio das crianças. Então, ele riscou com uma vara várias linhas no solo em várias direções, pois a aula era em um pátio de terra batida, pois não havia quadra na escola. Organizou os alunos dispostos em coluna e pediu que cada aluno caminhasse por cima das linhas. Foi nesse momento que a surpresa aconteceu. Um dos alunos começou a caminhar sobre as linhas e, de repente, deu um salto mortal e caiu em pé em cima delas. Quando ele percebeu que o objetivo era trabalhar o equilíbrio, pôde perceber, no muro que cercava o local, que os meninos corriam por cima do mesmo atrás de pipas. Então, ele relatou que “rasgou” o plano de aula, pois não sabia o que fazer. Ao nos lembrarmos do ocorrido, sorrimos bastante, como se o evento tivesse ocorrido recentemente. É evidente que a aula teve que prosseguir, mas o momento serviu como uma oportunidade de aprendizado.

Fotografia 15 – Nossa turma da aula de Ginástica Olímpica do 1º período (1987)



Fonte: Acervo de Francisco de Assis (1987)

Fotografia 16 – Nossa sala de aula de Ginástica Olímpica do 1º período (1987)



Fonte: Acervo de Francisco de Assis (1987)

Em relação às aulas de Judô, eu e o Júlio, por sermos os mais leves da turma, éramos frequentemente escolhidos como os uke's¹⁶ nas avaliações de quase todos.

Nas aulas de esportes coletivos, como futebol e voleibol, adquiri um bom entendimento dos sistemas táticos, porém o handebol sempre me incomodou pela questão do contato físico, de modo que aprendi pouco sobre esse esporte. Já no basquetebol, até hoje tenho dificuldade com a questão da arbitragem e sinalização, porém não tive dificuldade alguma com drible, manejo de bola e arremesso. É claro que, com 1,75 metros, teria uma desvantagem com jogadores mais altos em um campeonato.

Fotografia 17 – Nossa turma de futebol de todas as sextas-feiras às 7h



Fonte: Acervo de Francisco de Assis (1987)

¹⁶ Pessoa que sofre a execução de uma técnica em uma arte marcial japonesa, por oposição ao tori. PRIBERAM. Uke. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/uke>. Acesso em: 9 ago. 2024.

Fotografia 18 – Nossa turma de futebol¹⁷

Fonte: Acervo de Francisco de Assis (1987)

As aulas de Ginástica eram com a professora Teresinha Maria Giacomini e o com o provocante professor Paulo Roberto, conhecido como “Paulinho”. Para Chicon (2021, p. 7),

[...] dois docentes se destacavam na orientação dos discentes para o estudo mais aprofundado e iniciação científica, com oferta de textos para leitura e organização de grupos de estudo, o professor Paulo Roberto Gomes de Lima e a professora Teresinha Maria Giacomini. Posso dizer, com toda certeza, que eles foram minha fonte inspiradora para seguir a carreira acadêmica e me tornar, em 1999, docente efetivo na Ufes (CHICON, 2021, p. 7).

¹⁷ Como era de costume nos anos 80, os clubes de futebol costumavam postar fotos de perfil. Nosso colega de turma, Francisco de Assis, pediu para todos olharem para o lado e assim ficou essa foto. Até hoje, lembro essa postagem com carinho.

Desta forma, tanto Teresinha quanto Paulinho ministravam as disciplinas e estudos relacionados ao ensino-aprendizagem dos conteúdos da abordagem psicomotora. Assim como Chicon, fui aluno de ambos os professores. Comecei a observar algo de diferente em suas práticas. Era um pensamento sobre o movimento. Podia perceber uma diferença na condução de suas aulas, mas não entendia o que eles queriam com aqueles discursos sobre o corpo e o movimento, que refletiam a influência dos movimentos “renovadores” na Educação Física das décadas de 1970 e 1980, os quais desafiaram a Educação Física convencional, questionando sua ligação a uma visão dualista do ser humano e enfatizando a importância da dimensão histórica do conhecimento a ser tratado pela Educação Física (Soares *et al.*, 1992).

Anos se passaram e os relatos e memórias sobre o professor Paulo ilustram bem como suas aulas eram construídas. Meu contemporâneo de graduação, Batista, descreve uma dessas aulas:

[...] Paulo se apresentou, ouviu os alunos e iniciou a aula com um desenho, representativo do homem: três círculos que se interpunham, nos quais eram grafadas as palavras intelecto, emocional e motricidade, todos eles transpassados por um círculo com a palavra: Social. Na interseção entre os três campos, foi grafada a palavra personalidade (BATISTA, 2020, p. 34).

Houve uma aula em que a tensão foi grande para nós, pois penso que era a intenção do professor Paulinho nos provocar, ou melhor, fazer-nos refletir um pouco mais sobre nossa prática e nosso curso. Ele entrou na sala com uma bolsa cheia de livros e distribuiu-os para a turma, citando a maioria deles, página por página, e o que era dito em cada uma delas. Particularmente, estava acostumado com leituras de regras e alguns livros que apresentavam sugestões de aulas, pois minha intenção era lecionar.

Cada um teve que fazer a leitura silenciosa e posteriormente ele ia fazendo questionamentos para que pudéssemos refletir e dialogar. Houve alunos que saíram da sala e foram embora, deixando o clima um pouco tenso. Em minha mente, pedia silenciosamente para ele não me perguntar nada, pois tinha muito medo de falar ou

até mesmo dialogar com o professor.

Ele sempre dialogava em bom-tom conosco, paulatinamente começávamos a entendê-lo e muitas vezes realizava soluções simples para certas questões. Essa observação foi feita por Batista (2020, p. 35):

Ainda ao final da aula, o professor dividiu capítulos de um livro como tema para outros grupos. Alguns alunos reclamaram que não possuíam condições de comprar o livro e tinham dificuldades para tirar xerox. O professor, com a tranquilidade de sempre, dividiu o livro em capítulos e entregou aos respectivos grupos, deixando os alunos atônitos (BATISTA, 2020, p. 35).

Em outras vezes, havia a conotação de que o professor era meio “doidinho” (Batista, 2020, p. 34), produtor ou divulgador de teorias exóticas, estranhas, não só em relação ao Currículo, mas também à vida como educador. Ele nos surpreendia em certos momentos, como quando nos contou estar alfabetizando a filha.

Certa feita, o professor Paulinho estava no ponto de ônibus com sua filha, prestes a ir para Camburi. Um ônibus da mesma empresa, com as cores e logotipos iguais ao ônibus em que eles sempre embarcavam, aproximou-se. Sua filha apontou o ônibus como sendo o deles e ele não hesitou, pois percebeu que seria uma oportunidade de ensinar a criança. Embarcou de propósito e com a intenção de ensinar-lhe que existem ônibus de cores e logotipos iguais, mas com itinerários diferentes.

Esse episódio foi relatado à turma, causando um momento cômico e de reflexão pela forma que o professor escolheu ensinar a sua filha. O destino se tornou outro e a criança descobriu que estavam longe do local desejado. Desembarcaram para embarcar em outro veículo, mas agora com o destino correto.

Como a gente estava muito aquém do conjunto de ideias e ideais do professor Paulinho e dos autores que ele expunha, eu pensava: “Já pensou se eu tiver que pegar o ônibus errado para alfabetizar meu aluno? Onde vou parar?”. É

claro que o professor era cômico das ações, relatos e ensinamentos que ele nos passava, mas era desafiador para nós e para aquele momento.

Minha impressão, minha sensação e meu sentimento eram parecidos com os de um colega, também aluno do professor Paulinho. Em suas percepções, ele descreve essa época ímpar no curso de Educação Física da seguinte maneira:

Naquele momento tudo era novo. Não distinguíamos com clareza a matriz teórica dos autores. O eclétismo nos rondava intelectualmente. Sentíamos, sim, uma incompatibilidade entre as novas teorias e o currículo oficial que nos era apresentado, extremamente esportivista e centrado no fazer, no executar, como se fôssemos atletas e não futuros professores (BATISTA, 2020, p. 36).

Ele tinha um grupo de estudos, cujas alunas eram chamadas de “Pauletes”¹⁸, que se reunia em um certo período; portanto, era alvo de críticas que o acusavam de influenciar a mente dos alunos e causar conflitos com as outras disciplinas ministradas por professores de vertente tradicional, refletindo as contradições desse tempo histórico (Batista, 2020).

Chegou um momento em que observei que o professor Paulinho chegava ao Centro de Educação Física com sua bolsa cheia de livros e se dirigia diretamente para a sala de aula, raramente se deslocando para a sua sala de professor ou para a sala dos professores. Após o término de sua aula, ele conversava conosco e caminhava em direção ao ponto de ônibus para voltar para casa.

Certo dia, ao chegar no CEF, não sabia que o professor Paulinho nos observava, pelo menos foi o que pensei. Ele parou, olhou para mim e me perguntou: “Você não quer fazer parte do nosso grupo de estudo?”. Não vou falar de arrependimento, mas sinceramente não sabia que o professor Paulinho notava que era seu aluno ou da sua turma. Por me sentir assim e por observar as aulas dele, eu pensei: “Que contribuição vou dar para esse grupo?”. Foi tudo muito rápido. Então

¹⁸ Apelido dado às alunas que faziam parte do grupo de estudo com o professor Paulinho. Esse apelido fazia referência ao grupo de meninas que atuavam no palco como as assistentes da apresentadora Xuxa nas décadas de 1980, as quais eram apelidadas de “paquitas”.

disse que não, um tanto quanto assustado. Ele voltou a falar: “Se você quiser, nós nos reunimos...” e me disse o dia e o horário dos encontros. Até hoje, penso que poderia deixar a timidez ou introspecção de lado e reunir-me com aquele grupo, ou seja, há três coisas na vida que nunca voltam: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida (autor desconhecido).

Por outro lado, Batista (2020) enfrentou seus medos, ao apresentar seu trabalho na disciplina do professor Paulinho, Ginástica Masculina III, como ele descreve:

[...] chegou o dia da minha apresentação no seminário. Cumpri à risca a primeira lição e li nos íntegros livros de referência. Com muita insegurança, iniciei minha apresentação, seguindo um roteiro de palavras-chave na transparência, conforme recomendação do mestre. Tremia, e o suor escorria por baixo da roupa, mas enfrentei, e, particularmente, foi o início da superação de um medo que me acompanhou a vida toda durante minha atividade escolar pregressa. Uma superação que marcou, profundamente, minha militância futura (BATISTA, 2020, p. 37).

Posteriormente, tive a oportunidade de apresentar trabalho na disciplina de Ginástica Masculina V, realizado em grupo, sendo que cada componente deveria realizar seu trabalho individualmente, visto que a apresentação seria feita somente por um dos membros. Deixei ou deixamos outro colega apresentar o trabalho dele, que tinha o mesmo conteúdo do nosso. Após ele terminar, fiquei com o sentimento, que persiste até hoje, de que poderia ter apresentado meu trabalho, pois as observações que o professor fez após a apresentação eram exatamente as que meu trabalho contemplava e que realmente o professor queria que fizéssemos. Resultado: quem apresentou obteve uma nota maior e nós ficamos na média para aprovação na disciplina.

Outro fato marcante foi quando o professor Paulinho trouxe ao Centro de Educação Física o professor João Batista Freire para uma roda de conversa conosco. Foi à noite, por volta das 19h, na sala de basquetebol.

Ao chegar com o professor João Batista¹⁹, Paulinho nos apresentou e disse: “Gente, esse é o nosso guru”. Há 30 anos, ouvir e ver alguém que publicou um livro – “Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física” – era uma grande novidade para mim.

A conversa teve seu desfecho com uma pergunta de um dos nossos colegas de turma ao professor sobre o que ele achava da frase “Tira primeiro a trave do teu olho e, então, cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão” (Evangelho de Mateus 7:5 – Bíblia).

Ele respondeu que achava as palavras de Jesus bonitas. Até hoje, lembro-me de sua indumentária: calça meio bege de moletom, sanfonada perto dos tornozelos, e tênis que o professor João usava. Paulinho novamente assumiu a fala e os agradecimentos.

Nunca mais tive a oportunidade de estar em outro encontro ou evento presencial em que o professor João Batista estivesse, somente o vi em *lives*. Por outro lado, a última vez em que encontrei o professor Paulinho foi em 1998, na UFES, em um curso de formação.

Nos últimos períodos do curso, 7º e 8º, em fevereiro de 1990, comecei a romper um pouco aquela fala de meu pai: “Termina o curso, depois trabalha”. Ingressei no meu primeiro emprego. Era uma escola na Praia do Canto, em Vitória, perto da UFES, com o nome “Caminho do Saber”. Eram somente quatro turmas e oito aulas semanais. No último período, concluí o curso realizando apenas quatro disciplinas.

Em dezembro de 1990, terminei o curso de Licenciatura Plena em Educação Física. Não havia apresentação de monografia, TCC ou algo semelhante;

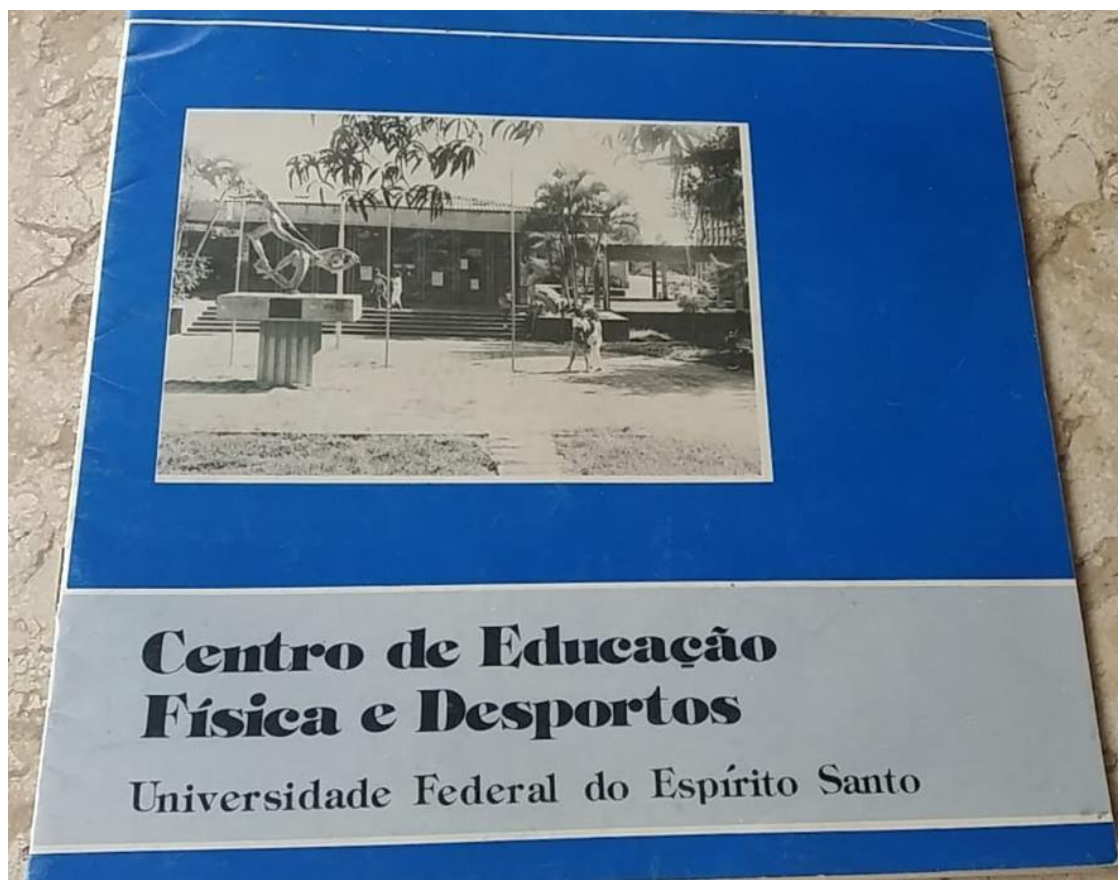
¹⁹ Com ênfase na cultura infantil e fundamentado na psicologia do desenvolvimento, o autor direciona sua proposta à Educação Física das primeiras séries do primeiro grau. Sua ideia central é proporcionar às crianças oportunidades de experiências motoras que promovam o desenvolvimento “normal”, atendendo assim às necessidades de movimento da criança. Isso o aproxima de abordagens desenvolvimentistas e psicomotoras (BRACHT, 1999).

acabávamos os créditos e o curso estava encerrado.

No último dia de aula, a expressão que vinha em minha mente, meu coração e minha boca era: “acabou, acabou, acabou”. Não coleei grau com minha turma, pois não tinha dinheiro para festa e roupa de formatura, nem peguei o diploma no ano em que terminei os créditos, pois meu salário era muito baixo na escola particular. Além disso, lecionava em poucas turmas e ainda não era formado; por conseguinte, recebia salário de graduando. Dois anos após a conclusão do curso, com salário melhor, de professor efetivo, consegui pagar meu diploma.

O último colega com quem tive contato antes de ir embora foi o André. Nós marcamos um jogo de futebol à noite em um bairro da Grande Vitória, no campo da pedra. Após o jogo, ele me levou em seu automóvel até o terminal de ônibus Dom Bosco, no centro da capital, hoje desativado, onde nos despedimos com a certeza de que, no outro dia, não haveria mais ida para o Centro de Educação Física e Desportos.

Fotografia 19 – Caderno do Centro de Educação Física e Desportos/UFES (anos 1980)²⁰



Fonte: Acervo de Francisco de Assis (1987)

²⁰ O recorte da imagem é a entrada do Centro de Educação Física.

11 ENTRE BARRACÕES E CÉUS: UMA JORNADA PELA ESCOLA NO JARDIM BOTÂNICO

Em fevereiro de 1991, realizei concurso público para o magistério, na Prefeitura Municipal de Cariacica, no Estado do Espírito Santo, buscando uma oportunidade como professor de Educação Física. Felizmente, fui aprovado e minha nomeação ocorreu, rapidamente, no mesmo ano. Optei por trabalhar no turno matutino, na região da Grande Caçaroca, na Escola Jardim Botânico, que compartilhava o mesmo nome do bairro, por ser a escola mais próxima de minha residência.

Este bairro estava sendo ocupado por pessoas vindas de várias localidades, incluindo os Estados que fazem divisa com o Espírito Santo, como a Bahia, ao norte; Minas Gerais, a oeste; e Rio de Janeiro, ao sul; bem como do interior do Estado e da região de bairros periféricos da Grande Vitória – ES. Posteriormente, a ocupação foi regularizada e cadastrada, e, aos poucos, as casas foram erguidas. Além disso, outros imóveis ou terrenos foram adquiridos, legalizados e rapidamente vendidos para serem transformados em comércio. Isso resultou em uma rotatividade constante de moradores na região. Outra questão importante é que já havia edificações legitimadas construídas nesse bairro. Isso significa que nem todos os residentes eram provenientes das ocupações. Por exemplo, o vizinho da escola, que já habitava o bairro antes das ocupações e continua sendo morador da região até hoje, ajudou-nos muito no início da escola, emprestando-nos água.

Após chegar à escola e me deparar com o barracão de madeira que continha quatro salas de aula, percebi que a disposição dos ambientes era peculiar. O professor entrava por uma porta que dava acesso a duas salas e, delas, podia-se passar para as outras duas. Todas elas tinham janelas voltadas para a rua e não havia muros. Anexos ao barracão, encontravam-se dois banheiros: um para uso dos alunos e outro para os professores. A cozinha era bastante pequena.

A cerca de dois metros do barracão, estava a caixa d'água construída sobre

andares de madeira. Como a escola compreendia da 1^a à 4^a série (atualmente ensino Fundamental I), havia uma sala para cada série e o número de alunos por sala era reduzido. Na manhã do meu primeiro dia, estavam presentes as professoras Ébia, Sílvia, Ivete Frederico e Sheila, mas não havia diretora presente naquele momento. Apresentei-me às docentes e, pela indumentária, elas já sabiam que era o professor de Educação Física. Pedi para verificar se alguém tinha o horário, mas fui informado de que a escola ainda estava formando as turmas e as professoras escolheriam os grupos em que iriam lecionar. Naquele dia, entrei em todas as turmas e conversei com os alunos, apresentando-me pelo nome e explicando qual era a minha disciplina.

Como havia apenas quatro turmas, ao final da manhã fui observar o entorno da escola. Logo ao lado, avistei duas traves de madeira colocadas em um terreno baldio, que se mostrava como um campo de futebol, com uma areia bem compactada. Ao lado do campo, pude ver as primeiras ocupações: diversos piquetes de madeira cravados no solo e terrenos cercados com cordas, panos e algumas pessoas ocupando lugares dentro desses espaços, para evitar que outros viessem e tomassem suas terras. Caminhei pelo campo de futebol, que tinha dimensões enormes. Ao olhar atentamente para o campo, percebi que ali seria um bom espaço para ministrar minhas aulas.

Neste momento da carreira, debrucei-me sobre o livro de Borsari (1980), que, segundo o próprio autor, é a primeira obra sobre Educação Física Escolar a abranger todos os níveis de ensino, oferecendo aos professores elementos que os auxiliem na organização dos cursos de Educação Física nas escolas. Considerou-se como fundamental a necessidade de um processo de aprendizagem gradual e coerente, que proporcione ao aluno um crescimento físico saudável e permita que ele revele suas aptidões na área de esportes. Em cada nível escolar, é apresentado um planejamento sequenciado para o desenvolvimento das atividades de Educação Física, além de sugestões de programas e conteúdos adequados a cada série e faixa etária, enriquecidos com exercícios e ilustrações. Dessa forma, como iria

lecionar da 1ª série até a 4ª série, as propostas de aulas da pré-escola à universidade contemplavam todas as minhas necessidades.

Uma preocupação, nesse momento, era a falta de material, tampouco de uma sala de Educação Física, sem perspectiva de chegada de instrumentos para as minhas aulas. O único espaço disponível para alguma atividade era atrás da escola e o campo de futebol, localizado ao lado da mesma.

Em meu segundo dia de aula, cheguei à escola com meu plano anotado em um caderno, tudo planejado. Assim pensava! Peguei minha turma, composta por alunos da 4ª série e os conduzi para um local na parte de trás da escola. Lá, organizei os alunos em uma coluna/fila. Enquanto caminhava do fim para o início, ao chegar à frente da turma e me virar para explicar como seria a atividade, deparei-me com uma situação inesperada: um aluno estava prestes a arremessar uma pedra em direção a outro colega. Agi rapidamente, interpondo-me entre eles, mas, mesmo assim, a pedra atingiu a parede do barracão, causando um grande barulho. Apesar do susto, consegui acalmar o aluno e retomar a aula. Essa experiência evidenciou a necessidade não apenas de lecionar, mas também de lidar com outras questões nas aulas de Educação Física, como a indisciplina:

Em aulas recheadas de atos de desrespeito e até de agressões, fica difícil de ensinar. Por outro lado, e apesar de ser preocupação importante das escolas, os aspectos que originam a indisciplina, bem como a forma de enfrentá-la, não são evidentes. Está claro que a indisciplina não é um problema apenas da Educação Física, contudo, esta se sustância de forma específica nas suas aulas (DARIDO et al., 2020, p. 111).

Ainda muito jovem e inexperiente, acreditava que bastava pegar o livro, ler e seguir o que estava escrito, até mesmo as atividades desenhadas e figuras, com os alunos sentados em círculo, passando bolas que não tínhamos na escola, de mão em mão, entre outras atividades. Fui deixando aos poucos de me fundamentar exclusivamente no livro “Borsari” que havia escolhido para guiar minhas aulas e comecei a trazer para elas as atividades de recreação que havia aprendido com as professoras Adelzira Madeira dos Santos e Cély Barbosa Zambelli, docentes das

disciplinas de Recreação 1 e 2 da Graduação.

Durante esse período inicial da escola, em uma manhã em que todas as professoras já estavam presentes antes do início das aulas matutinas, chegou uma senhora com uma blusa listrada em verde, grená e branco. Ela se apresentou: “Eu sou a diretora de vocês; meu nome é Jusélia Corrêa Lube. E, sou Vasco duas vezes”, fazendo referência ao prefeito municipal de Cariacica, Vasco Alves, e ao clube de futebol *Vasco da Gama*, do qual era torcedora. Dona Jusélia, como a chamávamos, estava concluindo seu curso de pedagogia. Era muito experiente em trabalhar com comunidades carentes e rapidamente começou seu trabalho na escola, colocando literalmente a mão na massa em todos os aspectos. Ela foi de grande importância para que a escola se estabelecesse de fato como uma unidade escolar. E fomos grandes parceiros. Ela me chamava de “Lô”.

Nesta unidade escolar, além de lecionar minhas aulas, não pude me eximir de ajudar na formação de uma verdadeira instituição de ensino. Comecei a atuar como professor e a realizar, de forma intuitiva, outras tarefas de vários aspectos. A escola precisava ser reconhecida como tal; o barracão estava lá, assim como os professores. Não se trata aqui de abandonar minha prática como professor de Educação Física, mas participei ativamente em ações cujo objetivo era que a escola tivesse sua projeção dentro do município.

Além dos poucos alunos matriculados regularmente, para aumentar a frequência e, conseqüentemente, o número de educandos, fui várias vezes com a diretora até as casas dos pais no entorno da escola e no bairro acima da instituição para convidar alunos a estudar. Dizíamos aos pais, mães, avós, responsáveis e crianças, que muitas vezes encontrávamos sozinhas em suas casas, que no barracão, sem nome ou sinalização, funcionava uma escola de 1ª à 4ª séries e, aos que nunca tinham estudado ou não tinham filhos matriculados, dizíamos para irem fazer sua matrícula.

Muitas famílias não tinham documentação ou histórico escolar dos seus filhos. Alguns nunca tinham estudado e eram de idade avançada. Ao chegarem à escola, Dona Jusélia fazia avaliação de leitura e escrita. Eu a acompanhava muitas vezes, observando a diretora com os alunos. Era uma experiência muito interessante e hilária. Só para citar alguns casos, ela recebia os alunos e sentava-se com eles de frente para uma carteira. Fazia as perguntas de praxe, como nome, idade e se haviam estudado em alguma escola. Havia alunos com idades entre 8 e 15 anos que nunca haviam frequentado uma instituição de ensino. Após isso, ela avaliava-os com algumas questões: pedia para falarem a palavra mexerica e, depois, para soletrarem o vocábulo. Então, o aluno, muitas vezes, dizia: “M - O - X - I - R - A”.

Para estudantes de 10 a 14 ou 15 anos, ela entregava uma folha de papel e pedia para escreverem a palavra ditada por ela. Alguns nem sabiam pegar no lápis, outros escreviam com certa dificuldade. Havia alunos falantes e outros não. Em alguns casos, ela também pegava um recorte de um texto e pedia para o aluno fazer a leitura. Posteriormente, distribuía os discentes por sala de acordo com essas avaliações. Pegava um aluno por vez e se dirigia até a sala da professora, dizendo: “Professora, esse aluno é seu, vai estudar na sua turma”, e assim sucessivamente.

Muitas vezes, chegávamos à escola e não havia água. Subi várias vezes na caixa d'água com uma mangueira emprestada pelo vizinho, para enchê-la, já que a água não tinha força suficiente para chegar ao reservatório. Dessa forma, as serventes podiam preparar a merenda do dia.

Consertar portas e fechar frestas era uma prática comum, pois a escola, sem muros, estava sempre exposta a algumas depredações. Era comum pessoas passarem e olharem pela janela durante as aulas para verificar o que estava acontecendo. A diretora era ágil e rápida em fazer esse serviço simples de marcenaria. Muitas vezes, ela trazia martelo e pregos de casa e juntos nós pregávamos cartazes nas salas de aula feitos em cartolina ou papelão pelas professoras com o alfabeto. Porém, quando chovia, muitas vezes os cartazes

molhavam e nós estávamos novamente lá para pregá-los.

Busquei pães a longas distâncias da escola para garantir a merenda dos alunos. Quando havia tiroteio nos arredores e a polícia estava no bairro, embora sentisse muito medo, não o demonstrava e fazia uma “escolta” das professoras até o ponto de ônibus. Meus pais e minhas irmãs nunca souberam dessas narrativas, pois era certo que, se tomassem ciência, principalmente minha mãe, pediriam para deixar o emprego no mesmo dia. E, conhecendo-a, sei que pediria: “Saia desse emprego, que eu e seu pai te sustentamos”.

Em dias chuvosos, havia muita lama até a chegada à escola, e em dias de sol, muito vento e poeira. As minhas aulas, exceto em dias chuvosos, eram realizadas no campo de futebol ao lado da escola, de modo que lecionava à vista de todos.

Neste primeiro ano de atuação docente, trabalhei com as turmas desenvolvendo jogos, brincadeiras, cantigas de roda, algumas capacidades físicas e histórias. Os jogos, em particular, apresentaram uma flexibilidade nas regulamentações, adaptando-se às condições de espaço e material disponíveis, bem como ao número de participantes. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) , esses jogos podem ter um caráter competitivo, cooperativo ou recreativo, sendo praticados em situações festivas, comemorativas, de confraternização ou como simples passatempo e diversão, incluindo-se entre eles as brincadeiras infantis de modo geral (BRASIL,1997, p. 49).

Por muitas vezes, não tínhamos material nenhum na escola, e mesmo que os tivéssemos, não haveria lugar onde guardá-los, pois o colégio não possuía uma sala de Educação Física adequada para esse fim. Um exemplo disso é que eu usava um pedaço de madeira para riscar o solo e delimitar o espaço em algumas atividades. De acordo com Kogut et al. (2009), os recursos materiais de ensino são essenciais para a prática pedagógica, mas muitas escolas enfrentam a precariedade desses

recursos, que são frequentemente adaptados pelos professores. Na Educação Física, a situação é ainda mais dramática, com constantes queixas sobre a falta de materiais pedagógicos necessários para a execução das aulas.

Em relação às brincadeiras, havia uma que eu chamava de “Troca de Casinha”, a qual era realizada no campo de futebol. Em cada canto da área, era formado um quadrado, totalizando quatro quadrados. Deles, três eram ocupados por um determinado número de alunos, que podiam ser nomeados com nomes de animais, cores ou números à escolha dos mesmos e, no diminutivo, por se tratar de crianças. O quadrado restante ficava vazio. Colocava um aluno equidistante dos quadrados, que eu chamava de “pegador”. Quando eu pedia para um grupo específico trocar de casinha, eles tinham que correr e entrar na casinha vazia antes de serem pegos ou tocados pelo “pegador”.

Realizávamos corridas em dupla. Desenhava um formato de caracol no chão e os alunos tinham que chegar até o fim saltando com uma perna só, sem pisar nas linhas. Eles retornavam usando a perna contrária à da ida. Além disso, os estudantes gostavam muito das brincadeiras de pique-bandeira, pique-boia e “boca de forno”.

As aulas sempre começavam com os alunos em pé, de costas para o sol e de frente para mim. Cada sessão tinha a duração de 40 minutos e, com apenas quatro turmas, eu pegava as classes todos os dias, quase a semana toda.

1993 foi um ano importante pois marcou a construção de uma nova escola. Após o retorno das férias de janeiro, uma surpresa aguardava a todos nós. Em vez do familiar “Barracão”, deparamo-nos com um monte de entulho de madeira espalhado pelo chão e a diretora nos aguardava com novidades. Não tínhamos sido previamente informados sobre a mudança, considerando especialmente a raridade e o custo dos telefones na época. Foi então que ela nos comunicou que a escola seria reconstruída em alvenaria e que seríamos alocados temporariamente pela

Secretaria Municipal de Educação.

Ao final de 1993, com a conclusão da construção, retomamos nossas atividades no novo prédio, no ano de 1994. O espaço foi expandido, adicionando-se duas salas de aula e, posteriormente, mais duas. Assim, o prédio original de seis salas foi ampliado para abrigar um total de dez salas de aula.

Fotografia 20 – A nova escola Jardim Botânico



Fonte: Acervo do autor

Diante do novo ambiente escolar, com o pátio interno agora delimitado por muros, continuava a conduzir a maioria das minhas aulas no campo de futebol adjacente à escola, influenciado, em parte, pela obra de Celi Taffarel. Segundo a autora,

Do ponto de vista da pessoa humana, o ato criativo integra, em um esforço único de busca do inédito, todas as capacidades da conduta humana-afetiva, cognitiva e corporal. É nos atos de criação que se vislumbra o que há de verdadeiramente humano no homem. Do ponto de vista sócio-político,

a extensão do ato da criatividade se traduz ou através de uma produção potencialmente útil à sociedade, ou através das atitudes de um ser social que, ao sentir-se capaz de criar, sente-se capaz de transformar, de mudar, de melhorar (TAFFAREL, 1985, p. 04).

Embora a obra trouxesse conceitos e propostas interessantes, meu foco estava nos planos de aula. Eu buscava algo que norteasse as classes que iria lecionar. Portanto, direcionei-me imediatamente para as últimas páginas, em que estavam os planos de aula. Iniciei minha análise diretamente pelo plano número 4, que abordava o tema “Nós combinamos em jogo e movimentos materiais como bolas, bastões e cordas”, utilizando o método de análise-síntese (Taffarel, 1985, p. 39). No entanto, as outras etapas propostas pela autora, como objetivo, argumentação, análise e relatório da aula, não eram seguidas por mim. Meu foco era fazer as aulas acontecerem. Os alunos estavam ali, na escola, e o material disponível era limitado. Logo após encerrar uma prática, portanto, pegava a próxima turma e seguia em frente.

Além disso, muitas vezes, meu horário da primeira aula era alterado por diversas questões, como paralisações ou greves de ônibus, que ocorriam sem aviso das empresas de transporte urbano. Para dimensionar a gravidade dessas situações, recordo-me de uma paralisação que afetou toda a Grande Vitória devido ao assassinato de um cobrador de ônibus no bairro, em pleno dia e em horário de serviço, situação em que o réu era um ex-aluno.

Por residir mais próximo da escola, muitas vezes assumia a primeira aula da turma da professora que ainda não havia chegado ou minha última aula era trocada, para que a professora, que dependia de transporte público, tivesse um tempo maior para se deslocar até sua casa ou outra escola.

Em continuidade às iniciativas para suprir as necessidades de materiais nas aulas, solicitei aos alunos que trouxessem cabos de vassoura como doação para serem utilizados como bastões. Ao todo, foram recolhidos 47 cabos de vassoura, os quais guardei em minha pequena sala para as aulas. Posteriormente, consegui

também jornais e uma corda extensa, completando assim o meu material de trabalho.

Dado que o livro “Criatividade nas aulas de Educação Física”, de Taffarel (1985), continha imagens das atividades propostas, após os primeiros dias de aula, eu revisava essas imagens no dia anterior e, em seguida, usava os cabos de vassoura durante as minhas aulas.

Iniciar uma aula e preparar-se para a próxima não era tarefa simples. Sem sinais sonoros entre as aulas, eu chegava cedo para organizar os materiais. Os cabos de vassoura eram colocados em um cesto perto do portão da escola, dentro dos muros. Eu buscava os estudantes na sala e os levava para o campo, com a ajuda de alguns para carregar os materiais. Após as aulas, um aluno vigiava o cesto enquanto eu acompanhava os outros para beber água e depois os direcionava para a sala. Então, buscava a próxima turma e, ao sair para o campo, chamava o aluno que estava lá. Eu só me deslocava quando ele entrava na escola, geralmente com um sinal da coordenadora. Assim, só iniciava a próxima aula quando todos os discentes estavam em seus ambientes escolares.

No que diz respeito aos cabos de vassoura, explorava-se o desenvolvimento do equilíbrio. Com uma quantidade significativa de cabos disponíveis, cada aluno possuía seu próprio material, o que permitia a realização de uma variedade de atividades que envolviam equilibrar o cabo longitudinal e transversalmente, bem como em diferentes partes do corpo, tanto em posições estáticas quanto em movimento. Durante as aulas, sempre incentivava os alunos a experimentarem novas abordagens e técnicas, estimulando a criatividade e a busca por soluções inovadoras. Ao observar um estudante realizando uma técnica diferente, utilizava esse exemplo como ponto de partida para desafiar os demais a tentarem reproduzir ou adaptar a abordagem. Esse processo promovia um ambiente de aprendizado dinâmico e colaborativo, no qual os alunos estavam constantemente engajados na exploração e na descoberta de novas maneiras de equilibrar os cabos de vassoura.

Como professor, eu participava ativamente das atividades, proporcionando suporte e orientação aos educandos durante todo o processo.

Nas corridas em deslocamento entre os cabos, aproveitando as características da areia do campo, as quais que facilitavam a fixação dos cabos, organizava diversas atividades. Inicialmente, formava colunas de cabos dispostos sobre o solo e, em seguida, promovia corridas em zigue-zague entre essas colunas. Além disso, posicionava os cabos deitados no chão, incentivando os alunos a saltarem sobre eles e a se deslocarem entre os espaços. Durante as atividades, sempre os estimulava a explorarem diferentes formas de transposição, incentivando a criatividade e a busca por soluções inovadoras. Com o passar do tempo, os alunos desenvolviam suas próprias estratégias e técnicas para superar os desafios apresentados pelos cabos de vassoura.

Eu conduzia exercícios de ginástica com os alunos, utilizando os cabos de vassoura como acessórios, além de atividades lúdicas em formato de círculo para promover reflexos e lateralidade. Por exemplo, solicitava aos estudantes que soltassem o cabo de vassoura e o pegassem novamente; depois, que pegassem o cabo do lado esquerdo ou direito, visando desenvolver a lateralidade. Variava as atividades de acordo com a turma. Em alguns casos, posicionava os alunos em duplas, um de frente para o outro, com os cabos dispostos no chão na vertical, segurando-os apenas com as palmas das mãos pressionadas no solo. Ao sinal, cada aluno soltava seu cabo e pegava o do colega à sua frente.

Às vezes, realizava atividades de equilíbrio com os alunos, incluindo o desafio de manter os cabos nas pontas dos dedos, algo que algumas turmas já conseguiam fazer individualmente. No entanto, era comum observar alguns discentes interessados em brincar de cruzar espadas com os cabos ou até mesmo em tentar acertar os colegas com os mesmos.

Quanto ao terreno do campo de futebol, aproveitava o solo, especialmente

nos dias seguintes às chuvas noturnas, pois, embora o campo não alagasse, a areia ficava bem compactada, proporcionando uma superfície adequada para as atividades.

Fotografia 21 – Campo de futebol da Escola Jardim Botânico



Fonte: Professora Adriana, responsável por ministrar a disciplina de Geografia na Escola Jardim Botânico

Desta forma, eu riscava no chão com um pedaço de madeira um caracol bem grande e o dividia em partes, que denominava de “casas”, para os alunos saltarem com um dos pés. Posteriormente, pedia que retornassem com o pé contrário.

Outra brincadeira que fazia era chamada de “garrafão de duas bocas”. Para realizá-la, desenhava uma garrafa enorme no solo, com dois gargalos abertos nas extremidades. No centro, colocava um aluno designado como “pegador”, cuja tarefa era pegar os alunos que estavam do lado de fora da garrafa. No entanto, o pegador só podia sair para pegá-los pelos gargalos (bocas) da garrafa. Os alunos que estavam do lado de fora, ou para serem “boiados”, poderiam entrar e sair livremente

da garrafa por qualquer lado, desde que não pisassem nas linhas.

Na atividade de pique-bandeira, eu improvisava uma bandeira utilizando um galho de mato. Essa escolha se dava pela facilidade de encontrar esse recurso no ambiente circundante, repleto de vegetação.

Utilizando jornais, promovia atividades óculo-pedais, como a de dobrá-los com os pés, e também realizava lançamentos de bolinhas de jornal em alvos, utilizando cestas de lixo. Além disso, eu confeccionava tiras de jornais e as fixava nos shorts dos alunos, que então precisavam tentar pegar as tiras uns dos outros.

Aproveitando a corda, promovia a brincadeira denominada “A maré está enchendo”, na qual a corda era estendida rente ao solo e, gradualmente, erguida. Conforme a corda ia subindo, os alunos tentavam pular sobre ela sem tocá-la.

Entretanto, ao perceber a dificuldade de uma aluna em pular corda durante a aula, decidi intervir. Posicionei a corda ao lado dela, instruindo-a a contar até 10 em voz alta enquanto saltava. Acompanhei seu ritmo, batendo a corda por debaixo de seus pés. Em seguida, pedi que ela repetisse a contagem mentalmente e saltasse mais uma vez, enquanto continuava a bater a corda. Quando a aluna percebeu que estava conseguindo realizar a atividade, sua expressão de alegria foi contagiante. Exclamou emocionada: “Aprendi, aprendi, aprendi!” Essa cena permanece marcada em minha memória até hoje, um testemunho da felicidade e satisfação que sentiu ao superar um desafio.

Deste dia em diante, a aluna demonstrou um grande interesse em pular corda, dedicando-se intensamente a essa atividade. No entanto, houve ocasiões em que ela excedeu seus limites e chegou à exaustão devido ao excesso de esforço. Para evitar que isso ocorresse, implementei estratégias para tornar a atividade mais variada e menos desgastante. Organizava saltos em duplas e trios, cuja dinâmica era a de que um membro da dupla ou trio inevitavelmente errava o salto, resultando

na troca de posição com outros alunos. Alternativamente, estabelecia um tempo limite para a atividade ou selecionava uma música como guia, encerrando-a quando a canção terminava, permitindo que outros alunos assumissem a vez de pular corda. Essas medidas visavam não apenas evitar a exaustão, mas também promover a participação equitativa de todos os alunos na atividade.

Em certa manhã de 1995, um grupo de três a quatro mães se aproximou para uma conversa significativa. A generosidade delas manifestou-se de maneira tocante: um gesto generoso de oferecer uma cesta básica, destinada à realização de uma rifa com o propósito nobre de angariar fundos para a aquisição de bolas destinadas às aulas de Educação Física. Embora os recursos obtidos através da rifa da cesta básica fossem modestos, contando com a colaboração da diretora, de alguns colegas professores e com meu próprio engajamento, conseguimos reunir o montante necessário. Investimos na compra de bolas de borracha, bem como na aquisição de uma bola de couro destinada às atividades de futebol, como forma de expressar nossa gratidão e valorizar a iniciativa das mães. Vale destacar que somente após a compra das bolas foi que percebi que, nos primeiros anos na Escola Jardim Botânico, não havia usado esse material. Com a aquisição das bolas, pude trabalhar com uma prática que, depois me dei conta, era muito apreciada pelos estudantes: a queimada. Conforme Leite (2017),

A carimba é uma modalidade de jogo bastante conhecida e praticada em todo o Brasil, sendo considerada uma das atividades infanto-juvenis mais praticadas por crianças e jovens, principalmente nas aulas de Educação Física. Esse tipo de jogo é conhecido por pelo menos 10 nomes diferentes em diversas regiões do país, sendo seus principais sinônimos: Queimada (região Nordeste e Centro-Oeste); Queimado (região Norte e Sudeste); Caçador e Mata-mata (região Sul). Em Portugal este jogo chama-se Jogo do Mata (LEITE, 2017, p. 46).

Segundo Santos (2009), a origem da bola queimada está associada ao treinamento militar do exército do rei Papus na Papônia, uma região localizada no norte da Europa Meridional. Esse exército era treinado para combater a invasão dos bárbaros e, como parte de suas atividades, praticavam o arremesso de bolas de fogo. Esse reino foi o único que conseguiu resistir aos bárbaros, e para celebrar

essa conquista, foi instituído um festival anual de queimada, em que os homens recordavam seus feitos heroicos.

De acordo com Oliveira e Luiz (2016), a cultura do jogo de queimada sempre foi muito apreciada pelos estudantes dos 3º, 4º e 5º anos, que aguardavam com grande expectativa as aulas de Educação Física para jogá-lo continuamente. No meu caso, confesso que inicialmente tinha certa aversão ao jogo, principalmente no que diz respeito a acertar a bola em alguém. Decidi, todavia, trabalhar com queimada, mas, antes da prática propriamente dita, negociei com os alunos. Expliquei que primeiro trabalharíamos a atividade que eu havia trazido e, posteriormente, teríamos uma sessão de queimada. Dessa forma, o que propunha aos estudantes era rapidamente realizado. No entanto, a intenção deles era jogar queimada. Em seu trabalho didático e pedagógico com foco na queimada, Oliveira et al. (2019) destacam que

[...] a queimada foi considerada pelos alunos como uma das atividades pedagógicas mais interessantes e atrativas das aulas de Educação Física, que também é vivenciada por eles fora da escola, de maneira espontânea e lúdica (OLIVEIRA et al. 2019, p. 34).

O jogo de queimada tradicional revelou dinâmicas desiguais entre os participantes. Percebi que, durante o jogo com uma bola, alguns alunos dominavam a partida, sempre mais “habilidosos”, controlando o jogo e queimando os demais, enquanto outros se viam em uma posição de menor destaque, frequentemente relegados ao papel de serem queimados, receptores ou passadores de bola (Oliveira; Luiz, 2016).

Para evitar esse domínio por parte de um único jogador, muitas vezes as regras eram combinadas antecipadamente. Decidi então introduzir uma segunda bola no jogo de queimada. Com essa inclusão, novas regras precisavam ser estabelecidas para o desenvolvimento do jogo. Nas primeiras aulas com duas bolas, tive que negociar e definir algumas dessas regras, atuando como árbitro. Foram meses de ajustes, adaptando as regras consoante às necessidades e os conflitos

que surgiam durante as aulas. Isso proporcionou não apenas diversão, mas também oportunidades para os alunos aprendessem sobre cooperação, negociação e resolução de conflitos. Assim como relatou Oliveira (2016), em sua prática,

[...] o uso de duas bolas, juntamente com outros elementos, ampliou as possibilidades do jogo. Essas modificações colaboraram para descentralizar a dinâmica tradicionalmente focada em uma única bola, frequentemente dominada pelo jogador 'mais forte que queimava os 'mais fracos'. Com essas alterações, o jogo tornou-se mais dinâmico e menos truculento, reduzindo gradualmente a intensa disputa pela bola única (OLIVEIRA, 2016, p. 26).

Outra vantagem era a possibilidade de realizar mais partidas em uma única aula, já que as partidas de queimada com duas bolas são mais rápidas. Durante uma aula, era possível jogar de duas a três partidas. Apesar das interrupções iniciais, com o tempo, o jogo tornou-se mais dinâmico e fluido, à medida em que os alunos assimilavam as regras e ganhavam autonomia na atividade. Portanto, o jogo de queimada com duas bolas tornou-se tão popular entre os estudantes que, ao chegarem à escola, muitos perguntavam ansiosos: “Professor, hoje teremos queimada com duas bolas?”. Até mesmo os alunos que preferiam futebol acabaram se envolvendo na atividade.

12 HARMONIA E ESFORÇOS: UNINDO FORÇAS NOS JOGOS E DESFILES DA ESCOLA

Os jogos escolares representavam uma valiosa oportunidade para destacar nossa escola, apesar dos inúmeros desafios enfrentados, como a falta de infraestrutura adequada para treinos e uniformes. Decidimos participar dessas competições dos anos de 2001 a 2008 para representar nossa instituição, selecionando modalidades como futebol de campo e voleibol. A participação nesses eventos exigia dedicação e esforço adicional. Por exemplo, eu pessoalmente me encarregava de transportar os alunos, chegando até a pagar suas passagens quando necessário. Em uma ocasião, a professora de Geografia emprestou seu próprio tênis para um aluno que não tinha o calçado apropriado.

Apesar das adversidades, contávamos com o entusiástico apoio da diretora, que não apenas incentivava as atividades esportivas, mas demonstrava suas habilidades no futebol, servindo de inspiração para os alunos. Esse espírito de colaboração e compromisso foi fundamental para superar os obstáculos e promover o nome da escola.

Por outro lado, a minha intenção era, de certa forma, legitimar a minha presença e a da Educação Física na escola, pois, se eu não ocupasse esse espaço e função de formar uma equipe, principalmente de futebol, para levar aos jogos, com certeza outro professor de outra disciplina, coordenador ou até mesmo uma pessoa do bairro sem formação ocuparia esse lugar. Essa questão da legitimidade foi debatida por Bracht e Almeida (2003), que afirmam que

[...] a presença do esporte competitivo não foi suficiente para tornar a EF uma disciplina importante na escola, principalmente perante a coordenação pedagógica e professores de outras disciplinas. Ela legitima os professores, mas essa legitimação baseia-se na ideia de que a EF é o próprio esporte, naquele caso, o esporte competitivo praticado fora das aulas. Quando sua prática arrefece, a disciplina EF não possui argumentos próprios capazes de mantê-la justificada no interior da instituição. Assim, a presença do esporte nessa escola não transferiu à disciplina EF garantias de sua presença indubitável no currículo da instituição. Trata-se, como o título do ensaio nos indica, de uma pseudovalorização. (BRACHT; ALMEIDA, 2003, p. 96).

Apesar da crítica que o texto citado traz, e concordando com ela, eu, sendo um professor muitas vezes forjado para esses eventos, adentrei nos jogos escolares com os alunos da minha escola.

Quanto aos desfiles de 7 de Setembro, participamos de todos, desde de a fundação da escola. Organizávamos os alunos por tamanho e fazíamos ensaios sem Banda Marcial, usando nossas vozes para marcação do ensaio. No dia do desfile, éramos levados para a Avenida Expedito Garcia, em Campo Grande, pela Prefeitura. Marchávamos ao som de uma Banda Marcial de outra escola e, mesmo com os recursos limitados, a dedicação da diretora era evidente na promoção do nome da escola.

Fotografia 22 – Desfile realizado no bairro da escola²¹



Fonte: Acervo do autor (2004)

A partir do ano de 2004, a escola foi deixando de oferecer paulatinamente

²¹ Neste período, a prefeitura municipal de Cariacica organizou os desfiles dividindo-os por região. Portanto, nossa escola fazia parte da região da grande Caçaroca.

turmas de 1ª a 4ª série e abrindo turmas da 5ª a 8ª série. Essa transição culminou na eliminação das turmas do Ensino Fundamental I, quando a escola passou por uma terceira construção e passou a contar com dois pavimentos e quadra poliesportiva, tendo a sua conclusão no final do ano de 2008 e sua inauguração oficial somente em 2009 com a presença do prefeito municipal. A partir de 2008, em sua 3ª reforma, a escola passou a ser denominada “Maria Augusta Tavares”.²²

Durante esse intervalo de tempo, a diretora Jusélia precisou se afastar devido a questões de saúde, sendo socorrida por mim em uma ocasião. Sua substituição ocorreu com Arlete assumindo a direção no final do segundo milênio e, posteriormente, em 2007, a diretora Marly assumiu o cargo.

Fotografia 23 – Entrada principal dos alunos da nova escola



Fonte: Acervo da escola Maria Augusta Tavares (2020/21)

²² DECRETO Nº 93, DE 18 DE NOVEMBRO DE 2008. ALTERA A DENOMINAÇÃO DOS CENTROS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL E DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CARIACICA. O PREFEITO MUNICIPAL DE CARIACICA – ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições conferidas pelo Artigo 90, inciso IX da Lei Orgânica do Município de Cariacica; DECRETA: Art. 2º Ficam alteradas as denominações das Escolas Municipais de Ensino Fundamental – EMEF – da Rede Municipal de Ensino de Cariacica, listadas abaixo, para efeito de regularização, conforme a Resolução 01/2008 do COMEC. III – EMEF Jardim Botânico passa a denominar-se EMEF Maria Augusta Tavares. CARIACICA. Decreto n. 93, de 8 de abril de 2008. Disponível em: https://cariacica.legislacaocompilada.com.br/Arquivo/Documents/legislacao/html_impresao/D932008.html?identificador=30003A004C00. Acesso em: 30 maio 2024.

13 DIALOGANDO COM GEOGRAFIA DO BAIRRO

Destaco também a parceria estabelecida, no ano de 2010, com a professora Adriana de Geografia, quando ela propôs uma caminhada pelo bairro com seus alunos do 6º ano e procurou-me para que realizássemos o evento. Aceitei prontamente a proposta. Ela organizou todos os detalhes, incluindo a comunicação com os pais sobre a saída dos alunos da escola para o passeio. Minha função era preparar os alunos para a caminhada, com exercícios de aquecimento e, posteriormente, guiar o passeio, parando em locais com vegetação, para que a professora explicasse os diferentes tipos encontrados, uma vez que eu conhecia bastante o entorno da escola e os locais onde poderia levar os alunos. No retorno, novamente conduzi exercícios de alongamento. Tratava-se, portanto, de uma oportunidade de trabalhar com professor de outra disciplina do Currículo e ainda ser reconhecido.

Neste primeiro evento, em que percorremos as partes altas do bairro e retornamos à escola, participaram apenas dois professores conosco, além dos alunos do 6º ano. Porém, não imaginávamos que esse evento se tornaria um projeto da escola, posteriormente denominado “Caminhada Ecológica pelo Bairro Jardim Botânico”, o qual realizamos do ano de 2010 a 2019. O evento evoluiu, incluindo a confecção de camisas e o envio de comunicados à Guarda Municipal para garantir a segurança dos alunos durante a caminhada e ainda a participação de toda a escola e professores.

Fotografia 24 – As primeiras caminhadas apenas com alunos do 6º ano. Aquecimento



Fonte: Professora de Geografia, Adriana (2010)

Fotografia 25 – Aquecimento. Os alunos gostavam muito desses momentos



Fonte: Professora de Geografia, Adriana (2018)

Fotografia 26 – Parada na área de Mata Atlântica, para explanação da professora Adriana, de Geografia (à direita da foto, de blusa preta); de costas, professor Loacyr (de camisa grená)



Fonte: Professora de Geografia, Adriana (2018)

Muitas imagens falam por si. Um evento que começamos com apenas uma turma e dois professores tornou-se um projeto da escola.

Fotografia 27 – Rua que dá acesso à parte de cima do bairro



Fonte: Arquivo da escola

O meu envolvimento com a escola era semelhante ao bom vinho: quanto mais velho, melhor. Participava ativamente de reuniões com pais e responsáveis.

No ano de 2013, a diretora da escola, percebendo a baixa adesão de mães, pais, avós e responsáveis nas reuniões diurnas, fez uma experiência agendando o evento à noite, para o qual eu era sempre convocado. Essas reuniões noturnas se tornaram um sucesso, com grande participação da comunidade escolar.

Muitas vezes, os pais vinham falar comigo, alguns sendo ex-alunos ou familiares de alunos. Apesar de eu não falar muito, minha presença era valorizada. Em uma dessas reuniões, a pedagoga me abordou, mostrando apoio e interesse mútuo pelo sucesso do evento. Isso fortaleceu nossa relação e compromisso com a escola. Posteriormente, essa pedagoga assumiria o cargo de gestora escolar.

A minha dedicação à escola beirava até algo como legislar em causa própria, pois, junto com a direção, pedagogos, coordenação, professores de áreas e de informática, eu organizava vários eventos. Dentre eles, podem ser citados: dia da família na escola; peças teatrais; dia do diretor; aniversário de algum professor; Dia dos Professores, comemorado em 15 de outubro; entre outros.

Eu cuidava das falas, escrevia os textos e organizava os eventos em casa, muitas vezes nos finais de semana. Posteriormente, submetia tudo à aprovação do setor pedagógico da escola e da direção. Certa vez, minha esposa me chamou atenção, perguntando se eu estava preparando o evento para o Dia dos Professores. Eu respondi que sim. Então ela disse: “mas você é professor. Deixa outro organizar isso”. Mas não adiantava, eu sempre estava envolvido com os eventos referentes ao ambiente escolar.

Embora a escola promovesse eventos posteriores fora do ambiente escolar, como idas a pizzarias, clubes com música ao vivo, churrascos e almoços, eu preferia

um evento personalizado. Gostava de escrever textos peculiares e de criar eventos que fizessem sentido para os colegas, ao invés de tomar posse de textos construídos por outrem. Eles gostavam da proximidade dos meus textos e dos eventos que realizava. Geralmente, meus escritos passavam pelo crivo de professores de Português e de pedagogos antes de serem apresentados no evento. A professora de Português sempre me dizia: “Cica, tenho receio de mexer nos seus textos”. Quando perguntava o porquê, ela simplesmente respondia: licença poética.

Um texto em particular ficou marcante para mim. A partir dele, e em todas as comemorações ao dia do professor, eu lia, pois sempre havia novos docentes na escola. No evento, sempre trazia algo novo, desde um musical até homenagens peculiares, como chamar o professor à frente para receber seu presente, enquanto o técnico de informática reproduzia a palavra “Professor” em diferentes idiomas. Dessa forma, transformávamos uma simples entrega de presentes em um evento que contava com textos, uma atividade pedagógica afetiva, social, pedagógica, recreativa.

Segue um dos textos que mais gostei de escrever, pois narrava minha vontade de continuar sendo professor, apesar dos obstáculos enfrentados. Por gostar bastante dele, sempre o repetia.

Ainda sou um professor...

Mesmo que na mídia televisionada nada se cria e tudo se copia na educação ainda sou um professor.

Mesmo que cansado de lutar contra os agulhões que diariamente se levantam e tentam nos atingir pelo lado sentimental, mental, emocional, condicional, político, social, salarial, profissional. Ainda sou professor.

Mesmo que de “carreira” em “carreira”. De terminal em terminal. De bairro para bairro. De município em município. De escola em escola. De horário em horário. De sala em sala. Ainda sou professor.

Salas “cheias” de conteúdos que irradiam, mas muitas vezes mentes que se esvaziam e por conseqüências notas frias. Tudo isto me angustia.

Ainda assim... Sou professor.

Poucos são os que me defendem, mas se falhar me denunciam. Ainda assim sou Professor...

Estudo mais? Ou me detenho aqui?

Vou a mestre ou a doutor? Para alguns, pouco importa minhas especializações! Mas ainda assim sou professor. Como mestre ou como doutor.

Dialogo de política e logística. Retrato as carências da minha clientela.

Sou eu o professor.

Se tenho automóvel, ganho bem. Se não o tenho “pego” sol. Afinal, a solução é usar o transcol²³. Mas ainda assim sou professor.

Não sei se me viro como vendedor, ator, cantor, pintor. Quem sabe locutor? Afinal, ouvintes são passíveis e sugestionáveis. Também não descarto a ideia de ser diretor. Mas mesmo assim: ainda sou professor. Não sei se vou ao teatro, ao cinema, à praia, ou à montanha ou shopping.

Mesmo assim ainda sou professor.

Chamam-me de tio ou tia. Pai, mãe, avô, avó, irmão, irmã. Quem omitiu para eles que parente eu não seria. Mas ainda assim sou professor.

Nas campanhas eleitorais, estou incluído no S.O. S dos palanques eleitoreiros. Saúde? Ou educação? Segurança? Mas ainda assim sou professor.

Em 15 de outubro de 1827, Pedro I, Imperador do Brasil, promulgou um decreto que estabeleceu o Ensino Elementar no país, determinando a criação de escolas primárias em todas as localidades. No entanto, apenas em 1947, após 120 anos, ocorreu a primeira celebração oficial de um dia dedicado ao professor.

²³ O Sistema Transcol é o sistema metropolitano de transporte coletivo integrado de estrutura tronco-alimentadora, operante na Região Metropolitana de Vitória, no estado do Espírito Santo. Inaugurado em 1989, o sistema desempenha um papel fundamental na mobilidade urbana, transportando atualmente mais de 17 milhões de passageiros mensais nos sete municípios de abrangência.

Mesmo com a criação desta data em comemoração ao dia do professor ou a extinção da mesma. Gostaria de repetir. Sou um Professor.

Texto: O autor. Loacyr Claudio Martins Fernandes.

14 FUTEBOL NAS VEIAS: MEMÓRIAS DE UM EDUCADOR EM TEMPOS DE COPA

Aguardava ansioso pelos anos de Copa do Mundo. Acompanhava todos os noticiários disponíveis na época e assistia aos jogos de qualquer seleção. Minha esposa, ocasionalmente, perguntava: “Por que você está assistindo a esse jogo? Não é do Brasil?”. Era um período de um mês recheado de jogos de futebol na televisão. As informações que absorvia vinham dos jornais, do rádio e da televisão aberta.

Os campeonatos mundiais sempre me fascinaram e passaram a ser tema recorrente em minhas aulas em anos de Copa do Mundo. Pensava o campeonato além de um jogo dentro de quatro linhas: vinte e dois jogadores, três árbitros e uma bola.

Deste modo, a cada edição da Copa, eu trazia esse assunto para as aulas de Educação Física, escrevendo a história das Copas no quadro e destacando temas relevantes para as vidas dos estudantes e para outras disciplinas. Explorava curiosidades, aspectos éticos, entre outros, como o período em que o evento foi paralisado devido à Segunda Guerra Mundial. Aproveitava o contexto para contar a história de um ex-combatente, Raymundo Barbosa Ramos, radicado no Estado do Espírito Santo, que sobreviveu à guerra e, com seus 99 anos de idade, morava em um bairro bem próximo da escola. A partir daí, gerava debates sobre a história mundial e a do futebol.

Compartilhava meu conhecimento diretamente no quadro em forma de texto, usando de minhas leituras e vivências. Essa abordagem despertava a curiosidade dos alunos, que questionavam sobre minha memória e me incentivavam a continuar. Certa vez, uma aluna me perguntou: “Professor, o senhor não traz um livro para escrever no quadro? Você guarda todo o texto na mente, pois não vejo livro em suas mãos e o que você escreveu, está igual ao que o senhor passou no quadro da outra turma, pois meu irmão estuda nela, e eu olhei o caderno dele”. Então, respondi que,

depois alguns anos lecionando, assistindo mundiais e com o tempo, conseguia memorizar a histórias das Copas e o texto que copiava para minhas turmas.

Meu interesse pelo futebol refletia-se também em minha vestimenta, com camisas de clubes e seleções diversas, gerando debates e abrindo horizontes para novas perspectivas. De maneira semelhante, Rodrigues Júnior (2016) observa que, ao reconstruir os percursos biográficos de seis professores em diferentes etapas da carreira profissional, um deles destacou a mobilização de diferentes estratégias didático-pedagógicas e recursos para o ensino, especialmente em virtude da Copa do Mundo no Brasil. Esse professor utilizou desenhos animados para tratar do tema alimentação e estabeleceu debates sobre as implicações da Copa do Mundo no Brasil.

Portanto, quando tivemos a 2ª Copa do Mundo realizada no Brasil, em 2014, surgiu uma oportunidade para abordar o tema *in loco* com os alunos, especialmente quando as seleções de Camarões e Austrália treinaram aqui no Estado do Espírito Santo. Participei ativamente desse momento, acompanhando os estudantes ao estádio de futebol para assistir ao treino da seleção australiana, evento promovido pela Secretaria de Educação de Cariacica, junto com as escolas da rede, fornecendo-se todas as condições de transporte e alimentação. Foi uma experiência enriquecedora, que uniu a escola, o futebol e o evento mundial, proporcionando momentos inesquecíveis de aprendizado e diversão.

Fotografia 28 – Treino da seleção australiana em preparação para Copa do Mundo de futebol masculino FIFA em 2014. Estádio de futebol da Desportiva Ferroviária em Cariacica – ES



Fonte: Blog EMEF Iracy Gobi Cariacica – ES. Postado em 8 de junho de 2014 por Anônimo

Fotografia 29 – Treino da seleção australiana para a Copa do Mundo de futebol masculino FIFA em 2014. Alunos da escola EMEF Iracy Gobbi assistem ao evento da arquibancada do Estádio da Desportiva Ferroviária em Cariacica – ES



Fonte: Blog EMEF Iracy Gobi Cariacica – ES. Postado em 8 de junho de 2014 por Anônimo

15 ENTRE NOTAS E EMOÇÕES: DESPEDIDA DE UM EDUCADOR

Ao findar o ano de 2020, estava completando 55 anos de idade e 30 anos de magistério. Esses dados, segundo o Instituto de Previdência do município de Cariacica–ES (IPC), concedem ao professor aposentadoria especial. Liguei para o Instituto de Previdência de Cariacica e, ao verificar meus dados, responderam-me, via e-mail, que poderia entrar com pedido de aposentadoria especial do magistério. Fiz tudo *on-line* e aguardei pela minha aposentadoria.

Com a chegada das vacinas contra a COVID-19, as escolas começaram a voltar a funcionar paulatinamente, porém, como era hipertenso, foi me facultado permanecer em quarentena. Em maio de 2021, recebi um telefonema do Instituto de Previdência, informando-me de que, no meu e-mail, estava sendo disponibilizado minha folha de despacho. Seria meu último dia de trabalho. Era para tirar uma cópia, assinar e enviar à direção da escola. Uma vez feito isso, não faria mais parte do quadro de professores da instituição.

Como demorei um pouco a responder, quem me ligou, do outro lado da linha telefônica, informou-me de que, se quisesse, poderia protelar a assinatura da folha de despacho e verificar o melhor dia para aposentar. Mas era para ligar para o diretor da escola e comunicar a decisão.

Liguei para meu diretor. Embora ele me pedisse para ficar um pouco mais na escola, decidi enviar naquele dia, 13 de maio de 2021, minha folha de despacho. Seria meu último dia trabalhado na escola. Que difícil escrever essa parte da minha trajetória!

Os funcionários e professores sem comorbidade retornavam às escolas, então fui convidado para uma reunião virtual no dia 19 de maio, na qual seriam passadas as novas informações da Secretaria de Educação concernente ao prosseguimento do ano letivo. No dia marcado para a reunião, vesti minha camisa social e gravata, como costumava me vestir em encontros *on-line* durante a

pandemia de COVID-19. Ao entrar na sala virtual, fui surpreendido com uma atmosfera emocionante: todos os colegas estavam presentes, alguns na escola e outros em suas casas. Recebi homenagens, carinho e até uma música que costumava cantar no ambiente de trabalho.

Ao longo dos anos, muitas vezes, ao perceber que todos estavam cansados ou em dias de reposição de aulas aos sábados, pegava meu violão e entrava na sala dos professores cantando uma música para animar o ambiente. Era a mesma canção, “Bom dia, bom dia”, que agora era entoada por meus colegas na reunião, fazendo-me emocionar profundamente.

Os eventos que costumava realizar na escola, com textos, poesias e alegria, agora estavam sendo direcionados a mim. Alguns professores escreveram textos emocionantes e até mesmo o vice-diretor, conhecido por sua rigidez, expressou palavras de carinho e quebrou sua habitual sisudez ao se dirigir a mim.

Ao final de sua fala, minha esposa entrou na sala com uma cesta de café da manhã enviada pela escola para ser entregue no momento da reunião. Foi um gesto tão tocante que me fez chorar copiosamente, mostrando que, mesmo após tantos anos de trabalho, o carinho e o reconhecimento dos colegas ainda me emocionavam profundamente.

Fotografia 30 – Cesta de café da manhã recebida em minha residência, como presente da escola Jardim Botânico, após minha aposentadoria durante a reunião via *Google Meet*



Fonte: Acervo do autor (2021)

16 HOMENAGENS EM CADA LINHA: A JORNADA DE UM EDUCADOR

Durante os 30 anos de docência em uma única escola pela manhã, desde a sua fundação, recebi três homenagens. A primeira ocorreu em 2009, durante a inauguração oficial da escola recém-inaugurada, quando recebi a distinção das mãos do prefeito municipal de Cariacica, Helder Salomão²⁴. Ao me entregar a homenagem, ele mencionou que não conhecia Loacyr, mas sim o Cica. Entre sorrisos e abraços, recebi a placa do prefeito.

Fotografia 31 – Placa recebida das mãos do Prefeito Helder Salomão na inauguração da quadra poliesportiva da escola Maria Augusta Tavares



Fonte: Acervo do autor (2009)

A segunda homenagem ocorreu em 2013, durante uma sessão solene na Câmara Municipal em comemoração ao Dia do Professor. Fui indicado para a

²⁴ Hélder Ignácio Salomão e eu fomos colegas e alunos da Escola Polivalente no bairro Vale Esperança, no município de Cariacica – ES, nos anos 1970/1980. Ingressamos na rede municipal de Cariacica no mesmo concurso para o magistério em 1991, ele como professor de Filosofia. Hélder foi vereador em Cariacica no período de 1993 a 1996. De 2005 a 2012, durante dois mandatos, foi prefeito do município. Atualmente, é deputado federal eleito para o período de 2023-2027.

homenagem pelo Vereador Ozéias.

Fotografia 32 – Homenagem recebida na Câmara Municipal de Vereadores do Município de Cariacica – ES



Fonte: Acervo do autor (2013)

A terceira aconteceu em 2021, após a aposentadoria. Durante o período de pandemia, a quadra poliesportiva da escola Jardim Botânico foi reformada.

Fotografia 33 – Reforma da quadra poliesportiva da escola durante a pandemia de COVID-19



Fonte: Acervo EMEF Maria Augusta Tavares (2021)

Com retorno de praticamente todos os profissionais à escola, ainda no período pandêmico, em agosto de 2021, o diretor me ligou, comunicando que eu deveria estar na escola para me despedir dos professores pessoalmente e assinar pautas antigas. Concordei, pois desejava encontrar pessoalmente meus colegas e alunos. Porém, não sabia o que me esperava.

Ao chegar à escola, o diretor me recebeu. Conversei com os colegas e funcionários, que ainda estavam usando máscaras. As perguntas sobre como era estar aposentado eram inevitáveis. A elas, respondia que a única questão que percebia era que, no mês de julho, o sol da manhã não batia na janela do meu quarto, pois aposentado dormia até um pouco mais tarde e que, durante anos de profissão, acordava todos os dias muito cedo. Então, agora estava percebendo como o sol estava mais afastado da Terra durante o inverno. Novamente, sorrisos e gargalhadas entre os colegas.

Após essas conversas, o sinal soou e todos os professores retornaram para suas salas de aula, a fim de continuar o dia letivo. O diretor, por sua vez, chamou-me em sua sala e realmente tive que assinar as pautas referentes aos registros que iam do início do ano letivo até meu desligamento da escola. Após assiná-las, ele me chamou para ir até a quadra, para olhar como ficou a sua reforma. Para minha surpresa, o local estava todo organizado e ocupado por estudantes, que se sentavam nas cadeiras com distanciamento social. Professores. Caixa de som. Microfone. Violão. Todos preparados para fazer uma homenagem para mim. Fiquei muito emocionado. Muito choro de minha parte. O diretor fez a abertura. Houve dois musicais feitos por professores e alunos. Mas, no final, fizeram a reinauguração da quadra poliesportiva da escola. A partir daquele momento, a quadra foi denominada “Quadra Professor Loacyr Claudio Martins Fernandes (Cica)”.

Fotografia 34 – Alunos da escola durante a referida homenagem



Fonte: Acervo da EMEF Maria Augusta Tavares (2021)

Fotografia 35 – O diretor da escola, à esquerda, com a fala ao microfone. Eu, como sempre, com uma camisa de algum clube esportivo, sentado à esquerda do diretor



Fonte: Acervo EMEF Maria Augusta Tavares (2021)

Fotografia 36 – Recebimento da placa de homenagem das mãos do diretor da escola



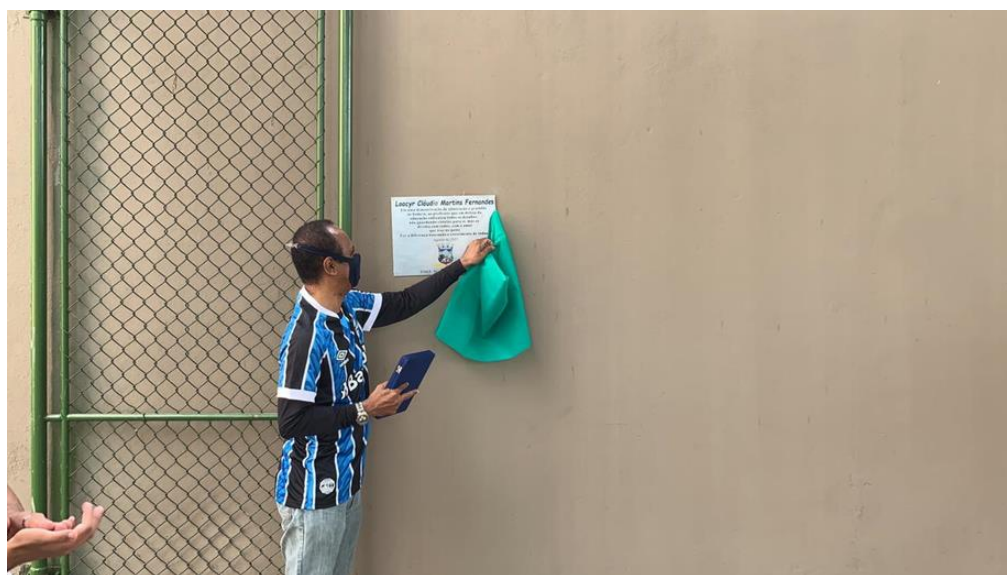
Fonte: Acervo EMEF Maria Augusta Tavares (2021)

Fotografia 37 – Placa de homenagem



Fonte: Acervo do Autor (2021)

Fotografia 38 – Momento da abertura oficial da quadra “Professor Loacyr Claudio Martins Fernandes (Cica)”



Fonte: Acervo EMEF Maria Augusta Tavares (2021)

Fotografia 39 – Placa da quadra poliesportiva, agora denominada “Professor Loacyr Claudio Martins Fernandes”



Fonte: Acervo da professora Fernanda Bergamini (2023)

Primeiramente, gostaria de ressaltar que a transição para a aposentadoria, após 31 anos de trabalho, foi marcada por uma sensação de vazio, especialmente

pela rápida conclusão do processo durante a pandemia de COVID-19. Inicialmente, esperava receber a notícia de aposentadoria enquanto estava trabalhando, mas o procedimento foi todo *on-line* e o momento chegou sem aviso prévio. Isso me levou a uma reflexão sobre meu próximo passo.

Deste modo, após a minha aposentadoria e as homenagens recebidas na escola pela manhã, nunca mais quis retornar àquele espaço, mesmo recebendo alguns convites para comemorações, como o dia dos professores e outros eventos na escola. Saí do grupo de professores no *WhatsApp*, permanecendo somente com os contatos pessoais dos colegas de profissão.

17 HARMONIA NO PÁTIO: VIDA E APRENDIZADO NA “EMEF CONSTANTINO JOSÉ VIEIRA”

Após quase dois anos trabalhando no turno matutino, senti a necessidade de buscar um segundo vínculo empregatício. Foi então que, em 1993, recebi um convite para uma Designação Temporária no município de Viana – ES, na Escola Constantino José Vieira, localizada no bairro Marcílio de Noronha. A experiência seria no turno vespertino. A condição de professor contratado me trazia certa instabilidade, ao contrário da situação que eu desfrutava no turno matutino, em que era efetivo.

Percebia que havia uma certa imposição sobre o trabalhador nessa condição, e por que não dizer, pressão, no sentido de não poder fazer nenhum movimento dentro da escola que fosse contrário à gestão municipal. Porém, na época, já havia adquirido meu imóvel e, após ter contraído matrimônio no ano anterior, habitava no mesmo bairro. Portanto, era morador dessa região e a escola ficava a cerca de 300 metros da minha casa, na mesma rua, o que era uma vantagem, pois não dependia de condução para chegar ao trabalho e, ao fim do dia letivo, podia chegar em casa em questão de minutos.

Em relação à organização da escola, a instituição atendia alunos da 5ª à 8ª séries e contava com muitas turmas. As aulas de Educação Física eram divididas em três sessões semanais. Conforme observado por Sousa e Altmann (1999, p. 56),

[...] não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas. Ademais, meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos mais novos e os considerados fracos ou maus jogadores frequentam bancos de reserva durante aulas e recreios, e em quadra recebem a bola com menor frequência até mesmo do que algumas meninas. Tais constatações mostram-nos que a separação de meninos e meninas nas aulas de educação física desconsidera a articulação do gênero com outras categorias, a existência de conflitos, exclusões e diferenças entre pessoas do mesmo sexo, além de impossibilitar qualquer forma de relação entre meninos e meninas (SOUSA; ALTMANN, 1999, p. 56).

No que diz respeito às minhas aulas de Educação Física, ao lecionar para as turmas femininas, seguia os passos dos professores que já estavam na escola há algum tempo. Penso que quebrei um paradigma por ser um homem trabalhando com o público feminino, pois geralmente era o contrário. Nesse contexto, não parei para refletir acerca das razões pelas quais as aulas eram separadas entre meninos e meninas, pois, desde os meus primeiros contatos com aulas de Educação Física, no Ginásio, até a conclusão da minha graduação, as práticas eram organizadas dessa forma. Além disso, quando ingressei no magistério, excetuando-se as turmas de 1ª a 4ª séries, as aulas eram separadas entre alunos e alunas. Desse modo, não havia nenhum desconforto em lecionar para as meninas, pois trabalhar com as alunas, para mim, foi uma experiência que deu muito certo na escola. A relação de respeito e amizade era sublime. Sem contar que uma das estudantes desse período se tornou professora e, segundo ela, um dos influenciadores nessa decisão fui eu, fato que na época não percebia.

Quanto ao espaço físico para as atividades, a escola possuía um amplo pátio externo de terra, cercado por muros e sem cobertura. Com o passar do tempo, foi construída uma área de cimento no fundo do terreno. O material para as aulas não era diversificado, mas havia muitas bolas de borracha de vários tamanhos e tipos disponíveis.

O pátio interno contava com cobertura e tinha um bom tamanho; havia uma mesa oficial de tênis, equipada com raquetes, redes e bolas para a prática desse esporte, onde a maioria das aulas eram realizadas, bem como as competições em determinado período.

Eram muitas turmas no mesmo horário de aula. Havia uma sala que comportava até 52 alunos, enquanto outras podiam ter mais de 35 estudantes. Quando três turmas estavam no pátio ao mesmo tempo, e ainda havia alunos que estavam em aula vaga, tornava-se desafiador realizar as atividades. No entanto, os educandos se relacionavam bem entre si.

Durante o horário de verão, quando as primeiras aulas começavam às 13h, mas correspondiam ao sol do meio-dia devido ao adiantamento dos relógios, alguns alunos eram levados pelos professores para o pátio externo para aulas de ginástica e futebol. A cada cinco minutos, um estudante vinha ao pátio interno, onde havia o bebedor e, posteriormente, retornava para a aula. Outros preferiam ficar na sombra do pátio e realizar atividades de tênis de mesa, com outros alunos e o professor.

Como as aulas eram separadas entre meninos e meninas, o espaço de cimento era utilizado alternadamente. Por vezes, surgiam tensões entre os alunos devido ao uso do espaço, especialmente quando alguma das partes se sentia prejudicada por eventos como feriados, conselhos de classe, dias de chuva, entre outros. Nesses casos, os estudantes reivindicavam o direito ao dia de uso do espaço, mas os professores sempre resolviam essas questões por meio do diálogo ou, quando necessário, com imposições, como “Hoje é a turma tal que vai usar o espaço”.

Nestas circunstâncias, trabalhei com as minhas turmas no pátio, participando das aulas dos outros professores, que se revezavam nas atividades de tênis de mesa, além de praticarmos ginástica com exercícios para braços, pernas e alongamentos.

O aprendizado mais significativo que adquiri nesse período se deu pelo fato de estar próximo a um professor de Educação Física um pouco mais experiente, que compartilhava quase sempre o espaço comigo. Ele era muito organizado, especialmente no que diz respeito à entrega das pautas, pois, além de lecionar aulas de Educação Física, também dava aulas de Matemática. Ele sempre me dizia: “Cica, nós que trabalhamos em dois horários, não devemos deixar as pautas atrasarem. Nunca deixe sua pauta atrasar! Terminado o Bimestre, seja um dos primeiros a entregá-las”. Parecia que ele sabia que essa seria minha maior dificuldade. Nunca fui bom em lidar com as pautas, pois era muito lento para

confeccioná-las e para escrever e relatar minhas atividades pedagógicas. No entanto, aos poucos, fui conseguindo suprir a demanda, mesmo que com dificuldades.

Adentrando o ano de 1994, o meu contrato foi renovado. Desse modo, desenvolvi trabalhos com ginástica aeróbica, mesmo sem som, sem sala de dança específica para a aula ou sombra. Ensaiei os passos em casa, utilizando minha voz e palmas para guiar as atividades. Além disso, comecei a explorar o uso das várias bolas de borracha disponíveis na escola para trabalhar os fundamentos do voleibol, proporcionando uma alternativa de atividade física para as alunas.

Adotei medidas para garantir um conforto durante as aulas ao ar livre. Providenciei uma faixa de sombra na parte de trás da escola, ajustando sua posição conforme o movimento do sol. À medida em que os raios solares se inclinavam para o poente, a faixa de sombra se expandia, garantindo que, nas últimas aulas, a sensação térmica fosse consideravelmente mais amena. Isso nos permitia desfrutar de um ambiente mais confortável para a aula prática, aproveitando ao máximo o espaço disponível no pátio externo da escola.

No entanto, uma questão que surgiu foi a inadequação de algumas das bolas de borracha disponíveis para a prática do voleibol. Por vezes, essas bolas causavam desconforto e até machucados nas mãos e braços das alunas durante as atividades.

Decidi estender uma corda no muro e iniciar o jogo de voleibol. No entanto, enfrentamos alguns desafios, já que a bola quase sempre acabava caindo na rua, ultrapassando o muro e sendo levada por alguém que parecia estar à espera dela para pegá-la e sair do local. Diante dessa situação, muitas vezes designava um aluno para subir no muro e vigiar a bola enquanto outro estudante saía da escola pelo portão central, localizado na parte da frente do prédio, para resgatá-la. Era necessário agir com rapidez para evitar perdas. Mesmo assim, algumas bolas acabavam sendo levadas por alguém ou danificadas por caminhões e ônibus que

passavam pela rua e estouravam-nas. Mesmo assim, continuamos a trabalhar, pois a perda de uma bola não atrapalha ou dificultava o meu trabalho, uma vez que as aulas teriam que prosseguir.

Considerando essa situação e adicionando a ela mais um ano de contrato, em 1995, construí um espaço no pátio externo da escola para trabalhar voleibol com a minha turma, mesmo sem bolas específicas para o esporte. Comprei duas escoras em uma loja de materiais de construção ao lado da escola. Em um sábado, fui até a instituição, finquei as escoras no solo e, com uma cavadeira, fiz sulcos para delimitar o espaço destinado ao esporte. Não era voleibol de quadra nem de areia, mas sim voleibol de terraço, em um solo avermelhado e duro. Para medição, não utilizei trena; contei 18 passos para o comprimento da quadra e 9 passos para a largura. Posteriormente, dividi o espaço ao meio. Nessas circunstâncias, iniciei explicação de algumas regras e, em seguida, introduzi os fundamentos aos poucos.

Comecei a perceber que o jogo de voleibol exigia gestos muito técnicos e refinados, principalmente no toque, além da necessidade de bolas apropriadas e do entendimento do jogo. Dessa forma, seria necessário mais de um bimestre de trabalho com as turmas para chegar a um jogo de voleibol propriamente dito.

18 ALÉM DAS TRAVES: IMPROVISOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

No ano de 1996, busquei uma nova oportunidade de contrato na Prefeitura Municipal de Viana e novamente obtive uma vaga na Escola Constantino José Vieira. Nesse ano, adquirei um contrato com carga horária completa. Portanto, estava presente na escola todos os dias. Desse modo, realizei a mesma ação que fiz para construção do espaço de voleibol, pois sabia que havia mais dias de trabalho.

Adaptar os espaços para a prática da Educação Física foi essencial para garantir a participação de todos os alunos, independentemente das condições estruturais disponíveis. Ao fazer isso, não conseguia perceber a falta de espaço e material como um problema. Afinal, como estava no documento nos PCNs,

Mesmo que não se tenha uma quadra convencional, é possível adaptar espaços para as aulas de Educação Física. As crianças fazem isso cotidianamente e é comum vê-las jogando gol-a-gol na porta de aço de uma garagem, ou usando um portão como rede para um jogo de voleibol adaptado. O professor pode utilizar um pátio, um jardim, um campinho, dentro ou próximo à escola, para realizar as atividades de Educação Física (BRASIL, 1997, p. 87).

Desta forma, na parte inferior do terreno, onde os alunos costumavam jogar futebol, fixei verticalmente no solo, em cada extremidade, duas escoras distanciadas aproximadamente seis passos uma da outra, para funcionarem como traves improvisadas. Optei por não instalar o travessão superior, uma vez que estava preocupado com a estabilidade e reconhecia a necessidade de um trabalho mais elaborado, o qual deveria ser realizado por um marceneiro para moldar a madeira e fazer os encaixes adequados da baliza. Para prender a rede de futebol nas traves, utilizei parafusos de gancho fixados na parte de trás das escoras, de cima a baixo. A malha superior desempenhava a função de travessão, garantindo que a rede ficasse esticada de maneira adequada. Essa estrutura era montada com o intuito de motivar as aulas. Sempre a preparava e contava com a ajuda dos meus colegas que compartilhavam o espaço comigo. Nas últimas aulas, trabalhávamos juntos para guardar as redes.

A organização desses espaços que construí para as aulas de Educação Física permaneceram fixos enquanto trabalhei nessa escola. Raramente, de um ano para outro, as escoras de voleibol ou as traves eram arrancadas, pois, além de a escola possuir muros, os próprios alunos conservavam o espaço.

Durante o período de 1997 a 2002, para complementar minha carga horária, lecionei aulas de Ensino Religioso. Isso atendeu tanto à demanda da escola quanto à minha necessidade. Permaneci nessa instituição como contratado até o ano de 2003, pois, no fim do ano anterior, fui convocado para assumir um cargo efetivo na Prefeitura Municipal de Vila Velha.

19 REFLEXÕES DE UM EDUCADOR NA “UMEF JUIZ JAIRO DE MATTOS PEREIRA”

Ao ser nomeado em Vila Velha – ES, no mês de julho do ano de 2004, assumi minha posição na escola Juiz Jairo de Mattos Pereira, localizada no bairro São Torquato, instituição em que atuo até hoje. A escola tinha uma forte tradição na parte esportiva, especialmente em handebol, liderada pelo professor Lidimar Marques, renomado no cenário esportivo capixaba, quiçá internacionalmente, o qual me recebeu muito bem. Ele foi professor/treinador da atleta Alexandra²⁵, membra da seleção brasileira de handebol feminino e que foi aluna da escola. Aliás, por muito tempo, quando a Alexandra vinha ver seus familiares, que moravam no bairro, ela nos fazia uma visita.

A estrutura da escola permitia a participação ativa dos alunos nos jogos escolares municipais e estaduais. As aulas de Educação Física eram semelhantes a um treino coletivo de handebol e futsal. A quadra era dividida em duas partes. A parte maior com as traves era usada por 20 minutos para cada esporte, com cronometragem para alternância entre as referidas modalidades. Os próprios alunos arbitravam os jogos.

Essa atuação docente é criticada por González (2020, p. 132), que quando relata:

[...] os professores atuam nas aulas pautados pelo propósito de conseguir o melhor desempenho daqueles que representam a escola nas competições esportivas. Desse propósito, se deriva a 'necessária' seleção dos mais habilidosos e a escolha por 'treinar' apenas aquelas modalidades que fazem parte dos torneios ou campeonatos dos quais a escola participa (GONZÁLEZ, 2020, p. 132).

²⁵ Alexandra Priscila do Nascimento, conhecida como Alê (Limeira, 16 de setembro de 1981), é uma handebolista brasileira que atua como ponta direita. Começou a praticar handebol aos 10 anos na Escola Juiz Jairo de Mattos, em Vila Velha. Em 2000, saiu da escola para jogar em São Paulo, onde foi convocada pela primeira vez para a seleção brasileira júnior. Fez parte da seleção brasileira vencedora do Campeonato Mundial de Handebol Feminino de 2013, na Sérvia, sendo a vice-artilheira do torneio. Participou de três edições dos Jogos Olímpicos: 2008, em Pequim (9º lugar); 2012, em Londres (6º lugar); e 2016 no Rio de Janeiro. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexandra_Nascimento. Acesso em: 09 ago. 2024.

A sala de materiais esportivos e os troféus adquiridos em competições são expostos no pátio de entrada, o que evidencia o compromisso com o esporte e o reconhecimento das conquistas da comunidade escolar.

Fotografia 40 – Exposição de troféus da Escola Juiz Jairo De Mattos, em sua maioria conquistados pelas equipes de handebol masculino e feminino



Fonte: Foto autor (2023)

Em 2005, após notar a ausência de uma equipe de voleibol na escola, decidi propor um projeto para sua formação. Com o apoio do professor Lidimar, solicitei à Prefeitura quatro horas semanais de treinamento. Os treinos ocorriam uma vez por semana após a saída dos alunos, às 17h30. A convocação foi feita na sala de aula, limitando a participação aos estudantes sem equipe.

Apesar do suporte material fornecido pela escola, como uniformes e equipamentos, a formação da equipe foi difícil devido à falta de experiência específica em treinamento de voleibol. A baixa adesão dos alunos mais habilidosos devido ao compromisso com outras equipes da escola e a disposição em modificar as regras dos jogos contribuíram para as dificuldades. Conflitos internos surgiram, pois, embora fosse professor, os educandos não me viam como treinador. Desse modo, concordo com Barroso (2020, p. 87) quando ele diz que

[...] esporte federado e/ou espetáculo à Educação Física escolar, o que se desdobra em aulas orientadas às competições formais, identificação de talentos e o trabalho apenas com os melhores. Nesse formato, o professor deixa a sua função originária de lado para passar a ser um treinador, enquanto que os alunos passam à condição de atletas, perdendo a condição de estudantes. Fato este que, no ambiente escolar, deve ser amplamente questionado (BARROSO, 2020, p. 87).

Além disso, as regras rigorosas nos jogos escolares causaram debates em congressos técnicos, nos quais eu buscava flexibilidade. Encontrei resistência, inclusive com as arbitragens dos jogos, em relação à minha abordagem mais flexível das regras. Propus uma parceria com lojas locais para premiar os alunos vencedores com tênis, ao invés de medalhas e troféus, mas a ideia não foi adiante. Por fazer essa proposta, quase fui expulso do congresso técnico que antecedia os Jogos Escolares do Município de Vila Velha (JOEMVV) e os Jogos de Praia, que contavam com as modalidades o handebol de areia, o *beach soccer* e o voleibol.

Apesar das adversidades, trabalhei gradualmente com os alunos menos habilidosos, muitos dos quais excluídos de outras equipes. Desse modo, após um ano de trabalho, em 2007, consegui formar uma equipe de voleibol e, mesmo com todos os meus questionamentos sobre os jogos, levei os alunos para participar dos jogos escolares; mas sempre tratei de conscientizá-los acerca do fato de que a vitória não se resumia em vencer os jogos, mas estar ali semelhantes aos outros estudantes da escola.

Quanto à minha atuação como docente na escola, percebi que os alunos gostavam muito das aulas de Educação Física. Muitos relatavam que aguardavam ansiosamente pelo dia da semana em que tinham aula comigo. Observava-se também que, embora alguns deles faltassem às aulas de outras disciplinas, faziam questão de estar presentes no dia da aula de Educação Física.

No meu trajeto da escola do turno matutino para a do turno vespertino, almoçava em um restaurante no bairro em que ficava localizada a segunda. Certo

dia, por volta do meio-dia, estava chegando perto do comércio para meu almoço, quando, ao longe, ouvi uma voz que gritava meu nome. Parei minha motocicleta e olhei para trás. Era um aluno que conheceu meu veículo e veio correndo em minha direção. Pensei comigo: “Aconteceu alguma coisa na escola? Com ele?”. O estudante estava a uma distância de cerca de 800 metros. Esperei ele chegar perto de mim. Ele se aproximou, com umas sacolas brancas nas mãos; deveria ter saído de casa para fazer algum serviço para seus pais ou para alguém. Abriu um largo sorriso e disse: “Cica, hoje tem aula sua em nossa turma”. Afastou-se e foi embora. Parei e fiquei olhando aquele menino, voltando novamente para sua casa ou seus afazeres, na expectativa da sua aula de Educação Física no turno vespertino. Ali ficou bem solidificado que minha aula era muito importante para aquele aluno.

Outra questão era em relação ao meu plano de curso. Como o ano letivo era dividido em bimestres, colocava no papel: 1º Bimestre – ginástica e/ou basquetebol; 2º Bimestre – voleibol; 3º Bimestre – handebol; e 4º Bimestre – futsal. Esse cronograma era sempre entregue às pedagogas, que exigiam o plano de curso no início do ano. No entanto, nunca conseguia cumpri-lo como estava escrito. Isso acontecia por vários motivos, como o fato de que as turmas estavam cheias e o de que, na maioria das aulas, dividia a quadra com outro professor. Ainda bem que nesse período já atuava em quadra, pois, durante quinze anos, trabalhei, no turno matutino, em campo de futebol.

Quanto aos meus métodos avaliativos, eles consistiam em provas práticas do conteúdo específico do Bimestre, como repetição de gestos na ginástica e realização dos fundamentos nos esportes, além da participação e presença dos alunos (instrumentos avaliativos que fui adotando com o passar do tempo), fato também observado e refletido por Rodrigues Júnior (2016) em suas pesquisas:

[...] É preciso problematizar a efetividade da observação dos alunos como instrumento de avaliação caso ela não explicita ou não intencione a unidade entre objetivo-conteúdo-método-instrumento. A ausência de critérios claros para o recurso de observação pode resultar em trabalho inócuo e pouco efetivo. E exatamente essa falta de explicitação dos critérios é que foi elemento de destaque nos relatos de alguns professores. [...] revelaram

observar e avaliar a participação, o envolvimento e a postura dos alunos, entretanto, não ficou estabelecido claramente, como esses procedimentos deveriam se relacionar com os objetivos propostos. A participação objetivada seria apenas o 'fazer parte' das atividades no sentido de não ficar sentado observando os demais participarem? Qual seria a compreensão do professor sobre esse 'fazer parte' das aulas? Qual relação esse 'fazer parte' teria com o conteúdo e os objetivos de ensino? (RODRIGUES JÚNIOR, 2016, p. 208).

Para Libâneo (2006, p. 2001-2002),

A avaliação escolar é parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, e não uma etapa isolada. Há uma exigência de que esteja concatenada com os objetivos-conteúdos-métodos expressos no plano de ensino e desenvolvidos no decorrer da aula. Os objetivos explicitam conhecimentos, habilidades e atitudes, cuja compreensão, assimilação e aplicação, por meios de métodos adequados, devem manifestar-se em resultados obtidos nos exercícios, provas, conversação didática, trabalho independente etc. (LIBÂNEO, 2006, p. 2001-2002).

Neste sentido, minha preocupação era atribuir notas para alunos e, conseqüentemente, entregar as pautas todas prontas e organizadas no dia do conselho de classe. Ou seja, não fazia uma referência direta à utilização do processo de avaliação para mensurar a qualidade do trabalho desenvolvido. Portanto, ao concordar com Rodrigues Júnior (2016), percebo que meus conhecimentos sobre avaliação foram influenciados pelas minhas experiências nas disciplinas da Educação Básica, incluindo a Educação Física, os quais foram mantidos e repetidos durante minha formação universitária e em minha prática como professor.

Quanto aos momentos de planejamento, discussão e debates no diz respeito à aquisição e apreensão de conhecimento, percebia que, muitas vezes, a minha fala era subestimada. Para exemplificar, uma Doutora em Matemática esteve na escola para realizar uma formação em serviço com os pedagogos, diretores e professores de todas as disciplinas do currículo escolar. Durante a formação, quando foi aberta às falas, fiz alguns apontamentos e questionamentos nos quais citava alguns textos.

A primeira devolutiva que recebi dela foi no sentido de saber em qual

disciplina eu lecionava e, posteriormente, ela simplesmente relatou que não sabia que professor de Educação Física pensava da forma que eu estava me expressando. Muitas vezes, sentia que minha importância era tida como menor em relação às outras disciplinas, como Português, Matemática, História e Geografia. Paradoxalmente, era uma referência importante para os alunos, pois proporcionava experiências de aprendizagem peculiar, sendo um entusiasta no que diz respeito aos aspectos afetivos, sociais, pessoais, de forma intensa e explícita, tendo um conhecimento e carisma bem amplo dos meus educandos.

Vindo de uma formação tradicional e prática, sabia que não deveria continuar do mesmo modo e isso foi confirmado com a absorção dos discursos e debates do curso de pós-graduação em Educação Física Escolar na UFES, que frequentei integralmente, tendo como docente Valter Bracht, um dos autores da obra “Metodologia do Ensino de Educação Física”. No entanto, enfrentei sérias dificuldades financeiras durante esse curso de formação continuada, com salários atrasados pelas prefeituras de Cariacica e Viana, onde trabalhava. Isso me obrigava a pedalar longas distâncias para trabalhar e a buscar emprego como ajudante de pedreiro nos finais de semana. Essas dificuldades impediram-me de concluir a monografia, resultando na não obtenção do diploma de pós-graduação, apesar do esforço e dedicação investidos. Porém, tinha em mente que precisava trabalhar de alguma forma a Educação Física como cultura corporal (PCN's, 1997) e ainda ser reconhecido como os professores das outras disciplinas do currículo escolar.

Essa desvalorização da Educação Física é corroborada por Faria (2012, p. 13), que afirma:

Ao analisar a prática pedagógica dos professores inovadores e dos professores em estado de desinvestimento pedagógico, foram flagrantes as relações de desrespeito vinculadas à falta de reconhecimento da Educação Física como componente curricular. Em nossos estudos, pareceu-nos perceptível que a Educação Física é tida no meio escolar como uma disciplina de 'segunda classe'. A visão que se tem é da Educação Física como auxiliar das outras disciplinas, uma espécie de apêndice da escola. Essa desvalorização configura-se, por vezes, numa forma de desrespeito que aflige a condição de igualdade e de autonomia dos professores,

desmotivação tal que desencadeia lutas por reconhecimento. É importante deixar claro que a condição de 'segunda classe' não é exclusiva da Educação Física. Outros componentes curriculares, como é o caso de Artes e Línguas Estrangeiras, também não gozam de grande prestígio no universo escolar (FARIA, 2012, p. 13).

Portanto, precisava mostrar e provar que era um “intelectual” e que a Educação Física não se resumia a uma bola. Sinceramente, meu desejo era falar ou ter um discurso, um poder de argumentação igual ou semelhante aos meus professores da Pós-graduação da UFES para debater com os alunos e meus pares no ambiente escolar. Queria criticar o sistema, debater sobre o esporte e gritar, no sentido literal, que não só meu corpo estava na escola, mas minha mente. Diante do exposto, sem uma receita pronta, fui traçando meios para ser reconhecido no ambiente escolar.

20 ENTRE PALAVRAS E GESTOS: ESTRATÉGIAS PARA O RECONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO

No final do ano de 2007, fui selecionado pela Prefeitura Municipal de Vila Velha para participar do Congresso em Educação “Conhecer”. O evento, realizado pela *Máxima Eventos*, destacou questões sobre aprendizagem. Aos sorteados para esse Congresso, sendo selecionado um professor de cada turno, era oferecido ajuda de custo e pagamento da inscrição. Porém, o ouvinte teria que, ao retornar do evento, ser o divulgador das informações na escola. Presenciei palestras de renomados profissionais, como Gilberto Dimenstein, Isabel Parolin, Moacyr Gadotti, entre outros. Tomei notas detalhadas das falas e, posteriormente, elaborei apresentações em *slides* acerca dos assuntos discutidos.

Com o apoio da minha esposa, preparei um material abrangente, intitulado “Conhecendo o Conhecer: abordando os temas do Congresso”. A apresentação, realizada na escola, teve uma grande repercussão entre os professores, proporcionando um espaço reconhecido para mim na instituição. A partir desse momento, tornei-me um disseminador dos conhecimentos e informações adquiridos, realizando apresentações regulares na escola, as quais, além de proporcionarem um ambiente de formação contínua, contribuiram para a integração das disciplinas e para o meu reconhecimento como um professor fundamental na atuação da trajetória da escola.

Fotografia 41 – Apresentação, na escola, para os professores acerca do Congresso “Conhecer” de 2009



Fonte: Acervo do autor (2009)

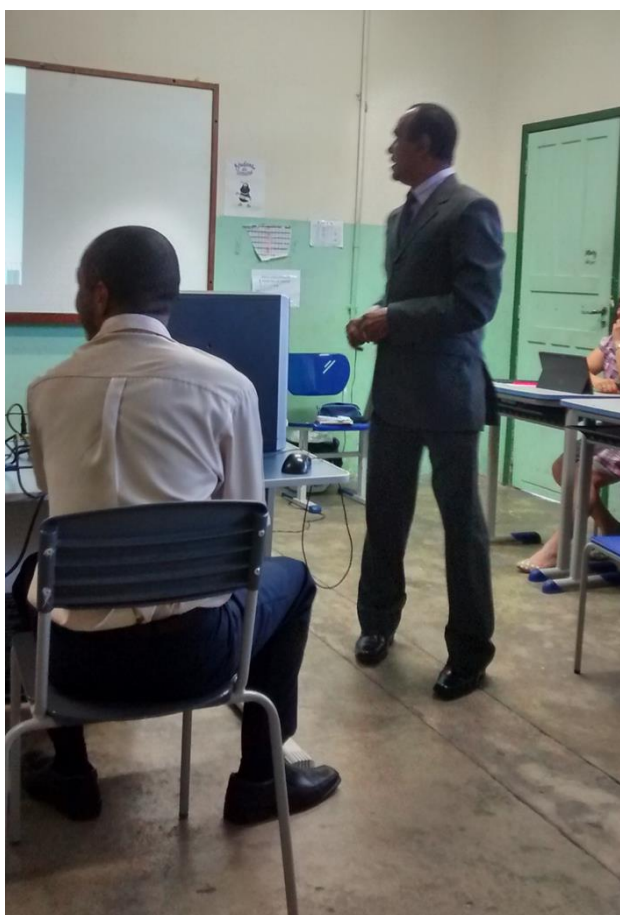
Estas apresentações tornaram-se tão impactantes que passaram a assumir o caráter de uma formação de professores em serviço. Desse modo, após vários anos sendo disseminador do ocorrido nesses eventos, em 2014, durante uma tarde de formação em serviço na escola, fui solicitado pela pedagoga a fazer um resumo de todos os Congressos “Conhecer” dos quais havia participado e realizar uma formação em serviço com o tema: escola, família e mídia. Essa profissional havia me acompanhado em todas as apresentações anteriores e exigiu ainda mais dessa vez, buscando uma abordagem formal, semelhante a de um congresso.

Assim, a pedagoga enviou uma mensagem para os professores, informando que receberíamos um formador de fora da escola. Ela me pediu para vestir uma roupa social e entrar no local somente quando me ligasse momentos antes da apresentação. Dito e feito. Aguardei do lado de fora da escola, mantendo uma certa distância do colégio, até receber a ligação. Recebendo-a, entrei vestido com terno e gravata, encontrando os professores reunidos para a formação.

Então, a pedagoga disse: “Pessoal, este é o nosso formador, que veio de fora

da escola”. Acredito que ninguém tenha notado minha ausência entre os professores, mas, quando entrei, todo arrumado, foi um contraste entre a vestimenta que eu usava para as aulas de Educação Física e a apresentação daquela formação. A tarde foi muito proveitosa. Alguns professores falaram ao final, dialogando com os textos e citando exemplos. Em suma, foi um envolvimento quase completo de todos.

Fotografia 42 – Apresentação do resumo de todos os Congressos “Conhecer” de que havia participado. Ao lado esquerdo da foto, sentado na cadeira, o professor de Informática, Fabrício



Fonte: Acervo do autor (2014)

Desta forma, avancei, se assim posso dizer, em outros espaços dentro do próprio ambiente escolar, sendo ouvido e requisitado pelos pedagogos, diretores e colegas de outras disciplinas. Assumi a liderança de eventos na escola que não se limitavam apenas a atividades esportivas e festas juninas. Aliás, vale ressaltar:

nunca fui chamado em nenhuma das escolas para organizar festas juninas ao longo dos meus 34 anos de profissão. Acredito que isso se dê devido à função eclesiástica que exerço, uma vez alguém poderia receber uma resposta negativa de minha parte.

No entanto, paradoxalmente, participei de todas as festas juninas, às vezes atuando como locutor, cantando os números do bingo e das rifas, atualmente chamadas de “ações entre amigos” e, principalmente, na decoração do espaço antes das festividades. Era praticamente o único que subia em lugares mais altos para colocar bandeiras e enfeites para essas festas.

Outra experiência que expressa minhas lutas por reconhecimento (Faria, 2012) está relacionado às atividades que estabeleci com o professor de Artes, Anderson Prisco, nas práticas extramuros, com visitas constantes ao *Museu Vale*, localizado no bairro de Argolas, Vila Velha, próximo ao bairro em que está situada a escola. Desenvolvemos uma parceria importante com a referida entidade, levando os alunos para visitar obras de arte contemporânea e para participar de *workshops*, além de conhecer a história da Estrada de Ferro Vitória a Minas.

Esta parceria durou cerca de uma década, de 2004 a 2014, destacando-se a participação ativa dos nossos alunos nos eventos do Museu. Como prova do sucesso desse trabalho, as imagens dos alunos foram utilizadas em uma página do calendário anual do centro histórico.

Fotografia 43 – Calendário do *Museu Vale*, em que há uma aluna da escola no recorte da foto. Exposição “Seu Sami”, 2007



Fonte: Acervo do autor (2008)

Fotografia 44 – Calendário do *Museu Vale*, em que se observam nossos alunos e alunas. Exposição “Seu Sami”, 2007



Fonte: Acervo do autor (2008)

Quanto à parceria com os colegas que dividiam a quadra comigo, ou eu com

eles, elas foram marcadas por uma relação positiva, duradoura e de muito respeito.

21 DA EXCLUSÃO À PARTICIPAÇÃO: RESSIGNIFICANDO OS JOGOS INTERCLASSES

Com meu reconhecimento não apenas como professor de Educação Física, mas também nas outras atividades na escola, busquei resolver questões que me incomodavam no ambiente escolar. Uma delas era a presença, durante aulas vagas, de alunos na quadra, cujo espaço era limitado. Trabalhei para conscientizar a coordenação, pedagogos, professores e alunos de que a quadra não é local para aluno de aula vaga. Essa era uma batalha constante, pois, em muitas ocasiões, estudantes acabavam se infiltrando nas aulas de Educação Física, dificultando o controle da turma.

A última lembrança de alunos tendo aula vaga na quadra foi em 2013, durante as paralisações motivadas pelos vinte centavos²⁶, quando muitos professores não conseguiram chegar à escola. Como eu utilizava uma motocicleta para ir ao trabalho, não enfrentei dificuldades para chegar ao local. Por esse motivo, a coordenação solicitou que algumas turmas sem professor fossem comigo para a quadra, enquanto ela cuidava das turmas que estavam sem docente na sala de aula.

Consegui alcançar esse objetivo, pois, a partir dos anos de 2014, alunos de aula vaga permaneciam em sala, no mini pátio da escola, na biblioteca ou na sala de informática, mas não na quadra. Muitos até diziam: “A quadra é do Cica”.

Outra questão que me incomodava era a realização dos jogos interclasses. Conforme Reverdito et al. (2008, p. 38),

²⁶ Os protestos de junho de 2013 tiveram início com reivindicações contra o aumento de 20 centavos nas passagens de ônibus, mas rapidamente se ampliaram para abraçar diversas outras demandas sociais. Originados em São Paulo, os protestos se espalharam pelo Brasil, adaptando-se às realidades locais e incorporando várias insatisfações populares. A mobilidade urbana foi central nas manifestações, influenciada pela postergação dos reajustes tarifários pelo governo federal e pela proximidade com a Copa das Confederações, que também foi alvo dos manifestantes. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/06/11/interna_politica,1505486/ 21 de junho de 2024.

Os jogos interclasses é um evento organizado e promovido no âmbito escolar entre as turmas e séries. Cada escola detém particularidades na organização do evento, o qual varia de acordo com a disponibilidade de espaço físico, recursos humanos, materiais e calendário. De modo geral, é uma época em que as atividades de sala de aula dão lugar às atividades esportivas (REVERDITO et al., 2008, p. 38).

Mesmo com várias tentativas de diferentes formatos, como jogos mistos e horários alternativos, ainda caíamos na armadilha da exclusão, uma vez que apenas os alunos mais habilidosos participavam das disputas, excluindo-se o restante. Essa exclusão é bem descrita por Reverdito et al. (2008, p. 39) quando afirmam que os protagonistas são exclusivamente os melhores e quase sempre reduzidos a um seleto grupo, alimentando estereótipos e acarretando a eliminação de qualquer possibilidade da participação de outros alunos.

Além disso, muitas vezes, o jogo interclasse era uma atividade exclusiva do professor de Educação Física e, em algumas ocasiões, os outros professores não compareciam devido a reuniões urgentes ou outros assuntos. Reverdito et al. (2008) observam que

[...] Via de regra, os dias ou semana dos jogos interclasses servem apenas como interposto para os professores de outras disciplinas saírem da rotina de sala de aula e colocarem seus afazeres em dia. Também é extremamente útil para fazer os alunos virem à escola, motivados pelo ambiente do jogo, para que sejam cumpridos os dias letivos exigidos (REVERDITO et al., 2008, p. 39).

Isto me fez repensar o modelo de competição na escola. Alguns professores de outras disciplinas adotaram e implementaram essa atividade em suas próprias instituições.

Desta forma, tomando posse de uma atividade aprendida com o professor Lidimar, a qual era inicialmente um circuito esportivo, acrescentei questões cognitivas, incluindo áreas de Conhecimentos Gerais e Exatas, e passei a chamá-la de “circuito esportivo/pedagógico”. Todas as turmas e alunos participavam da atividade simultaneamente, com o objetivo de obter a maior pontuação em cada estação. Após todas as turmas passarem por todas as estações, era feito um

intervalo para merenda, durante o qual era realizado a contagem de pontos pelos professores de suas turmas, a qual era entregue a mim para a divulgação do resultado após o recreio.

Esta atividade exigia a presença de todos os professores na quadra, bem como de todas as turmas, sendo realizada em um único dia. Foram necessários anos para que a atividade fosse consolidada como parte das celebrações do Dia do Estudante ou Dia da Criança.

22 JOGOS, CULTURAS E EDUCAÇÃO: A COPA DO MUNDO NA ESCOLA

Em 2022, a Copa do Mundo de Futebol Masculino da FIFA seria realizada pela primeira vez nos meses de novembro e dezembro. Diante dessa situação, vislumbrei a possibilidade de trabalhar o tema “Copa do Mundo” no início de cada trimestre com meus alunos, uma vez que a competição só ocorreria nos meses finais do ano letivo. Na outra escola em que eu atuava, pela manhã, já desenvolvia projetos com a Copa do Mundo.

Inicialmente, meu pensamento era apenas abordar as histórias das Copas, visando desmistificar a ideia de que um jogo de futebol se resume a 22 jogadores correndo atrás de uma bola. Além disso, planejava relacionar o evento ao cotidiano dos alunos, abordando não apenas o período da Copa, mas também toda a sua história, incluindo o período da Segunda Guerra Mundial, quando o evento não ocorreu. Para Soares et al. (1992, p. 49),

[...] o estudo do futebol na escola pode ser feito mediante uma análise que abarque diferentes aspectos, tais como: o futebol enquanto jogo com suas normas, regras, e exigências físicas, técnicas e táticas; o futebol enquanto espetáculo esportivo; o futebol enquanto processo de trabalho que se diversifica e gere mercados específicos de atuação profissional; o futebol enquanto jogo popularmente praticado; o futebol enquanto fenômeno cultural que inebria milhões e milhões de pessoas em todo o mundo e, em especial, no Brasil (SOARES et al., 1992, p. 49).

Durante as aulas, um aluno trouxe um álbum de figurinhas da Copa de 1978, que era de seu pai. Conversamos bastante sobre o evento realizado e vencido pela Argentina. Por outro lado, muitos alunos me perguntavam qual país seria campeão. Para mantê-los envolvidos, fiz uma proposta: se minha previsão estivesse errada, eu ofertaria um brinde para a turma; se estivesse certa, só queria o reconhecimento deles. Foi uma maneira de instigá-los a acompanhar o evento.

Desta forma, discorri em cada turma sobre o contexto histórico das edições anteriores e destaquei que, dos 206 países filiados à FIFA, apenas 8 haviam vencido o torneio. Fiz uma previsão, afirmando que a seleção campeã seria uma das cinco

que mencionei: Alemanha, Argentina, França, Inglaterra ou Brasil. Posteriormente, a Argentina sagrou-se campeã.

A temática superou todas as minhas expectativas em relação ao assunto. Na escola, fui convidado pelas pedagogas para falar sobre o tema em um dia de estudo, no formato de palestra, para os professores do turno vespertino. O objetivo inicial e geral da palestra era contar as histórias dos mundiais de futebol e, posteriormente, deixar sugestões para professores de outras disciplinas trabalharem temas relacionados à Copa no Qatar ou assuntos referentes a edições anteriores do torneio.

Posteriormente, haveria uma mostra cultural relacionada ao assunto, ou seja, um projeto de Copa do Mundo²⁷.

Em um primeiro momento, na data agendada pelo setor pedagógico da escola, ministrei a palestra para os professores de outras disciplinas. O tema inicial da palestra foi “Copa do Mundo: Além do Óbvio”.

Ao final, elenquei objetivos para o grupo, propondo ideias para um projeto com o tema Copa do Mundo, sugerindo um trabalho interdisciplinar e uma dinâmica para identificar todas as seleções campeãs mundiais de futebol masculino FIFA. Para cada disciplina do Currículo, mencionei algumas possibilidades de trabalho em sala de aula, destacando que não era necessário interromper o conteúdo do trimestre para falar sobre a Copa do Mundo e futebol. Pelo contrário, ao longo do ano letivo, conforme a demanda, o tema poderia ser inserido e, posteriormente, o

²⁷ Após o período da Copa, meu colega Marcilon e eu recebemos um e-mail nos convidando para publicar um artigo. A publicação do artigo “A Copa do Mundo como Tema Transdisciplinar” marca não apenas o encerramento de um ciclo, mas também o início de novas possibilidades e conquistas. Esse trabalho representa o esforço conjunto, refletindo o compromisso com a educação e o desejo de promover o aprendizado de forma interdisciplinar. Ao compartilhar nossas experiências e reflexões sobre o tema da Copa do Mundo, esperamos inspirar outros educadores a explorarem abordagens inovadoras em suas práticas pedagógicas. Que este artigo possa contribuir para o avanço do conhecimento e para o enriquecimento das práticas educacionais em todo o mundo!

professor poderia continuar com seu conteúdo ou ainda associá-lo à temática.

Deste modo, para a disciplina de Artes, sugeri o trabalho com as cores dos uniformes, principalmente da Holanda, Itália e Alemanha, que usam vestimentas de cores diferentes de suas bandeiras. Também propus a análise do *design* e da evolução dos uniformes no cotidiano.

Quanto a Ciências, sugeri um trabalho referente ao apelido da seleção da Holanda em 1974, chamada de “Laranja Mecânica”, em alusão ao filme de mesmo nome. Relacionei o tema com Pavlov e o condicionamento humano ao mundo do trabalho, sugerindo filmes como “Tempos Modernos” e “Laranja Mecânica” para o Ensino Médio, com cortes apropriados.

No que diz respeito a Matemática, sugeri atividades envolvendo os grupos das Copas e o saldo de gols, além de relacionar o tempo de jogo com questões de capital, como o exemplo de comprar gasolina longe e barato ou perto e caro. Para a disciplina de História, propus trabalhar com a história das Copas, as guerras e a divisão das Alemanhas, que se enfrentaram na Copa de 1974. Para a disciplina de Geografia, propus atividades relacionadas ao fuso horário, viagens e distâncias, uma vez que todas as Copas anteriores à de 2022 foram realizadas entre maio e julho, ou seja, no verão europeu e inverno americano. Agora, a Copa do Mundo no Qatar apresenta um novo contexto.

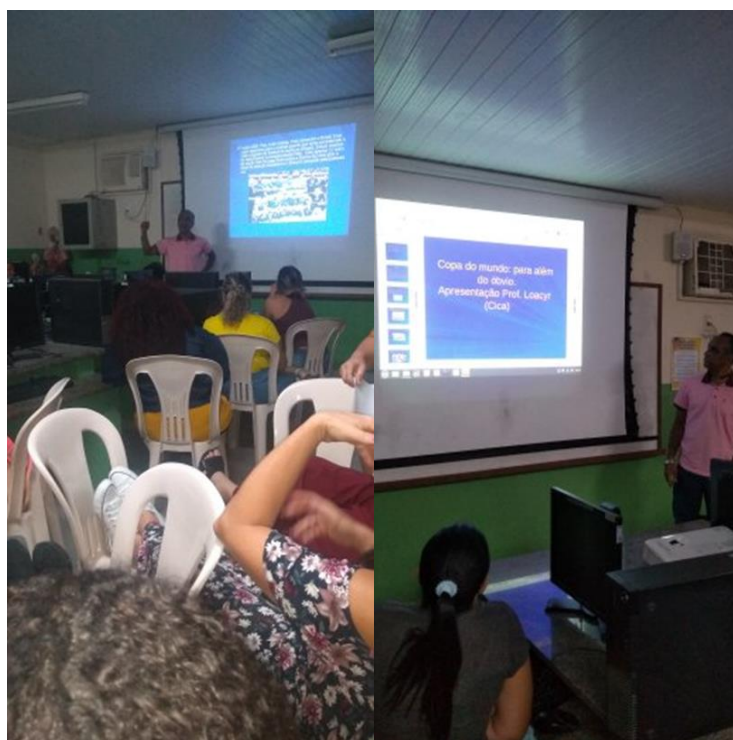
Quanto às disciplinas de Inglês e Português, respeitando a especificidade de cada uma, sugeri atividades relacionadas aos idiomas falados em um jogo de Copa e a problemática da Copa de 1966, quando, no jogo entre Argentina e Inglaterra, o árbitro alemão expulsou um argentino por reclamação. Nenhum dos dois se entendia em campo, nem árbitro nem jogador. Esse fato resultou na inclusão dos cartões amarelo e vermelho na Copa de 1970.

Por fim, para a disciplina de Educação Física, sugeri atividades com *games* da Copa do Mundo FIFA e PES, plataformas *PlayStation* e *Xbox*, além das músicas

das Copas, como “Wavin' Flag” interpretada pelo grupo Skank e K'naan.

A abordagem interdisciplinar proposta no projeto dialoga com a visão de Soares et al. (1992, p. 50), que destaca a importância de entender o futebol além de sua prática em campo. Segundo os autores, “esse mesmo fenômeno cultural chamado futebol constitui-se também num ‘mercado de trabalho’”. Ao explorar aspectos como o poder econômico e esportivo e o uso da pessoa humana na busca do lucro, os professores podem auxiliar os alunos a perceberem as complexidades que existem nos bastidores do futebol profissional. Dessa forma, o ensino do futebol na escola se torna mais abrangente, integrando a prática do jogo com uma compreensão crítica de suas implicações sociais e econômicas.

Fotografia 45 – Palestras sobre história das Copas na escola Juiz Jairo de Mattos Pereira. Dando início ao projeto Copa do Mundo



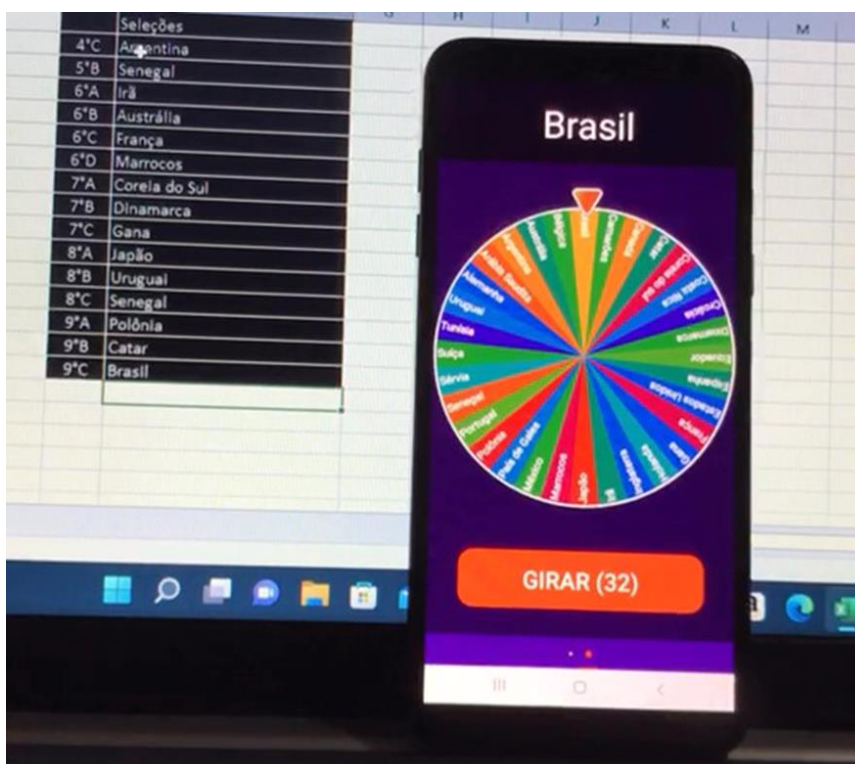
Fonte: Acervo do autor (2022)

Considerando o exposto, enfatizo o trabalho conjunto com as pedagogas, que foram fundamentais para o desenvolvimento do projeto sobre a Copa do Mundo, realizado de julho a outubro de 2022 na escola. Elas, juntamente com os

professores das outras disciplinas do currículo, impulsionaram o projeto, oferecendo apoio aos professores e auxiliando para que o mesmo pudesse ser concretizado. Delegaram algumas funções, como o sorteio de cada turma com o nome de um país, e identificaram as salas de aula colando as bandeiras dos respectivos países nas portas.

Em um segundo momento, realizamos o sorteio das turmas que representariam diferentes países. Cada turma, de acordo com o país que estivesse representando, teria sua bandeira fixada na porta da sala. Junto com os professores, as turmas confeccionariam bandeiras em preparação para um terceiro momento, que se daria na quadra, com jogos de diversas modalidades.

Fotografia 46 – Sorteios das turmas. Trabalho realizado pela professora Mariana, de Educação Física



Fonte: Arquivo de Mariana (2022)

Para Nunes e Couto (2014), em seus estudos sobre propostas relacionadas ao tema da Copa do Mundo, coletaram depoimentos de professores que destacaram a importância das atividades sobre o assunto. Segundo eles,

Atividades sobre a copa do mundo: aula teórica sobre o futebol e seus fundamentos, criação de bandeiras, países e até torcidas organizadas. Todas estas atividades se transformaram em projetos dentro da escola, pela força e determinação com que os mesmos foram alavancados. Observamos que a Educação Física é parte integrante e importante no processo educacional se a mesma for bem trabalhada, a construção será edificada com maior consistência (NUNES; COUTO, 2014, p. 36).

Fotografia 47 – Porta da sala da Turma do 6º ano D, que representou o Marrocos, seleção o 4º lugar na Copa realizada no Qatar em 2022



Fonte: Acervo do Autor (2022)

Quanto ao terceiro momento, em outubro, como não possuíamos um campo de futebol na escola e nem em suas proximidades, realizamos eventos esportivos na quadra, os quais incluíram jogos de queimada, futsal, handebol e voleibol, com todas as partidas sendo disputadas por equipes mistas para simular as competições entre os países.

O objetivo principal desse evento não era a premiação ou a classificação de

primeiro ou segundo colocado, mas sim a representação e exposição de cada turma com a bandeira, as cores e a torcida do país que estavam representando. Até para deixar o espaço onde os jogos eram realizados, como para ir ao banheiro, o aluno deveria apresentar sua credencial, que era uma bandeira plastificada do país que ele representava. Nesse dia, todas as turmas e professores souberam quais países cada turma estava representando na Copa.

Tivemos a presença de todos os professores junto às suas turmas e contamos com o apoio dos coordenadores e pedagogos para supervisionar as atividades. A organização e a realização desse evento ficaram a cargo dos professores de Educação Física com a colaboração efetiva de cinco alunos do curso de Educação Física em residência pedagógica da Universidade de Vila Velha (UVV).

Fotografia 48 – 3º momento. Evento esportivo. Jogo de queimada mista



Fonte: Arquivo da Escola Juiz Jairo de Mattos Pereira (2022)

Fotografia 49 – 3º momento. Alunos sentados em volta da quadra, representando a seleção do Irã



Fonte: Arquivo da Escola Juiz Jairo de Mattos Pereira (2022)

No quarto momento do projeto, cada turma foi encarregada de apresentar no pátio alguma curiosidade sobre a cultura do país que estava representando. Em geral, a maioria das turmas optou por apresentar alguma dança. No entanto, uma turma do 8º ano se destacou ao realizar um desfile representando as vestimentas das mulheres da Islândia.

Neste momento, questionei a professora responsável pela turma, mencionando que a Islândia não estava participando da Copa do Mundo no Qatar. Ela prontamente respondeu que o tema era a Copa do Mundo e que durante a palestra eu havia mencionado que poderíamos abordar qualquer período do evento, inclusive o período em que ele não ocorreu, de 1939 a 1949. Portanto, a professora

estava realmente seguindo a proposta de contar as histórias das Copas, visto que a seleção da Islândia participou do torneio em 2018.

Fotografia 50 – Momento de preparação do local onde os alunos realizaram as apresentações culturais



Fonte: Arquivo da escola Juiz Jairo de Mattos Pereira (2022)

Fotografia 51 – 4º momento. Evento no pátio com apresentação de atividade referente à cultura ou curiosidades de algum país



Fonte: Acervo da escola Juiz Jairo de Mattos Pereira (2022)

Quanto à conclusão do projeto Copa do Mundo, organizamos um torneio de futebol virtual utilizando a minha plataforma *Playstation 4*. Optamos pelo jogo *Pro Evolution Soccer (PES)* do ano de 2017, da empresa japonesa *Konami*, que ocasionalmente eu levava para a escola.

Como já estávamos no quarto dia do evento e os professores e alunos precisariam retornar aos horários normais de aulas em sala, realizamos o torneio em um sábado pela manhã, durante um dia de reposição de aula, e assim concluímos o projeto.

Fotografia 52 – Mostra cultural e eventos esportivos. Alunos participando do torneio de eliminatória simples de futebol virtual com jogadores lendários



Fonte: Acervo do Autor (2022)

23 ESTAÇÕES DE CONHECIMENTO: ALUNOS DA EJA E AS HISTÓRIAS DAS COPAS

A convite da pedagoga do turno noturno da Escola Jairo de Mattos, onde eu atuava no período vespertino, fui convidado a realizar uma parceria para uma noite de atividades sobre a Copa do Mundo. Ela solicitou que eu conduzisse uma palestra para os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do 1º e 2º segmentos.

Organizamos uma reunião prévia para planejar o evento. Durante o encontro, nossa sintonia foi notável e definimos algumas atividades para a palestra e para interagir com os alunos posteriormente.

Foi uma experiência marcante, pois eu estaria falando para alunos com idades entre 16 e 50 anos ou mais, todos reunidos no mesmo espaço e com diferentes experiências de vida. A realização de uma reunião prévia se mostrou fundamental diante da heterogeneidade do grupo. Como essa palestra seria seguida por atividades, decidi filmar a apresentação para registrar minha trajetória docente e todo o trabalho realizado com essa temática.

A produção dos trabalhos dos alunos da EJA foi gratificante. Ao término do evento, a pedagoga fez os agradecimentos, recebi um presente e encerramos as atividades com os alunos.

Fotografia 53 – Palestra para os alunos da EJA da escola Juiz Jairo de Mattos Pereira. Ao meu lado direito, sentada e de blusa verde, está a pedagoga Roberta



Fonte: Setor pedagógico da escola Juiz Jairo de Mattos (2022)

Fotografia 54 – Produção de atividades dos alunos da EJA após o evento. Essa noite foi reservada pela pedagoga somente para a palestra e as atividades. Muito emocionante!



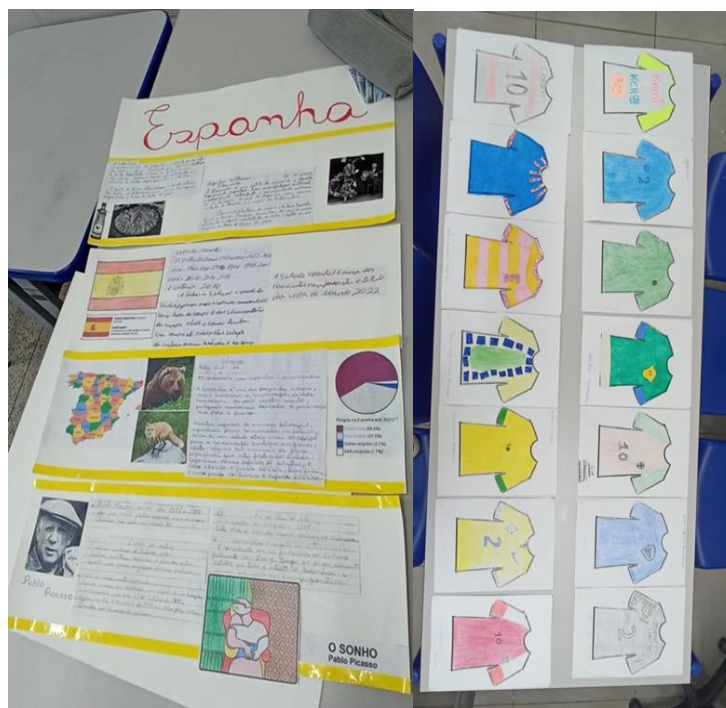
Fonte: Setor pedagógico da escola Juiz Jairo de Mattos (2022)

Fotografia 55 – Alguns foram fazer pesquisa sobre o tema na sala de informática



Fonte: Setor pedagógico da escola Juiz Jairo de Mattos (2022)

Fotografia 56 – Produto das atividades dos alunos da EJA referentes ao tema Copa do Mundo



Fonte: Setor pedagógico da escola Juiz Jairo de Mattos (2022)

24 DESPERTANDO SABERES: O DESAFIO DA FORMAÇÃO EM VILA VELHA

Como frequentador assíduo das formações continuadas em serviço em Vila Velha há mais de 20 anos, pude observar uma evolução significativa no formato dessas formações, especialmente no que diz respeito à proximidade com as produções dos professores nas escolas e à exposição dessas produções durante as formações, com destaque para a área de Educação Física. Essa mudança de abordagem tem incentivado os educadores a produzirem e compartilharem seus conhecimentos, estimulando uma cultura de inovação e criatividade. Em vez de simplesmente repetir o que já foi feito, os docentes são motivados a trazer à tona novas ideias e práticas, que antes poderiam ter permanecido desconhecidas e adormecido no chão da escola. Pimenta (1997, p. 11) destaca que

Nas práticas docentes estão contidos elementos extremamente importantes, tais como a problematização, a intencionalidade para encontrar soluções, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações de ensino complexas, as tentativas mais radicais, mais ricas e mais sugestivas de uma didática inovadora, que ainda não está configurada teoricamente (PIMENTA, 1997, p. 11).

Além disso, percebe-se uma maior integração e diálogo entre os formadores de Educação Física e as outras disciplinas do Currículo. Essa interdisciplinaridade promove uma troca de experiências e conhecimentos entre os professores, enriquecendo o ambiente de aprendizagem e estimulando a colaboração entre diferentes áreas de conhecimento. Nesse contexto, recebi dois convites para atuar como formador de meus outros colegas professores.

As duas formações que ministrei estavam relacionadas ao projeto “Copa do Mundo: Além do Óbvio”. Na primeira, fui convidado pela formadora de Educação Física de Vila Velha para realizar uma formação para professores da área, com cerca de 130 participantes, divididos entre os horários matutino e vespertino. Essa experiência me deixou inquieto, pois, após anos participando de formações continuadas em Educação Física, agora estava do outro lado, como responsável pela formação. Embora já tivesse alguma experiência em realizar palestras para

colegas dentro da minha escola, essa foi a primeira vez em que ministrava para professores de Educação Física de toda a Rede.

Fotografia 57 – Formação continuada para professores de Educação Física da rede municipal de Vila Velha, turno matutino



Fonte: Acervo do Autor (2022)

Fotografia 58 – Turno vespertino



Fonte: Acervo do Autor (2022)

A segunda experiência de formação ocorreu por meio do convite que recebi da formadora da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Rede. Em contato com a formadora de Educação Física, fui indicado para conduzir uma formação sobre as histórias das Copas do Mundo para os professores da EJA, como parte de um projeto interdisciplinar. Essa iniciativa evidencia o potencial das formações continuadas não apenas para o aprimoramento individual dos professores, mas também para o fortalecimento da comunidade escolar e o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais integradas e eficazes.

Portanto, após toda a organização prévia para a formação, o evento foi agendado para acontecer na *Biblioteca Municipal Titanic*, localizada no centro da cidade de Vila Velha, com início previsto para 18h30.

No entanto, recordo-me claramente que, naquele dia, fomos surpreendidos por uma chuva constante. Apesar das condições climáticas desfavoráveis, os

professores compareceram em bom número ao evento.

Fotografia 59 – Palestra. Formação para os professores, professora de Educação Especial e pedagogos da EJA do 1º e 2º segmentos. *Biblioteca Municipal Titanic*, em Vila Velha/ES



Fonte: Foto de Gabriel Guedes Venancio, professor de Educação Física da rede privada (2022)

Fotografia 60 – Auditório da *Biblioteca Municipal Titanic* durante formação em serviço



Fonte: Foto do setor de formação continuada da EJA da rede Municipal de Vila Velha – ES (2022)

25 DA ESPERANÇA À REALIDADE: MINHA VONTADE DE CURSAR A PÓS-GRADUAÇÃO

Minhas primeiras tentativas para o curso de mestrado ocorreram na UFES, nos anos de 2013 e 2014, no centro de Educação e Educação Física. No concurso para o centro de Educação, as etapas eram condicionadas, primeiro, à avaliação do projeto. Caso ele fosse deferido, o aluno obteria direito a fazer a prova avaliativa. Aprovado, iria para a entrevista. Por outro lado, no Centro de Educação Física o processo era contrário. Primeiro ocorria a realização da prova avaliativa e, ao ser aprovado, ocorria a avaliação do projeto de pesquisa e entrevista. Todas essas etapas eram de caráter eliminatório.

Tanto no concurso para o centro de Educação quanto no de Educação Física, fui aprovado nas provas avaliativas, mas eliminado nas entrevistas do projeto. Embora soubesse que meus projetos não estavam bem estruturados, acreditava que merecia uma oportunidade, pois tinha uma grande vontade de estudar e retornar à UFES para o curso de mestrado.

A reprovação no mestrado no Centro de Educação Física foi muito dolorosa, pois eram aproximadamente 111 inscritos e 20 vagas distribuídas entre as linhas de pesquisa. Na prova avaliativa, foram aprovados aproximadamente 11 alunos e, na minha linha de pesquisa, das 5 vagas, passaram 2 alunos, estando eu entre eles. Logo, concluí, estou no mestrado em Educação Física da UFES. Porém, minha nota, na entrevista do projeto, foi 4,0, inferior à nota mínima para aprovação, que era 7,0.

Para ano seguinte, em 2014/15, preparei-me novamente. Porém, nesse ano, fui reprovado nos dois centros na prova avaliativa. Portanto, diante dessas 4 reprovações, pensei que o mestrado não seria um curso de pós-graduação para mim, embora meus colegas professores insistissem para que eu tentasse mais uma vez.

Para a quinta tentativa de ingresso no curso de mestrado, decidi buscar o

edital do mestrado do IFES. Fiz minha inscrição e entreguei o projeto conforme o formulário solicitado. Com ambos deferidos, fui convocado para a entrevista, realizada de forma virtual. Fui um dos primeiros candidatos a ser entrevistado. Preparei minha fala e ensaiei com antecedência. No dia marcado, compareci à entrevista via *Google Meet*, às 17h30.

Após a entrevista, a primeira pessoa que me ligou foi minha esposa, perguntando como havia ocorrido a conversa. Fui breve e rápido na resposta, mesmo sem saber o resultado, que seria publicado posteriormente. Disse-lhe que fui reprovado na entrevista, com voz de decepção. Resultado: dito e feito.

Figura 1 – Resultado da 5ª reprovação para curso de mestrado no IFES



IFES
PROCESSO SELETIVO - 62/2021
ORGANIZAÇÃO: IFES | INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

RESULTADO Preliminar: Defesa de Anteprojeto (F3)					
INSCRIÇÃO	NOME	NOTA (F3)	SITUAÇÃO	MODALIDADE	
204	ANDRESSA PINTO OLIVEIRA DEL PUPO	100	Aprovada	Ampla Concorrência	202 - PRÁTICAS EDUCATIVAS -
270	LEONARDO LOPES DE OLIVEIRA	100	Aprovado	Ampla Concorrência	202 - PRÁTICAS EDUCATIVAS -
51	REGINA MARIA DA SILVA	80	Aprovada	Pretos, Pardos e Indígenas (PPI)	202 - PRÁTICAS EDUCATIVAS -
121	FRANCIELY FIORANI DIAS COUTO	59	Reprovada	Ampla Concorrência	202 - PRÁTICAS EDUCATIVAS -
168	LÍVIA SILVA DE QUEIROZ	57	Reprovada	Ampla Concorrência	202 - PRÁTICAS EDUCATIVAS -
348	MARIA IZABEL CALOT LIMA	55	Reprovada	Ampla Concorrência	202 - PRÁTICAS EDUCATIVAS -
199	EVALDO PEREIRA DE OLIVEIRA	52	Reprovado	Ampla Concorrência	202 - PRÁTICAS EDUCATIVAS -
112	LOACYR CLAUDIO MARTINS FERNANDES	51	Reprovado	Pretos, Pardos e Indígenas (PPI)	202 - PRÁTICAS EDUCATIVAS -
169	POLIANA KASSIA NASCIMENTO SILVA	50	Reprovada	Pretos, Pardos e Indígenas (PPI)	202 - PRÁTICAS EDUCATIVAS -

Fonte: IFES (2021)

Paralelamente ao concurso para o mestrado no IFES, também me inscrevi para o concurso de mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Nesse concurso, a avaliação e classificação dos candidatos foram baseadas na titulação apresentada, conforme os critérios estabelecidos pelo edital. As 20 disponíveis foram preenchidas de acordo com a ordem de classificação na contagem de títulos.

Desta forma, enviei meus títulos conforme exigido pelo programa de

mestrado. No entanto, ao sair o resultado, minha classificação foi a sexagésima primeira (61^a), o que significava que não obtive chances de ingressar no curso. Essa foi minha sexta tentativa sem sucesso (para não dizer, mais uma vez, que fui reprovado).

Quanto à perspectiva de mais uma tentativa para o mestrado, ela principia no final do ano letivo, mais precisamente, em 18 de dezembro de 2021. Foi quando a formadora da rede municipal de Vila Velha, Elaine, sempre atenta à formação continuada de educadores, postou, no grupo de *WhatsApp* de Professores de Educação Física da Rede, o edital do PROEF para a 3^a turma dos anos de 2022 a 2024.

Ao fazer a leitura completa do edital, percebi que não haveria entrevista nem análise de projeto, pois ele seria construído no decorrer do curso. Portanto, a avaliação para ingressar no mestrado seria composta de 40 questões objetivas e uma prova de estudo de casos. Para ser habilitado nesse concurso de mestrado do ano de 2022, o candidato deveria obter 60% de acerto na prova objetiva. No que diz respeito à prova de estudo de casos, a pontuação era de 0 a 20 pontos. Dessa forma, o candidato deveria, no mínimo, conseguir 10 pontos, ou seja, 50%, para ser classificado.

Outra questão era que, sem entrevista e análise de projeto, que eram meus obstáculos anteriores para ingressar no concurso de mestrado, concluí que minha aprovação dependeria do meu esforço nos estudos para a prova objetiva. No entanto, restava a prova de estudo de casos, que não poderia ser estudada da mesma forma, por ser uma avaliação discursiva. Reconheci que isso representaria um desafio maior, mas estava determinado a alcançar a nota mínima necessária. Com essa mentalidade, esperava ser aprovado para cursar o Mestrado Profissional em Educação Física no polo da UFES em 2022.

Comecei a estudar em dezembro do ano anterior. Sabia que praticamente

começaria do zero, pois os 31 anos em sala de aula, em diferentes turnos, deixaram pouco tempo para estudos contínuos. Mesmo assim, sempre fui assíduo em congressos de Educação e Educação Física, além de participar ativamente de formações.

Elaborei um rigoroso horário de estudo para dezembro e janeiro, dividido em três períodos. Pela manhã e tarde, estudava das 8h às 11h30, e, à tarde, de 14h às 18h, dedicando-me à leitura e anotações. À noite, preparava tudo para o dia seguinte, deixando os livros e o *notebook* prontos na mesa para começar a estudar assim que acordasse.

Durante esse período, estudei também aos sábados e domingos, e optei por não tirar férias em janeiro de 2022, dedicando-me aos estudos até o dia 30 do mesmo mês, véspera da prova para o mestrado, que começou às 14h.

Porém, nesse processo de estudo e preparação para o concurso do mestrado profissional, fui impactado quando me deparei com o texto que discorria sobre o desinvestimento pedagógico, ou “rola bola”, ou “aula matada”, abandono de docência (González, 2020). Sentia-me, em parte, assim.

Neste momento, minha mente foi tomada por reflexões sobre os 20 anos em que dediquei minha vida profissional sem faltas, até o momento em que me afastei da escola por seis meses devido a uma lesão no joelho direito durante um aquecimento com os alunos do 6º ano. Refleti sobre todas as atividades realizadas na escola ao longo dos anos. No entanto, o texto em particular me incomodou profundamente, levando-me a questionar minha prática pedagógica. Essa questão acrescentou uma certa melancolia ao fato de estar aposentado pelo Instituto de Previdência de Cariacica (IPC).

Por fim, não como conclusão dessas fases, mas como força da expressão, em um momento de superação, paradoxalmente, esse texto me impactou muito e,

por que não dizer, picou-me, assim como o veneno de uma serpente, de onde se produz o soro que cura sua picada. Esse texto foi o que me fez ingressar no mestrado profissional (PROEF).

Durante a avaliação, com duração de aproximadamente quatro horas, estava muito cansado, quase a ponto de desligar a tela do *notebook* e desistir do concurso. Entretanto, na realização da 36ª ou 37ª questão, veio a citação do tema “entre o rola bola e a renovação pedagógica”. Ao ler a atividade, até esbocei um tímido sorriso na tela do computador. Foi a questão que tive 100% de certeza de que estava correta, pois era o dilema que eu estava vivendo. Após essa questão, meu vigor revisitou. Então, terminei as outras quatro ou três questões objetivas que faltavam para a primeira fase do concurso e, posteriormente, já fortalecido, fui para a questão de estudo de casos. Resultado: APROVAÇÃO.

Após seis tentativas não concretizadas para o curso de pós-graduação, em março do ano de 2022, finalmente, estava realizando a minha inscrição para cursar o mestrado profissional em Educação Física, da 3ª turma do PROEF, com o polo na UFES.

26 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, procurei relatar minha trajetória como pessoa desde a minha criação em uma família composta por seis irmãos em um bairro da COHAB-ES, no município de Cariacica. Também descrevi alguns aspectos de minha entrada na educação básica e de minha relação com a Educação Física. As influências que recebi até culminar na minha escolha pelo curso de Educação Física na UFES e a conclusão em 1990. Posteriormente, discorri sobre minha trajetória profissional como professor de Educação Física. Embora tenha trabalhado em sete escolas, decidi descrever aspectos da minha trajetória profissional em três delas (nas que atuei por mais tempo), refletindo sobre minhas experiências e os desafios que enfrentei ao longo da minha carreira. Neste relato, priorizei destacar determinadas características da minha prática pedagógica, oportunidade para ressaltar minha relação com o esporte e as iniciativas que empreendi em busca de reconhecimento profissional.

No que diz respeito à primeira escola onde atuei, a EMEF Jardim Botânico, minha prática era caracterizada menos pelo trato pedagógico dos esportes e mais pelo ensino de outros conteúdos da Educação Física. Utilizei os mais diversos materiais improvisados, como cabos de vassoura e jornais, para trabalhar equilíbrio, corrida em deslocamento, coordenação motora, jogos e brincadeiras. Com bolas, trabalhei o jogo de queimada, ressignificando o mesmo. Realizei todas essas atividades em um campo de futebol ao lado da escola por 17 anos. Nessa instituição, a característica marcante era a diversidade de atividades realizadas, sempre adaptadas às condições limitadas de infraestrutura e materiais. Além do meu envolvimento com os desfiles escolares, foi significativa a parceria com professores de outras áreas do currículo escolar, como a disciplina de Geografia, em um projeto que foi assumido por toda a escola.

Quanto à segunda escola, a EMEF Constantino José Viera, no município de Viana, comecei a estabelecer uma relação mais próxima com o esporte. Nesse ambiente, pude introduzir atividades esportivas como o voleibol e o futebol,

adaptando o espaço para a realização das práticas.

Em relação à terceira escola, UMEF Juiz Jairo de Mattos, localizada em Vila Velha e conhecida por sua tradição esportiva, minha prática ganhou mais maturidade. Esse período foi marcado por um conflito entre a tarefa de ser professor e a tarefa de ser treinador. Propus a reorganização das regras e enfrentei dificuldades, pois os colegas resistiam a modificar a tradição instituída da relação entre Educação Física e esporte.

Ao longo da minha trajetória, a falta de infraestrutura e materiais adequados foi uma constante. No entanto, essas dificuldades me incentivaram a ser criativo, buscando sempre alternativas para proporcionar uma educação física de qualidade aos meus alunos. Minha prática evoluiu de atividades diversas e improvisadas para um enfoque mais estruturado e esportivo, conforme as condições e oportunidades de trabalho melhoravam.

Minhas estratégias para buscar reconhecimento entre os pares envolveram não apenas o desempenho em sala de aula, mas também a participação ativa em eventos escolares e esportivos. O reconhecimento pelo meu trabalho veio não só dos alunos, mas também com as várias homenagens recebidas em Cariacica, dentro e fora da escola, e a oportunidade de levar meu projeto sobre as histórias das Copas realizados na escola Jairo de Mattos à formação continuada de professores da prefeitura de Vila Velha, especialmente no ano de 2022.

Minha constante busca por conhecimento em curso de mestrado, que culmina com a minha aprovação no mestrado profissional (PROEF), reflete meu compromisso com a educação e com o bem-estar dos meus alunos. Em resumo, minha trajetória como professor de Educação Física foi marcada pela adaptabilidade, criatividade e por uma busca contínua por reconhecimento e melhoria. Cada escola apresentou desafios que me ajudaram a crescer profissionalmente e a desenvolver uma prática pedagógica que eu julgava cada vez

mais inclusiva.

Por fim, gostaria de expressar um texto em forma de poesia, que escrevi em uma manhã em que me preparava para ir para escola.

QUE BOM SERIA...

Acordar cedo e poder dizer: vou para o trabalho e colocar no fim dessa frase uma exclamação que denotasse o trabalho não como profissão, e sim como uma paixão. Que bom seria... Quando lá chegar, falar um belo bom dia! Não como código de convívio social, mas como sincera explosão de afeto.

Que bom seria... Preparar conteúdos, na certeza da interferência de cada educando.

Que bom seria... Com os conteúdos conseguir transportar os alunos para sonhos. E para cada conteúdo ter recursos adequados para que os sonhos fossem possíveis e realizáveis.

Que bom seria... Se vez por outra poder “derrubar” os muros da escola e realizar a aula na casa de alguém que acabou de nascer ou alguém que cansou de viver. Explicar para os alunos o sentido da vida e mostrar que algumas pessoas têm suas vidas marcadas tão somente por um traço; nascido em... Traço falecido em...

Que bom seria...

Ensinar o português sem colher o “bairrês”.

Explicar a matemática e colher a prática.

Falar de história sem pensar: onde mora?

Na geografia esquecer-se de muitos que vêm de barriga vazia, noites frias e pior; mentes cheias de tudo, menos de geografia. Para onde vou? Onde vou trabalhar? Quem é meu pai? Onde está minha mãe? Quem sou? Que posição ocupo neste lugar? Ah! Poder resolver uma parte dessa geografia, sem usar a nota fria.

Na ciência descobrir que o corpo humano é universo além da matéria, onde alma e vida se entrelaçam. Tratá-lo com humanidade, indo além das simples categorias de identificação como um de CPF, C.I. ou número de chamada do diário escolar.

Se nas artes acender em cada aluno o iluminismo de séculos passados como uma

perspectiva artística de reverter todo retrato que já está pintado com um futuro incerto e transformá-lo em concreto e alcançável.

Religiosamente dizer: ontem eu lutei, hoje fui vitorioso, amanhã vencerei.

Em cada modalidade esportiva poder dizer: “nenhuma derrota é fatal e nenhuma vitória é final”.

Ah! Que bom seria... Terminado o expediente o prazer superar o cansaço e poder dizer: até amanhã! Não para simbolizar repouso ou descanso... Mas que o até amanhã fosse só o sinal de que a terra daria um pequeno giro de doze horas e sua sombra impediria a execução do labor, porém o continua a brilhar e o meu vigor junto com a sua luz.

Que bom seria.... Não aposentar, porque mestres, estes são eternos.

Texto: O autor – Loacyr Claudio Martins Fernandes (CICA)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciano de; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Professoras de educação física: duas histórias, um só destino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 13-35, maio/ago. 2007. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.3542>.

ARAÚJO, Maíra Lopes de; MOLINA NETO, Vicente. “Essanegrão!” A prática política-pedagógica de uma professora negra em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 203-225, jan. 2008.

BATISTA, Madson Moura. **Autobiografia docente: (des)caminhos pedagógicos**. 2020. 230 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede nacional – ProEF) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

BETTI, Irene Conceição Rangel; BETTI, Mauro. Novas perspectivas na formação profissional em educação física. **Motriz**, Rio Claro, v. 2, n. 1, p. 10-15, jun. 1996. DOI: <https://doi.org/10.5016/6507>.

BORGES, Cecília Maria Ferreira. **O professor de educação física e a construção do saber**. Campinas: Papyrus, 1998.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100005>.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Resolução nº 03, de 16 de junho de 1987**. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena). Brasília, 1987. Disponível em: https://crefrs.org.br/legislacao/pdf/resol_cfe_3_1987.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.

_____. **Decreto nº 69.450, de 1º de novembro de 1971**. Regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e alínea c do artigo 40 da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências. Brasília, 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-69450-1-novembro-1971-418208-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 30 nov. 2023.

_____. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 30 nov. 2023.

_____. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015.

_____. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Rio de Janeiro, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 30 nov. 2023.

_____. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular Ensino Fundamental.** Brasília, MEC/SEB, 2017.

_____. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física.** Brasília: MEC/SEF, 1997. 96 p.

BRUM, José Natal da Silva. **Papel social e educacional das escolinhas de futebol que participam da copa A Gazetinha no município de São Mateus - ES.** 2019. 88 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, 2019.

CAMÕES, José Camilo. **O índice de aproveitamento acadêmico e sua correlação com o teste de habilidade específica.** 1988. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. **O tempo e o lugar de uma didática da educação física.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.

CARIACICA. Decreto n. 93, de 8 de abril de 2008. Disponível em: https://cariacica.legislacaocompilada.com.br/Arquivo/Documents/legislacao/html_imp_ressao/D932008.html?identificador=30003A004C00. Acesso em: 30 maio 2024.

CHICON, José Francisco. **Escrita de si:** trajetória de formação e docência no eixo ensino, pesquisa e extensão na perspectiva da inclusão. 2021. Memorial apresentado à Comissão Especial para avaliação de desempenho, como requisito obrigatório para obtenção de acesso à Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021. Disponível em: https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/memorial_prof_jose_francisco_chicon.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.

ESPÍRITO-SANTENSE. *In*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Miniaurélio Século XXI Escolar:** o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 289.

FARIA, Bruno de Almeida. **As relações de reconhecimento social na cultura escolar: um caminho para a compreensão da construção das identidades**

docentes. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

FERNANDES, Loacyr Claudio Martins; SILVA, Marcilon Bezerra da. **A copa do mundo como tema transdisciplinar.** The world cup as a transdisciplinary theme. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 7937-7943, mar./abr. 2023.

FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. **Experiências sociais no processo de formação docente em Educação Física.** 2004. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

GEPROFEF - IFSULDEMINAS. Pesquisas Autorreferentes na Educação Física Escolar. Transmitido ao vivo em 22 de novembro de 2022, 1h18min55s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4MxUJBv73SA>. Acesso em: 19 ago. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990 (Biblioteca Vértice. Sociologia e política).

IMPOLCETTO, Fernanda Moraes; DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais. *In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (org.). Desafios da Educação Física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF.* São Paulo: Cultura, Acadêmica, 2020.

CANESTRARO, Juliana de Félix; ZULAI, Luiz Cláudio; KOGUT, Maria Crisitna. **Principais dificuldades que o professor de Educação Física enfrenta no processo ensino-aprendizagem do ensino fundamental e sua influência no trabalho escolar.** *In: IV Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar (CONPEF).* Londrina: UEL, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/263579983>. Acesso em: 29 maio 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEITE, Werlayne Stuart Soares. Carimba: **una opción de juego lúdico para las clases de educación física escolar.** *Revista Italiana Di Pedagogia Dello Sport*, v. 1, p. 45-50, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2006.

LIMA, Genis Alves Pereira de. **Os colégios polivalentes na ditadura civil-militar como modelo de educação:** estudo sobre a Escola Estadual “Antônio Souza Martins” de Ituiutaba-MG (1974-1983). 2018. 275 f. Dissertação (Mestrado em

Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

MACHADO, Thiago da Silva. **Sobre o impacto do Movimento Renovador da Educação Física nas identidades docentes**. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

MARQUES, Bruno. **Os trilhos da História: memórias da Desportiva Ferroviária**. Vitória: [s. n.], 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29.

MORENO, Marianna. A caminhada é longa e só chega no destino quem tem coragem de continuar mesmo com os desafios! Disponível em: <https://www.frasesdobem.com.br/frases-de-caminhada>. Acesso em: 19 ago. 2024.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. *In*: NÓVOA, António (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

NUNES, Naidea. Alcinhas. *In*: MADEIRA GLOBAL: GRANDE DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA MADEIRA. Lisboa: Theya Editores, 2019. p. 244-245. v. 1. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.2/9530>. Acesso em: 30 nov. 2023.

NUNES, Tatiana Cortez; COUTO, Yara Aparecida. **Educação Física Escolar e Cultura Corporal de Movimento no Processo Educacional**. 2014. Disponível em: https://unifac.edu.br/images/materiais_de_apoio/ed_fisica/segundo_semestre_2014/patricia/processo_educacional.pdf. Acesso em: 01 jun. 2024.

OLIVEIRA, João Gonzaga de. **Teste de habilidade específica para vestibulandos de Educação Física: permanência ou abolição: um estudo de caso**. 1991. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

OLIVEIRA, Susan Kelly Fiuza de Souza; GOMES, Cleobmar Ferreira; MOREIRA, Evando Carlos; COFFANI, Márcia Cristina Rodrigues da Silva. **A queimada e suas variações: indicativos para uma prática participativa na educação física escolar**. Cadernos de Formação RBCE, Rio de Janeiro, v. 10, p. 32-43, mar. 2019.

OLIVEIRA, Victor José Machado de; LUIZ, Igor Câmara. **Da queimada “intergaláctica” ao cabo de “três forças”: uma experiência pedagógica sobre os usos dos jogos como conteúdo de ensino da educação física**. Cadernos de Formação RBCE, Rio de Janeiro, v. 7, p. 20-31, mar. 2016.

PEDROSA, José Geraldo; BITTENCOURT JÚNIOR, Nilton Ferreira. Americanismo e educação para o trabalho no Brasil: os ginásios polivalentes (1971–1974). **Revista Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 24, n.1, p.11-30, jan./abr. 2015.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores - **saberes da docência e identidade do professor**. Nuances, v. 3, set. 1997. Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada, Faculdade de Educação, USP, São Paulo, Brasil.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA. **Secretaria Municipal de Educação - Ensino Fundamental**. Disponível em: <https://www.cariacica.es.gov.br/pagina/semi-ensino-fundamental>. Acesso em: 30 maio 2024.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; SILVA, Sidney Aparecido Dias da; GOMES, Thales Marcel Ribeiro; PESUTO, Claudinei de Lima; BACCARELLI, Walter. **Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola**. Pensar a Prática, v. 11, n. 1, p. 37-45, jan./jul. 2008.

RODRIGUES JÚNIOR, José Carlos. **Narrativas de vida e saberes de professores de Educação Física**. Curitiba: Appris, 2016.

SANTOS, Gisele. **Criamos dois jogos populares: em busca do elo perdido**. In: CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 4., 2009, Londrina. Anais [...]. Londrina: UEL, 2009.

SISTEMA Transcol. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. São Francisco: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_Transcol. Acesso em: 30 maio 2024.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUSA, Eustáquia Salvadora; VAGO, Tarcísio Mauro. A nova LDB: repercussões no ensino da Educação Física. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 3, n. 16, p. 19-29, jul./ago. 1997.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cadernos Cedes, Campinas, v. 19, n. 48, ago. 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 69, de 12 de dezembro de 1987**. Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Educação Física – Licenciatura do Centro de Educação Física e Desportos desta Universidade, conforme anexo desta Resolução. Vitória, 2007a. Disponível em: https://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_69.2007_-_projeto_pedagogico_ed_fisica_-_licenciatura.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.

_____. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Anexo da Resolução nº 69/2007 – CEPE: Educação Física Licenciatura**. Vitória, 2007b. Disponível em: <https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/PPC%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20-%20Licenciatura.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.